República

ANO 62 (2.ª SÉRIE)
N.º 15 426
QUINTA-FEIRA
2 DE MAIO
1974

Fundado por
ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA

Director
RAUL RÊGO

PROPRIEDADE DE EDITORIAL REPÚBLICA
REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: RUA DA MISERICÓRDIA, 116 - LISBOA 2
TELEFONES: 32 85 32 - 32 51 38 - 32 53 24

Preço 2$50

Mais do que milhares de pessoas, Lisboa teve ontem nas ruas, sim, quilómetros e quilómetros de povo. Um povo alegre que já sabia ser preciso «matar a tristeza», e matou-a mesmo. Um povo a quem negavam maturidade para a democracia, e sempre a amou e reconheceu como sua. Agora nada de acumular saudades «disto» — «isto» é para defender!

O Povo já não tem medo

«FOI HOJE, FOI AQUI QUE NÓS DESTRUÍMOS O FASCISMO!»

—gritou Mário Soares no Estádio 1.º de Maio

O Povo já não tem medo. Esta descoberta espantosa e comovedora dominou ontem as gigantescas manifestações do 1.º de Maio, que assumiram proporções nacionais. Um ex-exilado político vindo de França declarou-nos em lágrimas: «Diga no seu jornal que isto foi mais belo e mais esplêndido do que a libertação de Paris, a que eu assisti!».

«Se isto não é o Povo, então onde está o Povo?» — gritaram cadenciadamente, primeiro entre a Alameda Afonso Henriques e o Estádio 1.º de Maio (ex-Estádio da F. N. A. T.), depois, até de madrugada, por toda a cidade de Lisboa, multidões incalculáveis de populares, cujo comportamento cívico desmentiu em absoluto as repetidas «constatações» do governo fascista derrubado em 25 de Abril sobre a sua «falta de maturidade». Glosemos o dito de ontem: se aquilo que fizemos ou vimos não foi ser maduro e responsável, então o que é ser maduro e responsável neste mundo dos homens?

Constatação autêntica, sim, a de Mário Soares ao falar no Estádio: «Camaradas, em 25 de Abril as Forças Armadas substituiram o governo fascista de Marcelo Caetano. Mas foi hoje, foi aqui que nós destruímos o fascismo!».

A destruição fez-se mediante a mais genuína festa que este Portugal tes-

(Continua na pág. central.

RUI LUÍS GOMES CHEGA AMANHÃ

Vindo do Brasil, onde tem estado exilado nos últimos anos, chega amanhã ao aeroporto da Portela o prof. Rui Luís Gomes.

A chegada está marcada para as 7 horas da manhã.

MÁRIO SOARES VAI AVISTAR-SE COM SHENGOR

(Ler na última página)

32 PÁGINAS

neste número: suplemento ARTES E LETRAS

AS FORÇAS ARMADAS E A GUERRA COLONIAL

comentário de **MÁRIO MESQUITA**

«Uma instituição existe no presente que forçosamente estará no caminho das forças democráticas, seja para impedir o seu desenvolvimento, seja para apoiá-lo. Mas não se pode fazer de conta que ela não existe. Trata-se das Forças Armadas». Isto afirmava José Medeiros Ferreira numa tese enviada ao Congresso da Oposição Democrática, realizado no ano passado em Aveiro. «O papel das Forças Armadas», acrescentava mais adiante, «sempre decisivo num processo de reestruturação nacional, encontra condições de desenvolvimento extraordinário no estado actual de representação política das classes trabalhadoras e das forças democráticas em geral».

Lidas estas palavras depois do «25 de Abril», quase nos sentiríamos tentados a dizer que se revestiram de carácter premonitório. Contudo, em Aveiro-1973, dominantes que eram as preocupações pré-«eleitorais», as obcessões unitárias, o texto passou praticamente despercebido, tanto mais que nunca chegou a ser publicado, nem na Imprensa, nem em livro, ainda que o nosso jornal tenha entrevistado Medeiros Ferreira, actualmente exilado na Suíça, sobre alguns dos temas abordados na sua comunicação. Além disso, as declarações de alguns candidatos (Arons de Carvalho, Pedro Coelho) nas pseudo-eleições de Outubro fazem-nos crer que os quadros oposicionistas não terão sido indiferentes à sua leitura.

Noutra passagem desse excelente documento político, que esperamos brevemente publicar na íntegra, faz-se uma observação de flagrante actualidade:

«As Forças Armadas são, hoje por hoje, uma instituição essencialmente nacional. Prescrutando o conjunto dos corpos constituídos da sociedade portuguesa, diremos até que é o Exército a instituição que mais se confunde com a Nação. E, embora o Exército seja efectivamente um instrumento da política das classes dirigentes, a instituição, essa, enquanto tal, é inter-classista e nacional.»

Mas, para evitar que a alegria que tem governado as ruas de Lisboa se transforme em logro, importa que não venhamos a cair no erro inverso daquele que Medeiros Ferreira apontava. Quer dizer: é necessário que a Oposição, que antes terá menosprezado a reflexão sobre a instituição militar, se não transforme agora em suporte cego e desprevenido a tudo quanto vier do lado das Forças Armadas. De resto, muitas das questões que a referida tese levantava continuam a manter actualidade:

«Estará na lógica da instituição a possibilidade de apoiar movimentos nacionais que se proponham resolver politicamente o problema das colónias, admitindo a independência destas, para melhor se proceder ao levantamento das energias patrióticas na perspectiva da reestruturação do espaço europeu?»

«As Forças Armadas, para além da função nacional de defesa do território, serão sensíveis às lutas que se desenvolvem no corpo da sociedade portuguesa? A tensão nelas existentes entre o todo-Nação e as partes constituintes desta que são as classes sociais levará ao aparecimento de uma filosofia económica e social sobre a sociedade portuguesa capaz de permitir o apoio ao avanço das estruturas socializantes?»

As Forças Armadas já começaram a esclarecer-nos sobre estas interrogações — e ninguém ousará negar-lhes a saudação que por isso lhes é devida. Mas, neste momento, torna-se necessário reformular as perguntas. Se até agora se regista um avanço promissor no que respeita ao restabelecimento de instituições políticas democráticas, também nada indica que será fácil caminhar no sentido da descolonização e do socialismo.

Pelo contrário: a tarefa adivinha-se difícil. A direita procura retomar posições — e o espectáculo vergonhoso da súbita conversão à democracia da imprensa matutina de Lisboa mais não é do que o prenúncio dessa estratégia. As forças capitalistas procurarão retardar ao máximo o urgente processo de descolonização, por forma a garantirem a continuidade da sua dominação económica. Os partidos de face cristã e neo-colonialista esperam por nós. E a democracia política não basta como antídoto para a guerra colonial: a França viveu nove anos de guerra argelina em democracia parlamentarista — e foi necessário o bonapartismo gaullista para fazer a paz.

Mas as forças da reacção precisam de tempo para se reorganizarem. Agora, pergunta-se: irão as Forças Armadas consentir que o golpe de Estado que fizeram contra a guerra acabe por prolongá-la por mais um largo período? Ou competirá antes ao Exército impor a Paz, apoiado nas forças democráticas e nas classes trabalhadoras? Aqui deveria indagar-se se a actual Junta Militar poderá efectivamente executar o projecto nacional que a composição social do Exército lhe permitiria veicular. Por enquanto, não é possível responder a tal questão.

Confrontemos de novo o sucedido em 28 de Abril com as previsões que, há um ano, Medeiros Ferreira se arriscou a formular. Para tanto, cite-se novamente a sua comunicação:

«A própria guerra, se bem que obrigando as Forças Armadas a tarefas mediocres e incompatíveis com a sua função nacional, deu-lhes dimensões sem precedentes na história pátria. Convém deixar claro que as classes dirigentes sentiram o perigo que corriam e arquitectaram novos processos de controlo. Diversos tipos de osmose social entre as classes dirigentes e o corpo de oficiais foram criados e, por outro lado, certos fenómenos decorrentes do próprio tipo das operações militares que a guerra colonial desenvolve, auxiliaram o controlo do regime no próprio terreno da instituição militar. Foram assim fomentados precocemente o engrandecimento de corpos especializados, tais como o dos paraquedistas, diversos tipos de comandos, fuzileiros navais e outros mais, que são ao mesmo tempo a expressão de uma necessidade técnica operacional e de uma política de enquadramento do regime sobre as próprias Forças Armadas.»

Ora, é de facto surpreendente que esses mesmos corpos especiais (comandos, fuzileiros, paraquedistas), concebidos inicialmente como instrumentos do fascismo, receados por susceptíveis de apoiar golpes de extrema-direita (Kaulza de Arriaga, por exemplo), acabaram por contribuir para o derrubamento do governo de Marcelo Caetano, para o aniquilamento ainda em curso da PIDE-DGS e da Legião Portuguesa. Quer-nos até parecer que o êxito do golpe militar foi assegurado pela aliança desses corpos especiais com os quadros médios do Exército, entre os quais se contam muitos elementos afectos às correntes democráticas e socialistas. Em que medida será contraditória tal aliança? Até que ponto foi e será decisiva a figura carismática do general Spínola? Mesmo que se não encontre resposta cabal e definitiva para tais questões, não se poderá escamoteá-las. Mas reconhece-se que são interrogações incómodas. E, geralmente, o «bom democrata» contenta-se em tocar com a sua varinha de condão (isto é, com a seu verbo) o militar participante no 25 de Abril.

Naturalmente ninguém desejará — e o programa da Junta oferece garantias a esse respeito — que o Exército venha a ocupar no futuro outro papel que não o de assegurar a defesa nacional. Mas pensa-se que, a curto prazo, as Forças Armadas, através da preponderância dos seus elementos políticos mais progressivos, possam acelerar o processo de descolonização, evitando manobras tendentes a prolongar a situação de guerra.

ACABOU A ANGÚSTIA VÊM AÍ OS NOSSOS FILHOS

Foi em tempos. E escrevia assim:

A meu lado um homem dos seus cinquenta anos, de faces vermelhudas, relanceia-me de quando em vez e numa altura pergunta: «O sr. desculpe, é emigrante». Não era emigrante. Ia ver o meu filho. O meu filho que teve a coragem de dizer não ao fascismo.

«Nós — disse-me o homem — vamos para a Alemanha». E apontou-me os companheiros que seguiam no mesmo compartimento e em muitos outros compartimentos. Eram mais de mil. Todas as terças-feiras, preparados pela máquina estatal, milhares de homens deixavam famílias e amigos e partiam. Eram as divisas com que o governo marcelista comprava armas. Eram a transacção vergonhosa, o negócio nefando, com que os modernos negreiros enchiam os bolsos. Era a dor e eram as lágrimas vendidas por atacado, com que depois se pagavam banquetes, os vestidos da mais elegante, o brilho da «melhor sociedade» que a televisão mostrava nas estreias e nos banquetes, nos pantagruélicos e escandalosos banquetes.

Eram ali mais de mil. Tinham vindo de todas as províncias do País.

«Sou casado. Tenho cinco filhos que não sei como irão viver...»

«...não. Não temos electricidade. Água vamos buscá-la a uma mina».

E depois surgiu o patrão de megafone em punho, a avisar «Agora, em Vilar Formoso, não podem sair da carruagem. Deixem-se estar nos seus lugares». Depois aproveitou e foi logo falando na necessidade de mandarem o dinheiro através do Banco da Agricultura. Quanto receba por esta informação o pide de megafone? Havia também um jornal que deveriam ler. Mas naquele grupo de cento e tantos homens só um deles sabia ler.

Eram homens esmagados, perdidos entre muitos infinitos. Eram homens sujeitos a toda a sorte de humilhações. Os portugueses a quem os franceses chamavam porcos, os alemães mandavam para as minas, os suíços para a construção civil, eram portugueses no minuto final de uma dignidade que o Estado do seu país roubava e com a vida dos quais comprava balas. Eram portugueses humilhados a quem davam espectáculos de variedades e ultimamente uma nojenta revista.

Sim. São estes portugueses que um dia poderão tomar o combolo do regresso. São estes portugueses que um dia não viajarão num comboio chamado angústia. Estes e outros 120 mil como o meu filho. Os filhos de muitos pais que neste momento esperam o sinal da mais vasta e plena compreensão. Porque todos seremos necessários para construção do país que todos desejamos.

MIGUEL SERRANO

Sindicato Nacional dos Motoristas do Distrito de Leiria

COMUNICADO

A Direcção do Sindicato dos Motoristas de Leiria, vem comunicar a todos os seus associados que já enviou um telegrama a Sua Excelência o Senhor Presidente da Junta de Salvação Nacional, dando o seu apoio às directivas estabelecidas por esta Junta para o futuro de Portugal, directivas essas que são de molde a fazer acreditar que a classe dos Motoristas vai também ter a devida protecção, o que até aqui lhe tem sido negado, mesmo em comparação com as restantes classes trabalhadoras.

Efectivamente, os Motoristas apenas em teoria estão sujeitos a horário de trabalho, pois que, na prática, e como aliás é do conhecimento geral, trabalham de dia e de noite, quase sem interrupção ou, no melhor dos casos, sem tempo de intervalo suficiente para se restabelecerem do seu trabalho. Nós motoristas temo-nos vistos forçados a submeter ao livre arbítrio das entidades patronais, nas condições mais pesadas que é de imaginar.

Não obstante assim ser, os motoristas têm recebido, quase na generalidade um salário inferior àquele que recebe a grande maioria dos restantes trabalhadores, e as entidades patronais não têm querido ponderar as condições esgotantes em que esse trabalho é quase sempre prestado, obrigados, como se encontram, pelo natural exercício da profissão, a uma permanente tensão de nervos, verdadeiramente inultrapassável, derivada ao intenso tráfego rodoviário que desde há anos se verifica em Portugal.

Por outro lado, os salários mínimos fixados pela Lei para os motoristas, são inexplicavelmente baixos, a tal ponto que dada a presente inflação, mal dão para comer.

A Direcção deste Sindicato aproveita a presente ocasião para pedir a colaboração de todos os associados no sentido de um maior espírito de classe, uma maior solidariedade entre os mesmos, evitando assim que se prejudiquem uns aos outros por falta de união na defesa dos seus direitos e no cumprimento dos seus deveres.

Chamamos desde já a atenção para a necessidade que há de que os motoristas preencham com verdade, as cadernetas de trabalho, e ainda para que colaborem na fiscalização dos indivíduos que, sem estarem devidamente habilitados com carta de profissional, e sem estarem sindicalizados, andam a exercer indevidamente, portanto, a profissão e de que os devem denunciar ao Sindicato.

Leiria, 29 de Abril de 1974.

A DIRECÇÃO

MOMENTO

CRAVOS VERMELHOS

Quem disse que o povo português não tem maioridade cívica? O dia de ontem foi o mais radioso de quantos temos vivido em mesquinho peregrinar de perseguições e sevícias, açaimos e torturas, explorações sem conta. Como se o nosso caminho fosse um túnel onde só urtigas e espinhos brotam; e, de repente, eis-nos com horizonte e sol, a campina diante dos olhos abertos e os pulsos livres; e a boca não se abre para amaldiçoar, nem os pulsos se erguem para trocar as algemas com os algozes, os olhos viram-se para o futuro que temos de construir. Vivemos sob a ameaça constante das armas e do chicote e, ao sentir-se livre, é um cravo vermelho que o povo português apresenta como símbolo, com ele enfeitando até os canos das espingardas! Os carcereiros o acusavam de tredo e de sanguinário quem o massacrava; e centenas e centenas das vítimas, saídas das cadeias e dos campos de concentração, vimos ontem a expandir a sua alegria em frases, gritos e aclamações que são de confiança e concórdia entre os portugueses.

Não se pode esquecer o passado, nem tão-pouco havemos de deixar de tirar responsabilidades a quem reduziu a nossa terra, as gentes, a história e a esperança, elementos de uma pátria, a objecto de ludíbrio de outras pátrias. Mas a serenidade e calma, o domínio pleno de si mesmo mostrou-os ontem a multidão sem conta que encheu a Avenida Almirante Reis, Areeiro, Avenida do Aeroporto além, para se afirmar nas vozes claras de cidadãos há oito dias ainda exilados em terras estranhas ou na mesma terra onde nasceram. Quem foi que disse que se não sabe governar e por isso precisa de mentores de classe e guardas de baioneta calada, ou de grades espessas, um povo que não comete desmandos nem ódios depois de ter sido vítima?

A consciência cívica do povo ficou bem demonstrada em todo o cortejo de mar humano, a vibrar em uníssono de entusiasmo por se saber livre e senhor do seu destino, mas sem excessos nem recriminações, insultos ou vinganças. Indispensável é construir uma nação, dar vida e força ao corpo que em duas gerações massacraram para o transformar em massa amorfa de autêntico rebanho, de carne para canhão e braço para todo o serviço dos mandões e senhores. As afirmações feitas, em cartazes, em discursos, em efusões de alegria, podem considerar-se a manifestação mais positiva e valiosa do dia de ontem, por se tratar de uma prova da capacidade de resistência dos portugueses e da sua fé no dia de amanhã.

O dia 1.º de Maio é a Festa do Trabalhador; em todo o mundo onde é celebrado se notam prevenções grandes das forças policiais. Falámos na terça-feira do espectáculo extraordinário que foram as celebrações em Berlim há um ano e da atenção e vigilância ao longo das ruas e avenidas, no largo do comício. Nada disso se viu em Lisboa ontem. Só o povo tomava conta de si mesmo, senhor das suas reacções, da obrigação que tem de se respeitar e aos outros. Povo que esteve preso pode dizer-se ter feito o milagre de não precisar de escoras policiais para a sua vida. Sabe tomar conta de si. As armas que algum dia serviram para o atemorizar ou matar cobriu-as de flores e longe de responder à agressão com a violência preferiu erguer nas mãos ansiosas, em lugar do chicote ou do punhal, os cravos vermelhos.

Consciente de si mesmo, o povo português não pode cair no logro de que foi vítima, em experiência semelhante vai fazer 64 anos. Nada de excessos, mas há responsabilidades que têm de ser tomadas e implacavelmente dissecadas para se não repetir a história de termos uma República onde mandem apenas os reaccionários e, conservando-lhe o nome, estrangulem tudo quanto constitui realmente a mentalidade republicana e democrática. Nem o povo nem a Junta de Salvação Nacional podem abrandar a vigilância. Os cravos vermelhos erguemo-los na mão. Com generosidade sem dúvida, mas com firmeza e atenção.

ELEIÇÕES

por ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA

Longos anos de um poder autocrático absoluto acabaram de destruir em Portugal as instituições através das quais um povo se autodetermina e escolhe o seu destino.

Isto não significa que o povo se tornasse politicamente inconsciente e abúlico. Sempre que houve ocasião o povo manifestou o seu sentir no único sítio em que podia fazê-lo: a rua.

Mas essas manifestações revelam apenas a existência e a força de uma energia popular que não tem meios nem órgãos para determinar e realizar uma política de governo. Portugal tornou-se uma multidão sem instituições. É um coração, um grande coração sem mãos.

É preciso começar pelo princípio. Grande dificuldade, mas até certo ponto também vantagem única. No que respeita às instituições políticas somos uma página em branco onde é possível começar a escrever uma história nova.

O primeiro problema é o das eleições. Elas são o único meio através do qual um povo se pode organizar. E da maneira como elas forem realizadas (mais ainda talvez do que do seu resultado) depende o futuro de Portugal.

As eleições não são uma palavra mágica que por si só resolve todos os problemas. Nem são tão pouco uma jogada que tudo decidirá num dia. São um processo concreto, contínuo, persistente através do qual o país se poderá organizar e agir.

Não há só uma eleição, mas várias, e em vários escalões: há as eleições locais e regionais; há as eleições nas unidades de trabalho (empresas, fábricas); há as eleições sindicais; há as eleições legislativas; há as eleições presidenciais.

As eleições locais e regionais são indispensáveis para reactivar cada célula dos membros paralisados do país. Podem ser um processo eficaz para contrabater o centralismo destruidor que durante séculos serviu de base aos vários poderes autocráticos que nos reduziram à passividade. A autodeterminação deve começar por cada aldeia e por cada cidade de Portugal.

No que respeita às eleições sindicais, existem já no papel. É preciso incentivá-las, zelar pela sua autenticidade, evitando que os sindicatos se transformem em organizações burocráticas.

E uma das maneiras de o conseguir são as eleições nas unidades de trabalho, que podem ser o primeiro esboço de uma sociedade socialista verdadeira, isto é não-burocrática e descentralizada. Também o socialismo será uma construção do dia a dia, resultante da consciencialização progressiva dos trabalhadores e consumidores e não a consequência de um apocalipse. Nessa consciencialização o acto de votar e a sua preparação terão um papel essencial.

Quanto às eleições legislativas, é um problema mais conhecido. O primeiro passo, em Portugal é o alargamento da base eleitoral; o segundo é uma lei de voto que permita a participação na assembleia da nação de todas as correntes de opinião, e não apenas das dominantes (é o problema da «representação proporcional»), o terceiro é a possibilidade de uma campanha de esclarecimento junto do eleitorado, por todos os candidatos e por todos os meios de comunicação.

O perigo principal no que respeita a um parlamento é o de poder servir de base a uma oligarquia, que pode ser económica ou política. Um parlamento pode transformar-se num instrumento de centralização em benefício dum grupo, como se tem visto nos últimos anos em França. A única defesa contra isso consiste em fortalecer as instituiçõs locais, regionais, sindicais e de empresa, de forma que elas tenham força autónoma, isto é, de raiz própria e não emprestada, face ao poder central.

As eleições presidenciais põem o problema da escolha do regime. Não nos propomos aqui discutir as vantagen e inconvenientes do regime presidencialista ou do parlamentar. Apenas queremos lembrar mais uma vez que o grande perigo consiste na concentração ilimitada do poder quer ela se realize num homem, numa assembleia ou numa organização burocrática. A única maneira de não haver um poder ilimitado é haver outros poderes que o limitem. Nos Estados Unidos existe um poder presidencial, em Inglaterra um poder parlamentar, dotados ambos de uma enorme capacidade de decisão; mas ambos são limitados por outros poderes autónomos. Só por isso é que o poder do Presidente dos Estados Unidos e o do chefe da maioria parlamentar na Inglaterra nunca puderam destruir os direitos básicos dos cidadãos.

O essencial é que o processo eleitoral não se efectue apenas à cabeça do país mas em toda a extensão do seu corpo. Na página em branco das nossas instituições há uma palavra a escrever: DESCENTRALIZAÇÃO.

que havemos de meter nas urnas o boletim de voto. São as acções de todos os dias, a vários níveis, de que cada consulta eleitoral apenas será uma fase, e em que cada um tem desde agora, um papel

As eleições não são o dia em activo. Não hão-de ser começaram já, e a maneira como neste processo em curso estivermos presentes ou ausentes é já uma forma de votar.

A limpeza ainda só começou

PONTO CRÍTICO

Se em algum espírito mais céptico havia ainda a sombra de uma dúvida acerca da maturidade do nosso povo, ela dissipou-se ontem por completo.

Considerado como um «teste» de alto significado, este 1.º de Maio respondeu de forma eloquente: o Povo merece o poder!

ÁLVARO GUERRA

de vez em quando

Se mais não fosse — e tenhamos esperança que seja mais — o Movimento das Forças Armadas estaria justificado com a possibilidade que deu aos portugueses de participarem na festa de ontem. Sem mais palavras, que as não há para relatar o indiscritível. Sem mais palavras, que já urge acabar com elas, para passarmos aos factos. Sem palavras, não vão elas descambar em arrazoado balofo, como nos ofereceu ante-ontem a R. T. P. com o conjunto de entrevistas a individualidades (ou personalidades? ou entidades? ou vultos? ou figuras?) que ali foram falar do momento presente e cujo clímax se situou na arenga do almirante Roboredo e Silva. Daquilo já nós estávamos fartos de ouvir na extinta Assembleia dita nacional.

P. S. — Estou siderado com o número e qualidade dos «aderentes» ao Movimento. Não falo dos autênticos, desse povo anónimo que conseguiu guardar em si, incólumes, todas as virtudes que o fascismo tentou aniquilar. Falo dos «aderentes» entre aspas. Que dizer da atitude da administração da Sacor ao mandar embandeirar profusamente ontem as fachadas da sua sede e das suas dependências? Só me falta ver — e talvez ainda veja, para maior nojo — as senhoras do Movimento Nacional Feminino virem para a rua distribuir cigarros aos nossos (agora sim, nossos) soldados. Vou tentar acalmar o meu fígado.

V. D.

"SEI O QUE VENDO QUANDO VENDO UM DATSUN"

– Celso V. Silva

Num grande rallye como o TAP há as "bombas" (inacessíveis ao público) e os carros normais — os Turismo de Série — que todos podem comprar.
No último Rallye Internacional TAP e nessa categoria de automóveis de série, a vitória pertenceu a um DATSUN 1200, entre 34 carros de outras marcas (e, até, de preços bastante superiores!)
Guiado por Celso V. Silva — um nosso vendedor.
Que, portanto, sabe bem o que vende: automóveis iguais ao seu, resistentes, seguros... e MUITO ECONÓMICOS.

LISBOA • ALMADA • CASCAIS • FARO • LEIRIA • PORTIMÃO
Rótor, S.A.R.L. (PORTO, BRAGA e VIANA DO CASTELO)
Tecnisado, S.A.R.L. (SETÚBAL)
Concessionários em todo o País

COMISSÃO DE EXAME E CLASSIFICAÇÃO DE ESPECTÁCULOS

Da Junta de Salvação Nacional recebemos a directiva para o funcionamento da Comissão de Exame e Classificação de Espectáculos:

1. De acordo com o parágrafo A. 2. C. do Programa do Movimento das Forças Armadas fica abolida a Censura.

2. Manterá competência para efectuar a classificação etária dos espectáculos, dentro do espírito do Programa.

3. Cessa todas as funções no respeitante às projecções de Rádio Televisão Portuguesa.

CARTAZ DO DIA

ALVALADE

METRO — ALVALADE
Telefone 71 74 80
Às 15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D - 18 anos
Color By de Luxe
FORA DE SÉRIE!
Dos homens de «Bullitt» e «The French Conneection4 nasce...

O ESQUADRÃO INDOMÁVEL

Com Roy Scheider — Tony Lo Bianco — Larry Haines

APOLO 70

Telefone 76 33 19
Às 15.15, 18.30 e 21.45
6.ª SEMANA
«UM DOS 10 MELHORES FILMES DO ANO!»
Technicolor — Grupo D.18 anos

«AMERICAN GRAFFITI»

de GEORGE LUCAS
NOVA GERAÇÃO
Hoje, às 24.00 horas
CLASSICOS À MEIA-NOITE
Grupo D (18 anos)
«PERSEGUIÇÃO IMPERIOSA»
de ARTHUR PENN

AVIS

Telefone 4 71 63
Às 15.30 e 21.45
Eastmancolor — Grupo D - 18 anos
3.ª SEMANA

MALTESES BURGUESES E ÀS VEZES...

YOLA — ARTUR SEMEDO

BERNA

Telefone 77 60 98
Às 15.15, 18.30 e 21.45
20.ª SEMANA!
Grupo C - 14 anos
Tecnicolor — Todd-ao 35
O filme de NORMAN JEWISON

JESUS CRISTO SUPERSTAR

CASTIL

Telefone 53 01 94
Às 15.30, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
Eastmancolor — Grupo D - 18 anos

SEGREDOS PROIBIDOS

JAQUELINE BISSET

CONDES

Telefone 32 25 23
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D - 18 anos
Color By de Luxe
FORA DE SÉRIE!
Dos homens de «Bullitt» e «The French Connection» nasce...

O ESQUADRÃO INDOMÁVEL

Com Roy Scheider — Tony Lo Bianco — Larry Haines

EDEN

Telefone 32 07 68
Às 15.30, 18.30 e 21.45
Eastmancolor — Grupo C - 14 anos
Frederick Staddord — Raymond Pellegrin — Marilu — Tolo

ABUSO DO PODER

ESTÚDIO

Telefone 55 51 34
(Metro — Alameda)
Às 15.30, 18.30, 21.45 e 00.15
4.ª SEMANA
Grupo D 18 anos
A obra-prima de INGMAR BERGMAN

RITUAL

Com INGRID THULIN

ESTÚDIO 444

Telefone 77 90 95
Às 15.30, 18.30 e 21.45
29.ª SEMANA
Eastmancolar — Grupo D 18 anos
BERNARD LE COQ
Maureen Kerwin — Michel Galabro

O PORTEIRO

Amanhã e Sábado, às 00.30
Grupo D — 18 anos
«CINEMA FORA DE HORAS»
MALTESES, BURGUESES E ÀS VEZES...

EUROPA

Telefone 66 10 16
Às 15.15 e 21.30 — Eastmancolor
Grupo C - 14 anos

VÊM AÍ OS CABELUDOS

Dani Michel Galabru — Jean Lefebvre

IMPERIO

Telefone 55 51 34
Metro — Alameda
Às 21.30 — ESTREIA
A obra-prima de SERGE

O COURAÇADO POTEMKIN

EISENSTEIN inédita em Portugal
Grupo D — 18 anos
Às 15.15 — Grupo D — 18 anos
MALCOLM McDOWELL
UM HOMEM DE SORTE
Um filme de LINDSAY ANDERSON
Amanhã, às 18.30
. OS BONS VELHOS TEMPOS
Grupo C — 14 anos
CASINO ROYAL
Peter Sellers - Ursula Andrews e David Niven

MUNDIAL

Telefone 53 87 43
Às 15.15, 18.30 e 21.45 horas
Colorido — Grupo D - 18 anos
9.ª SEMANA

O NOSSO AMOR DE ONTEM

BARBRA STREISAND
ROBERT REDFORD

LIDO

21.30 h.
Grupo D - 18 anos

O MISTERIOSO MR. MAcKINSTOSH

Uma obra impar de JOHN HUSTON com PAUL NEWMAN

CINESTÚDIO LIDO

Às 15.30 e 21.45 h.
Grupo C - 14 anos

ÀS ORDENS DE VOSSELÊNCIA

O mais recente filme de Cantinflas

LONDRES

Telefone 73 13 13
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Obra admirável, diamante intacto...

HIROSHIMA MEU AMOR

O filme de ALAIN RESNAIS

Na nossa secção de informações úteis (página 22) publicamos o complemento ao cartaz de espectáculos com todos os Teatros e Cinemas de Lisboa e arredores

MONUMENTAL

Telefone 55 51 51
Às 15.15 e 21.30
Color — Grupo C - 14 anos
Burt Lancaster — Robert Ryan

ACÇÃO EXECUTIVA

Um filme de DAVID MILER com argumento de DALTON TRUMBO
QUINZENA DO BOM CINEMA
Amanhã, às 18.30
Grupo B — 10 anos
um filme de Robert Altman
ESTRADAS DO INFERNO
James Caan - Joan Moore e Robert Duvall

ODEON

Telefone 32 62 83
Às 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
Grupo D - 18 anos
2.ª SEMANA
A última expressão das Artes Marciais

CRUEL VINGADOR

Com Chen Kuan-Tai

PATHÉ

Telefone 82 19 33
(Metro Arroios)
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Colorido — Grupo D (18 anos)
Arramjem-lhe um sarilho e ele arranja-lhes um lindo enterro!

À ESPREITA DO SARILHO

POLITEAMA

Telefone 32 63 05
Às 21.45 — ESTREIA
Farley Grauger — Barbara Bouchet

A FÚRIA DO ASSASSINO

Colorido — Grupo D — 18 anos
Às 15.15 e 18.30
Eastmancolor — Grupo A . 6 anos
EUSÉBIO, PANTERA NEGRA
Às 00.30 — Grupo D 18 anos)
Ciclo TERROR À MEIA-NOITE
Amanhã — YORGA RIVAL DE DRACULA (col.)
Sábado — A MAO (col.)

ROMA

Telefone 72 77 78
Às 15.30 e 21.45
Eastmancolor — Grupo C - 14 anos
Rod Steiger — Rosanna Schiaffino
Rod Taylor — Claude Bressler
Terry Thomas

OS HERÓIS

ROXY

Telefone 4 85 60
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Metro (Anjos)
Grupo D - 18 anos — Colorido
O PESADELO DOS PESADELOS!

A LENDA DA CASA ASSOMBRADA

Pamela Franklin — Roddy McDowal — Gayle Hunnicutt

SÃO JORGE

Telefone 5 41 53 5 41 54
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D - 18 anos
2.ª SEMANA
Richard Chamberlain — Glenda Jackson

TCHAIKOVSKY, DELÍRIO DE AMOR

O célebre filme de Ken Russell

SATÉLITE

Telefone 56 26 32
6.ª SEMANA
Às 15.30, 18.30, 21.45 e 00.15
color Grupo D 18 anos
A obra-prima de NAGISA OSHIMA

CERIMÓNIA SOLENE

TIVOLI

Telefone 5 05 95
Às 15.15, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA!
Paul Newman — Robert Redford
Robert Shaw

A GOLPADA

THE STING
Premiado com 7 Óscares incluindo melhor filme, melhor realizador

VOX

Telefone 72 08 08
21.30 — ESTREIA
Alain Delon e Jean Gabin

DOIS HOMENS NA CIDADE

Um filme de grande classe de JOSÉ GIOGANNI

COMUNICADO DOS PROFISSIONAIS DE CINEMA

O Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema emitiu a propósito da actual situação política o seguinte comunicado:

Livres enfim do jugo fascista, podem agora os trabalhadores portugueses gerir completamente os seus Sindicatos.

Honra aos gloriosos militares que puseram as suas armas ao serviço do POVO e nos prometem uma nova vida cívica democraticamente organizada que reconduza Portugal ao digno e fraterno convívio com todos os países progressistas!

Por deliberação de um grupo de profissionais, tomada em reunião de emergência, formou-se no nosso Sindicato uma Comissão Reorganizadora com a seguinte constição:

Augusto Cordeiro de Brito
Fernando Matos Silva
Henrique Espírito Santo
João Manuel Pinheiro
José Nascimento
Manuel Ruas
Noémia Delgado
Vítor Teodoro da Costa

Derrubadas as barreiras burocráticas da Lei de Imprensa que nos estavam atrasando a publicação do desejado Boletim Informativo e demais documentos que efectivassem o real contacto entre o Sindicato e os trabalhadores de cinema de todo o País, podemos agora chegar à vossa presença.

Tendo aderido aos catorze pontos já trazidos a público por outros Sindicatos, que assim deram o seu apoio ao programa político da Junta de Salvação Nacional, aqui estamos para comunicar a todos os nossos Associados o nosso propósito de imediatamente e sem hesitações começar a actuar na defesa desses catorze pontos.

Queremos iniciar desde já, em amplo e profundo contacto com a massa trabalhadora, a reorganização do nosso Sindicato em bases democráticas e em fraterna colaboração com os outros Sindicatos; reforçar a unidade da classe; denunciar e isolar os oportunistas e evitar as suas manobras, que só podem conduzir à desunião e enfraquecimento dos trabalhadores; abandonar as discussões estéreis e encetar um infatigável trabalho de estudo e resolução dos nossos verdadeiros problemas.

Aguardamos a prometida definição pela Junta de Salvação Nacional de uma nova Lei sindical que substitua a corrompida organização corporativa para imediatamente propor a todos os Associados o vosso futuro Estatuto democrático.

Entretanto, continuamos a trabalhar em todas as tarefas que anteriormente ocupavam a Direcção.

Pedimos a todos que nos dêem a necessária colaboração e que mantenham a serenidade, resistindo às possíveis provocações e manobras divisionistas!

Camaradas!

Viva a unidade da nossa classe!

Vida a unidade de todos os trabalhadores!

Viva Portugal!

«UM SENSACIONAL CONCURSO»

A Columbia & Warner e o Cinema Mundial têm o prazer de informar que nesta sua iniciativa conforme sorteios realizados pelo Governo Civil, foram premiados os seguintes Espectadores:

«UM SENSACIONAL CONCURSO — HOMENS» — **Prémio, 2 viagens de avião ida-e-volta a Atenas** pela ALITÁLIA atribuídas ao Sr. ORLANDO BARROS, morador na R. Marechal Saldanha, 17-3.º — Lisboa-2, por sorteio realizado em 22/4/74 na sede da ALITÁLIA, Praça Marquês de Pombal, n.º 1-5.º

«UM SENSACIONAL CONCURSO — SENHORAS» — **Prémio, uma aliança de platina toda cravejada de brilhantes no valor de 20 000$00,** oferecida pelo CENTRO PORTUGUÊS DE DIVULGAÇÃO DE DIAMANTES E PEDRAS PRECIOSAS atribuída à Sr.ª D. ALMERINDA DE ALEGRIA PAIS, moradora na R. Mário Sá Carneiro, 3 r/c esq.º, Lisboa-5, por sorteio realizado no dia 29/4/74 na sede do CENTRO PORTUGUÊS DE DIVULGAÇÃO DE DIAMANTES E PEDRAS PRECIOSAS, R. Castilho, 14.

Os prémios serão entregues durante o intervalo da sessão da noite que marcará, naquele cinema, a reaparição, em 8.ª semana, do maior êxito do ano «40, IDADE PERIGOSA».

«A Golpada» (The Sting) que se encontra em exibição num cinema da capital, foi um dos filmes que mais «oscars» obteve em Hollywood nos últimos anos. Os desempenhos de Newman e Redford parecem dignos de consideração, embora as intenções da película sejam discutíveis. Aliás, todas as golpadas são discutíveis, especialmente se vierem da América

TV – VER E CONTAR

A FESTA E A VOZ

A qualidade do Telejornal destes últimos dias tinha permitido grandes expectativas para a emissão das nove e meia de ontem. Em certa medida, as expectativas goraram-se. Por um lado, foi decepcionante a total ausência de imagens do grande comício realizado em Lisboa. Porque o acontecimento ainda estava tão próximo no tempo que era tecnicamente inviável a transmissão àquela hora de fragmentos dessa reportagem? Talvez. Mas onde seria decerto impossível a utilização de imagens em filme, não teria sido possível a gravação em videotape para transmissão em diferido? Por outro lado, a locução que acompanhou as notas de reportagem que vimos esteve longe de ser satisfatória. Por razões a que teria valido a pena estar atenta a R. T. P. antes da transmissão.

É o caso de Fialho Gouveia, independentemente dos seus prováveis méritos como pessoa e como cidadão, se caracterizar por um certo estilo no trabalho de reportagem. Estilo que não tem nada a ver com a sobriedade, com a concentrada emoção que é sinal de autenticidade profunda, e estilo que ao longo de anos se derramou por tudo quanto era acontecimento menor, celebração fabricada a martelo, futilidade de pseudo-folclore popularucho. Ora, o que acontece é que é desastroso comentar as comemorações do 1.° de Maio no tom que já ouvimos aplicar às marchas de Lisboa e à festa da despedida de um toureiro. O que acontece é que é desastrosa a frase inchada, a epopeia de bolso, diante de um acontecimento sólido, de uma alegria incompatível com a verborreia aliterada. Profissional experiente, cremos que Fialho Gouveia pode desempenhar muitas funções na nova R. T. P.. Mas não todas. Mas não esta.

Aliás, a importância da jornada de ontem (importância que, de resto, foi reiteradamente sublinhada pelo próprio Telejornal), teria justificado inteiramente o convite a um comentador fora dos quadros da R. T. P. se tanto se revelasse necessário. Comentador que não seria difícil de encontrar, e que saberia dizer ao público muito mais que frases grandiloquentes, mas não convincentes. A menos que o comentário «off» pudesse ser suprimido, como nos parece, sendo a vivacidade da reportagem conseguida através de breves entrevistas com o povo. Pois, para dia de festa do povo, ouvimos ontem muito Fialho e pouco povo, o que talvez não esteja bem. O que não ajuda Fialho nem o público.

Quanto ao resto, seria talvez de dizer ainda que o critério de selecção das imagens foi muito irregular. Que o acto de camaradagem constituído pela inclusão de uma reportagem da manifestação feita pelo pessoal da própria R. T. P. foi simpático, mas talvez não muito hábil e, de qualquer modo, escassamente interessante para a generalidade do público. Seria ainda de pôr outras objecções se não fosse mais importante terminar com uma nota de dupla alegria por, para lá de todas as deficiências, podermos ter tido aquele Telejornal daquela realidade. O mesmo é dizer: podermos ter, em nossas casas, não já a humilhação quotidiana mas um testemunho de que a esperança é possível. E é preciso defendê-la.

CORREIA DA FONSECA

NOVA SOCIEDADE CINEMATOGRÁFICA

NOVA IORQUE — «Arizona Slim» é o título do primeiro filme a realizar por uma nova sociedade cinematográfica norte-americana. Chuck Wein e Geraldine Wilkins são os autores do argumento e a realização do próprio Wein.

GLENDA JACKSON EM HOLLYWOOD

HOLLYWOOD — Glenda Jackson e Carol Burnett serão as protagonistas do filme que Carl Reiner começará a rodar no início do próximo ano. Ainda sem título. A película será produzida por Zanuck e Brown.

RESNAIS E OS «COMICS»

PARIS — Alain Resnais está a preparar o seu próximo filme, baseado num guião de Stan Lee, autor do «Comics» norte-americano. A película intitula-se «Les Internes ou la Taine».

A RECRIAÇÃO DE EDITH PIAFF

PARIS — Os primeiros 20 anos da mais célebre cançonetista popular francesa, Edith Piaf estão a ser vividos, para o Cinema, pela actriz, de 23 anos, Brigitte Ariel, casada há dois anos com o realizador Max-Pol Sebag. Brigitte Ariel foi escolhida por um cérebro electrónico pela sua semelhança física com Edith Piaf. O filme, simplesmente intitulado «Piaf», termina com a voz de Piaf cantando o «Acordeonista». Betty Mars recriará a voz de Edith durante os anos em que a cançonetista cantava pelas estradas acompanhando seu pai — um péssimo artista de circo.

O CINEMA (LIVRE) QUE VAMOS VER

Com a vitória do Movimento das Forças Armadas novas perspectivas se abrem para o cinema em Portugal e para a exibição cinematográfica.

Assim, teremos, a partir de hoje, às 21 e 30, em exibição no Império, o filme «O Couraçado de Potemkin» de Sergei Eisenstein.

Também o filme «O Mal Amado», de Fernando Mata Silva, vetado pela censura fascista, vai ser exibido no Satélite.

«OUTUBRO» NO ESTÚDIO

Numa iniciativa do cineclube Bento de Jesus Caraça, com sede em Paris, e do Animatógrafo, é hoje exibido à meia-noite, no Estúdio, o filme «Outubro» de Eisenstein. Antes decorrerá a estreia de «O Couraçado de Potemkin».

O CANTO E (AGORA) AS ARMAS

José Mário Branco, Luís Cília, Francisco Fanhais e agora Manuel Alegre, já se encontram entre nós, regressados de um prolongado exílio.

Anos consecutivos de trabalho político, sempre com os olhos virados para Portugal, fazem deste regresso à Pátria libertada um dos momentos importantes da etapa histórica que vivemos.

Em Paris ou em Argel, trabalhando com a emigração ao lado de outros companheiros exilados, Cília, Alegre, Zé Mário foram durante todos estes anos a garantia de que em Portugal se vivia fora deste Portugal.

O seu exemplo mobilizado foi também decisivo, segundo cremos para acelerar o processo libertador. O seu regresso do exílio é a consagração desse processo.

Com lágrimas nos olhos um companheiro perguntou-me ontem à tarde no estádio 1.° de Maio: «o Alegre já voltou?».

Respondi-lhe que devia chegar hoje à arde.

Emocionado gritou-me com o punho direito cerrado: «finalmente temos o canto e temos as armas.»

J. J. LETRIA

OS CHACAIS E A LENDA

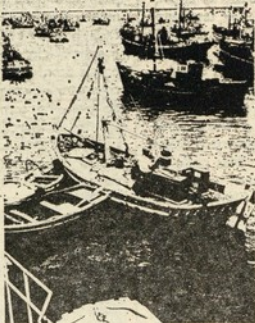
MADRID — Com base na lenda «Os sete filhos de Ecija», José Luís Madrid está a rodar na Espanha a película provisoriamente intitulada «Sete Chacais».

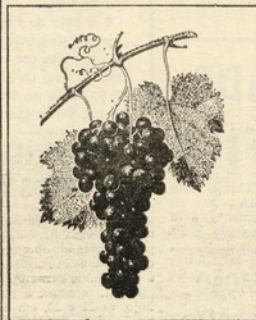
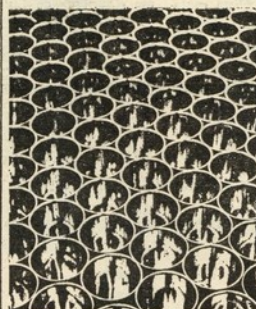
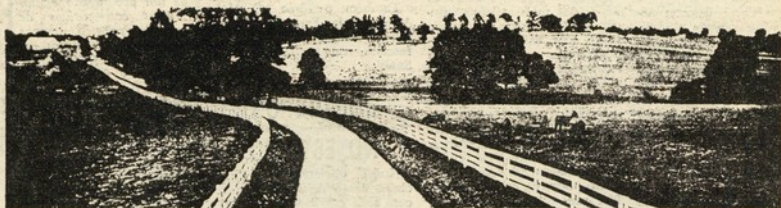
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE TEATRO DE AMADORES

A A. P. T. A., Associação Portuguesa de Teatro de Amadores, cuja legalização não foi autorizada pelo regime deposto, constitui-se hoje, 30 de Abril de 1974, através da decisão tomada por unanimidade dos membros da respectiva Comissão Instaladora, eleita democraticamente em reunião de Grupos de Teatro Amador realizada em 21 de Março deste ano.

A A. P. T. A. espera conseguir obter uma sede a fim de desenvolver adequadamente a urgente actividade que lhe compete, a bem do teatro amador português, cuja existência se tem processado através de uma acção de contínua resistência cultural e política bem conhecida.

A A. P. T. A. saúda a abolição da censura aos espectáculos e manifesta o seu apoio à Junta de Salvação Nacional

semeamos presente produzimos futuro

Damos a maior relevância ao desenvolvimento das actividades que promovemos e que abrangem os mais importantes sectores primários da economia — da agro-pecuária à pesca.

Em consequência desta conjuntura adquirimos a consciência de que é necessário acelerar a concretização da nossa política turística que desde sempre considerou o turismo integrado num espaço económico que abrangesse todas as actividades que com ele se relacionam directa ou indirectamente, mas que tem reflexo quase sempre imediato nos serviços que uma empresa turística deve promover para assegurar um serviço eficaz.

A Torralta é quase auto-suficiente.
Numa época de acentuada flutuação económica os bens de consumo primário tornam-se cada vez mais difíceis de conseguir em condições razoáveis de preço e qualidade.

Com este objectivo adquirimos milhares de hectares de terra fértil. Onde se desenvolve uma notável actividade agro-pecuária com a finalidade específica de assegurar a manutenção dos inúmeros empreendimentos turísticos da Torralta.

Activamos o sector das pescas, racionalizando os processos de trabalho e modernizando a nossa frota.

PUBLITOTAL T-3/74

TORRALTA mais trabalho para um país melhor

Incidente em Luanda apenas provocado pelo hábito dos tempos fascistas

LUANDA, 2 (ANI) — O dia primeiro de Maio decorreu nesta cidade com normalidade sendo elevado o número de pessoas que acompanhava pela rádio a reportagem das manifestações havidas em Lisboa.

Todavia, há a assinalar um pequeno incidente. No Largo Mutamba concentravam-se alguns grupos de nativos. A certa altura surgiram duas raparigas europeias e dois rapazes nativos empunhando um cartaz onde se lia «Angola Livre — Abaixo o Colonialismo». Um agente da Polícia de Segurança Pública, que se encontrava perto, deteve os quatro jovens.

Enquanto o polícia os levava à esquadra, um estudante branco subiu a um banco de jardim denunciando tal abuso de autoridade que considerou «provocação de fascistas».

Foi o próprio comandante da Polícia Militar que veio comunicar aos manifestantes que os quatro jovens já estavam em liberdade.

Quando a primeira rapariga europeia chegou junto ao largo do palácio, os manifestantes correram para ela agarrando-a e levando-a aos ombros. Dando «vivas» às Forças Armadas e dispersando em seguida.

Durante o resto da tarde e durante a noite cortejos automóveis percorreram ruidosamente as ruas da cidade transportando bandeiras portuguesas, cartazes e saudações.

O DIA DO TRABALHADOR FESTEJADO EM GRANDE PARTE DO MUNDO

- **«A única solução-revolução» — gritavam jovens em Paris**
- **A deposição de Tanaka pedida em Tóquio**

PEQUIM, 2 (R.) — Esta capital encontrava-se ontem ornamentada e embandeirada, vendo-se pavilhões de feira e espectáculos culturais nos parques públicos, mas o tema dominante eram críticas ao traidor morto Lin Piao.

A televisão chinesa não mostrou qualquer dirigente nacional a assistir às comemorações de hoje, de manhã, em Pequim, mas milhares e milhares de trabalhadores, manifestando a sua alegria, encheram os parques públicos da capital para assistirem a espectáculos de canto, dança e acrobacia.

Em Moscovo, milhares de trabalhadores, atletas e crianças das escolas desfilaram através da Praça Vermelha, durante a parada anual do dia 1 de Maio, assinalada pela ausência do discurso tradicional de um dos dirigentes do Kremlin.

Nos anos anteriores a parada foi precedida por um discurso de um membro do Politburo, mas as comemorações de hoje começaram apenas com o desfile civil.

Contudo, os membros do Politburo, tendo à frente Leonid Brejnev, o secretário do partido comunista soviético, assistiram à parada no cimo do mausoleu de Lenine.

As festas do dia 1 de Maio na União Soviética apenas desde 1969 envolvem civis.

A última parada militar, em 1968, registou-se cerca de três meses antes da invasão da Checoslováquia pelas forças do Pacto de Varsóvia e dez meses antes de serem anunciados recontros armados na fronteira soviético-chinesa.

O desfile civil durou três horas.

A capital achava-se ornamentada com bandeiras vermelhas e cartazes gigantescos por ocasião dos festejos, que assinalam o começo de um feriado de quatro dias.

Em Havana, o dia do trabalhador foi assinalado por um desfile de milhares de operários, estudantes e crianças das escolas, que durou duas horas. Entre as pessoas que participaram na parada via-se um grupo de estudantes radicais norte-americanos que estão em Cuba a trabalhar em projectos de urbanização.

Em Paris, cerca de 15 000 jovens esquerdistas, repetindo cadenciadamente o slogan «A única solução — revolução» desfilaram pelas ruas da capital, mas devido às eleições presidenciais não se assistiu ao tradicional desfile em massa dos sindicatos franceses e dos partidos da esquerda.

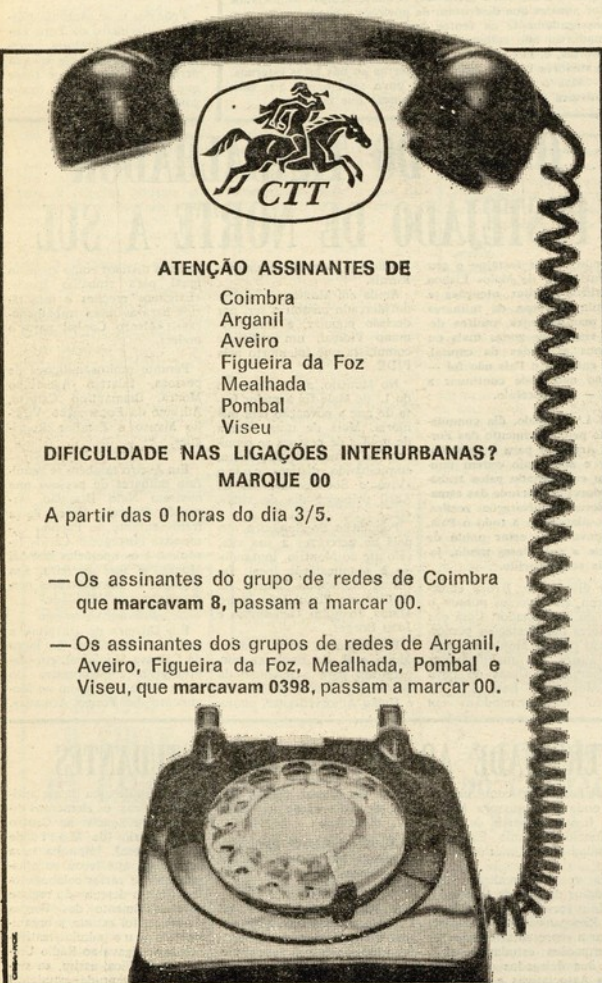
No Japão, sete milhões de trabalhadores japoneses participaram hoje em todo o país nas comemorações do dia 1 de Maio.

Na capital, milhares de trabalhadores — calculados pelos organizadores como atingindo 400 000 e pela polícia 224000 — assistiram a um comício gigantesco, onde se pediu melhor assistência social e medidas eficazes para combater a inflação, assim como a deposição do governo do primeiro-ministro Kakuei Tanaka.

O «DIA DE S. JOSÉ CARPINTEIRO» COMEMORADO COM FRANCO, FOLCLORE E PRISÕES DE SEPARATISTAS

MADRID, 2 (R.) — Durante as cerimónias oficiais do dia 1 de Maio — que eufemisticamente são comemoradas em Espanha como o «Dia de S. José o Carpinteiro, o Trabalhador» — espera-se que o general Franco assista a um gigantesco festival folclórico no Estádio do Real Madrid.

Contudo no princípio da corrente semana foram distribuídos pelas ruas de Madrid centenas de panfletos pedindo ao povo trabalhador espanhol para se manifestar no primeiro de Maio contra o regime franquista. Os panfletos foram redigidos pela Organização Revolucionária dos Trabalhadores (ORT), de inspiração marxista.

A Polícia anunciou a prisão de mais três membros do Movimento Separatista Basco E. T. A., em San Sebastian.

Com receio do primeiro de Maio, a Polícia política resolveu nitidamente proceder a uma «caçada» aos «suspeitos do costume», desencadeando actividades de repressão que estão a indignar os adversários do Governo franquista.

Em Bilbau, também uma cidade basca, a Polícia anunciou a prisão de dois comunistas, também alegados membros da ETA.

Torturas em interrogatórios na Irlanda do Norte

— o Conselho da Europa investiga

STAVANGER (Noruega), 2 (R.)—Membros da Comissão de Direitos Humanos do Conselho da Europa reuniram-se ontem em Stavanger para uma série de reuniões privadas, realizadas num remoto campo de aviação, durante as quais testemunhas inglesas deporão acerca de métodos de interrogatório na Irlanda do Norte.

Os inquéritos, que se iniciam amanhã e deverão durar toda a semana, seguem-se a sessões anteriores em Estrasburgo. Essas sessões serão reatadas na messe de oficiais, no campo de aviação de Sola, perto de Stavanger, e a precaução destina-se a salvaguardar as testemunhas de possíveis represálias no caso de serem identificadas.

MENSAGENS DE SOLIDARIEDADE AO MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO

Dirigidas ao nosso amigo Mário Soares chegaram diversas mensagens do estrangeiro, solidarizando-se com o povo português nesta hora de libertação.

Entre outras, a de Otto Kersten, secretário-geral da Conferência Internacional dos Sindicatos Livres fez a seguinte declaração a 26 de Abril de 1974:

«A Confederação Internacional dos Sindicatos Livres regozija-se com a queda do governo fascista de Marcelo Caetano e tem assim a esperança que depois de tantos anos de opressão e estagnação e depois da abolição da censura, Portugal terá agora a chance dum desenvolvimento democrático. O Movimento Internacional dos Sindicatos Livres não somente pede a realização de eleições livres no mais curto prazo possível, mas a restauração da democracia e dos direitos civis e humanos para o Povo português. Nós estamos dispostos a dar um apoio activo ao estabelecimento do Movimento do Sindicalismo Livre, assim como pôr termo às guerras coloniais sob o domínio português e pela completa independência destes territórios.»

De Genebra, a Federação Internacional dos Empregados e Técnicos (FIET) envia-nos uma mensagem de esperança:

«Da parte das 146 organizações sindicais livres e democráticas que contam 6 milhões de trabalhadores em 73 países, a FIET pede-vos que façais por garantir daqui para diante aos trabalhadores portugusese o respeito dos direitos e das liberdades sindicais de que beneficiam os seus camaradas em países livres. Estas liberdades e estes direitos foram definidos pela Organização Internacional do Trabalho na sua Constituição e nas suas convenções.

Respeitosas saudações.

Secretário-Geral da FIET

HERIBERT MAIER»

● Os democratas do concelho de Arganil saudaram o regresso do dr. Mário Soares no seu regresso a Portugal bem como os seus companheiros Tito Morais e Ramos Costa.

● O Comité dos directores do Partido Trabalhista Holandês felicita o dr. Mário Soares pelo seu regresso a Portugal e exprime a esperança que o partido que chefia se engrandeça para uma reforma da sociedade portuguesa. Salientam ainda a necessidade da independência das colónias.

● Também em telegrama, Carlos Medeiros Barbosa felicita o nosso jornal e apoia o Partido Socialista chefiado por Mário Soares.

O PRIMEIRO 1.º DE MAIO DE SERVIÇO À COVA DA MOURA

O texto que se segue foi escrito pelo oficial do Exército que durante todo o dia 1.º de Maio esteve de prevenção nas instalações da Cova da Moura. É, portanto, a grande festa vivida por quem foi impedido, no cumprimento do dever, de vir para a rua juntar-se aos outros milhares de manifestantes.

São quase cinco horas da manhã. Falta pouco para terminar o meu serviço de 24 horas no Palacete da Cova-da-Moura.

Agora há calma, após um dia espantoso — o primeiro 1.º de Maio celebrado neste país desde que há quase meio século — uma vida — Portugal foi estrangulado e as gargantas portuguesas foram estranguladas. Longa «noite» durante a qual um Povo sonhou com liberdade, dignidade, paz; liberdade de pensar e se exprimir sob todas as formas, liberdade política efectivamente exercida; independência e dignificação do poder judicial e dos processos penais, política económica ao Serviço do Povo, política social defensora das classes trabalhadoras, não necessidade de partir para longe para obter a qualidade de vida a que tem direito.

Agora há calma. Através da rádio chegam até mim vozes até hoje abafadas. «Mais vale ser pardal na rua que rouxinol na prisão...». É uma voz que canta a liberdade, é José Afonso.

A maior parte dos portugueses dorme, repousando de um dia extenuante em que a sua alegria jorrou em explosão de gritos de «Vitória», em que os seus dedos se não cansaram de fazer um «V», em que os seus braços se não cansaram de lançar flores aos soldados, aos seus soldados, agora promovidos ao seu posto mais importante — o de soldados do Povo, e de lhes acenar com meio corpo de fora dos automóveis que, buzinando sem cessar, percorreram todas as estradas do nosso País.

Durante todo o dia nas proximidades da Cova-da-Moura multidões permaneceram de olhos postos na Porta-de-Armas: o seu júbilo atingia o clímax quando entrava ou saía Spínola, o Libertador.

Os carros que passavam pareciam cartões de visita ambulantes, pintados com inscrições de «vivas» à liberdade, a Portugal, às Forças Armadas, a Spínola.

Agora há calma. Enquanto escrevo penso no dia que passou. Aqui, no meu posto, episódios que aconteceram acodem à minha mente. A começar naquela mulher triste, abandonada com 4 filhos, chorando ainda os entes queridos tombados em África e que me veio entregar um belo ramo de cravos vermelhos para o General Spínola (e que agora enfeita o seu gabinete); até ao jovem revolucionário que veio entregar armas e munições dizendo apenas: «Já não são precisas»!

Cada minuto que passava chegavam telegramas; jornalistas e homens da televisão estrangeiros, suplicando uma entrevista impossível; Portugueses que vinham reunir-se com a Junta para prestar a sua colaboração, até 25 de Abril recusada, no programa de Salvação da Nação.

Não se via ninguém, soldado ou não, que não ostentasse um cravo. Todos os carros, até os tanques de guerra estavam também floridos.

Através da rádio eu ouvia o povo a que pertenço festejar o 1.º de Maio; quanto eu desejava estar com ele!

Agora há calma, mas apercebo-me através das luzes que descortino através de quase todas as janelas do Palacete da Cova-da-Moura, agora Estado Maior das Forças Armadas, que em todos os gabinetes o trabalho não parou! São homens que estudam, planeiam, investigam, propõem. Enquanto o Povo dorme e sonha.

Agora há calma, mas por pouco tempo. São quase 6 horas e as mulheres da limpeza estão a chegar. Vai começar mais um dia de intenso trabalho na Cova-da-Moura. Glorioso trabalho.

E José Afonso continua a cantar:

«A verdade é mais forte que as algemas. Venho dizer-vos que não tenho medo, venho dizer-vos que não há degredo. Chego ao coração de toda a gente...».

É uma voz que me chega através da Rádio agora livre enquanto, no meu posto, vigio na noite. Uma voz que agora chega ao coração de todos os Portugueses.

RUI DELGADO

«Secretariado do Norte» do Partido Socialista

O «Secretariado do Norte» do Partido Socialista, com sede na cidade do Porto, informa os seus companheiros, aderentes e simpatizantes de que os serviços de secretaria já se encontram provisoriamente instalados e a funcionar na Rua de 31 de Janeiro, 57, 2.º andar, das 21.30 às 23 horas (dias úteis).

1.º de Maio inesquecível

Uma grandiosa jornada cívica que espanta o Mundo

ANTÓNIO MARCELINO MESQUITA

Criara-se lá fora o mito de que o povo português era abúlico e desinteressado, sem capacidade para reagir à agonia de infindáveis anos de subdesenvolvimento e de mordaça. E o Mundo surpreendido e maravilhado aprendeu neste instante histórico que a palavra Povo, neste pequeno rectângulo português merecia ser escrita com caixa alta. O povo não era aquele ser menor que o regime de meio século se esforçara por fazer crer além-fronteiras, para melhor poder exercer o seu prepotente domínio.

Povo sacrificado por uma constante e corajosa luta que parecia inglória, sempre forte e insubmisso, ele deu uma vez mais o dignificante exemplo da sua indomável vontade e da sua generosidade durante as horas dramáticas e tensas da gloriosa acção do Movimento das Forças Armadas, a qual culminaria, ao fim de 24 horas, numa das mais belas alvoradas da história de Portugal.

Ainda frementes dos extraordinários acontecimentos vividos o povo, desde o primeiro minuto em estreita comunhão com os militares, repete nas comemorações do 1.º de Maio, pela primeira vez celebrabas desde o fim da 1.ª República, a afirmação maior de uma maturidade e civismo que desiludiu completamente os eventuais provocadores.

Foi uma jornada única que ficará para sempre na memória das gentes.

É certo. Todas as ocasiões em que o País correu graves riscos ou se apresentaram problemas de cuja resolução poderia depender a marcha do progresso, o povo foi sempre o elemento decisivo. O povo que normalmente nada recebe da pátria nem espera privilégios de qualquer espécie, essa massa anónima caldeada em sofrimento e sacrifício, nunca está ausente nos momentos de perigo. Simples peões no tabuleiro da vida, são eles, afinal, a reserva vigorosa com que se pode contar quando toca a rebate. Vêmo-los em todas as épocas de crise nacional baterem-se com denodo e abnegação por aquilo que consideram a Justiça e o Direito. E quase sempre ludibriados por aqueles que desfrutam de posições cómodas e digerem sossegadamente os frutos que lhes vão parar às mãos, maduros, não colhem nem benesses nem louros com as vitórias, e, nas derrotas, é sabido que são frequentemente as maiores vítimas, seja nas guerras ou nas lutas internas.

Mas o povo despertou. O povo sabe agora que conquistará o justo quinhão da riqueza que produz.

OFICIAIS PASSADOS À RESERVA

A Junta de Salvação Nacional decidiu a imediata passagem à situação de reserva dos seguintes oficiais:

1 — MARINHA

Vice-almirante Eugénio Ferreira de Almeida e contra-almirantes Manuel Pereira Crespo, Aníbal Barroso de Almeida Graça, Jaime Lopes e Luciano Ferreira Bastos da Costa e Silva.

2 — EXÉRCITO

Generais de quatro estrelas: João de Paiva de Faria Leitão Brandão e Joaquim da Luz Cunha; generais Arnaldo Schulz, Edmundo da Luz Cunha, Fernando Louro de Sousa, Eduardo Joaquim Magalhães Almeida Martins Soares, João Tiroa, José Sacadura Moreira da Câmara, André da Fonseca Pinto Beça, José Alberty Correia e Horácio Emídio de Avila Perez Pais Brandão; brigadeiros Pedro Alexandre Brun do Canto e Castro Serrano e José Junqueira dos Reis.

3 — FORÇA AÉREA

Generais de quatro estrelas: Mário Tello Polleri e Armando Correia Mera; generais Ivo Ferreira e Rui Tavares Monteiro; e brigadeiro Alberto Fernandes.

NÃO É PIDE

Pede-nos o sr. António Cardoso, enfermeiro da Ford Lusitana, em Azambuja, para esclarecermos que ele «nunca pertenceu fosse ao que fosse que estivesse ligado ao tirano governo extinto.»

O DIA DO TRABALHADOR FESTEJADO DE NORTE A SUL

Todo o País festejou o seu primeiro 1.º de Maio« Lisboa catalizou muitas atenções e reuniu centenas de milhares de manifestantes, muitos deles vindos de zonas mais ou menos afastadas da capital. No entanto, o País não foi — como não pode continuar a ser — macrocéfalo.

O 1.º de Maio, dia conquistado pelo Movimento das Forças Armadas para o trabalhador e sobretudo ontem também conquistado pelos trabalhadores em virtude das esmagadoras manifestações realizadas, alargou-se a todo o País. O povo deve estar unido de norte a sul. Desse modo, jamais será vencido.

O distrito de Évora comemorou, em diversos pontos, o Dia do Trabalhador. Uma das maiores manifestações percorreu as ruas de Montemor. Nessa altura, os manifestantes ocuparam as Casas do Povo de Montemor, Escoral e Cibarro, transformando-as em Sindicatos dos Trabalhadores Rurais.

Ainda em Montemor, a Rua do Mercado passou a ser, por decisão popular, a Rua Germano Vidigal, um militante comunista que foi morto pela PIDE.

No Montijo, a manifestação do 1.º de Maio foi a maior festa de que a povoação tem memória. Mais de uma dezena de milhar de pessoas se reuniram na Praça da República, empunhando dísticos como «Viva o Socialismo», «25 de Abril primeiro dia de vida», etc.

População do Samouco, depois de percorrer a sua vila, veio até ao Montijo, juntando-se à manifestação local. Do coreto municipal, falaram José Cipriano Pisco, João Pedro Matos, Joaquim Tapadinhas e João Borges.

População de Alhos Vedros, Moita e B. da Banheira convergiram para o pavilhão da Sociedade Filarmónica Recreio e União Alhosvedrense, empunhando dísticos como «Salário igual para trabalho igual», «Exigimos creches e infantários para as mães trabalhadoras», «Álvaro Cunhal para o poder».

Perante muitos milhares de pessoas, falaram Agostinho Moura, Diamantino Cabrita, Adriano da Encarnação, Virgílio Manso e Estaline Rodrigues.

Em Aveiro também se reuniram milhares de pessoas que ouviram Neto Brandão, Armando Gouveia, Vasco Paiva (representante do Partido Comunista Português), Carlos Jerónimo e os operários Manuel Mourão e José Ferreira. Em seguida, os manifestantes percorreram ruas da cidade.

Em Oliveira do Hospital, a população reuniu-se no largo da Câmara Municipal, em manifestação comemorativa do 1.º de Maio e de apoio ao Movimento das Forças Armadas.

A RÁDIO UNIVERSIDADE AO SERVIÇO DOS ESTUDANTES

Um grupo de colaboradores da Rádio Universidade, que até ao dia 25 de Abril se encontrava sob a alçada da Mocidade Portuguesa, decidiu pô-la em funcionamento em moldes totalmente diferentes. Nesse sentido, depois de contactadas as direcções das Associações de Estudantes, realizou-se uma reunião para reestruturação do programa. Assim, estes estúdios, que diariamente transmitem uma hora de programação em FM (23-24 horas), no comprimento de onda da Emissora Nacional, ficarão a partir de agora a funcionar como Emissora Estudantil, por excelência.

Na reunião, realizada nos Estúdios da Rua da Estefânia, decidiu formar-se uma Comissão Reorganizadora, para assegurar a representatividade das informações estudantis através dos delegados das Direcções Associativas e de representantes eleitos em Reunião Geral de Alunos (RGA), nas escolas onde ainda não existem direcções.

Desde o início da nova programação tem estado presente um representante do Movimento das Forças Armadas.

A Rádio Universidade foi durante o regime fascista um dos instrumentos da política reaccionária face à juventude. Completamente desligada dos estudantes, das suas aspirações e da sua luta, funcionava além disso de uma forma antidemocráticas: os elementos directamente ligados ao Centro Universitário (da Mocidade Portuguesa), impunha uma orientação que levou ao afastamento de vários colaboradores. Com o derrube do regime pelo Movimento das Forças Armadas, foi extinta a organização que administrativamente se ligava ao Rádio Universidade. Fica, assim, ao serviço da juventude estudantil aquilo que lhe pertence.

NÃO PODEMOS TERMINAR A NOSSA LUTA ENQUANTO NÃO CHEGARMOS À AUTODETERMINAÇÃO

— opinião de Agostinho Neto «leader» do M. P. L. A. expressa em Montereal

— Para nós, nas Colónias, e particularmente em Angola, não vemos em todos os sectores democráticos a mesma preocupação e a mesma vontade de fazer com que nós cheguemos à independência. Há, por vezes (e por vezes isso aconteceu por culpa da Censura) atitudes ambíguas, que não dizem as coisas claramente, daquela maneira que nós quereríamos. Há outros sectores que o dizem abertamente. Falam acerca de independência e da autodeterminação, mas o que é certo é que nós não poderemos, de maneira nenhuma, terminar com a nossa luta armada — a não ser que cheguemos a esse estádio de autodeterminação. Temos que correr etapas muito rápidas, chegar a uma situação em que o nosso povo possa determinar-se por si próprio. E enquanto não chegarmos a essa situação teremos guerra —. Esta afirmação foi proferida por Agostinho Neto presidente do Movimento para a Libertação de Angola, durante a sua visita ao Canadá, numa comunicação dirigida ao Movimento Democrático Português de Montreal, no domingo passado, três dias após a deposição do Governo de Marcelo Caetano, evento que considerou como uma vitória importante. Afirmou, também, o «leader» angolano, que os destinos de Portugal e Angola estão ligados em virtude do passado comum. Definindo o movimento que representa Agostinho Neto observou: «Têm-nos chamado maoistas ou pró-soviéticos e nunca angolanos.»

O documento que reproduzimos a seguir chegou anteontem às nossa mãos através de uma gravação vinda directamente do Canadá.

Eis as afirmações de Agostinho Neto:

— Começarei por agradecer a vossa presença aqui, presença que é significativa que nos dá a nós, à minha mulher e a mim, e à delegação do M. P. L. A., uma grande alegria, não somente porque temos laços que não podem desaparecer, laços históricos que o passado teceu entre nós, mas também porque os nossos destinos que estão ligados por causa desse mesmo passado. Nós sabemos muito bem o tipo de relações injustas que existem entre Portugal e Angola e de uma maneira geral entre Portugal e as suas colónias. São relações de exploração, de opressão — contra isso é que nós estamos a lutar, tanto em Portugal como nas colónias e tivemos durante estes últimos dias uma vitória extraordinária ao serem demitidos das suas funções o antigo primeiro-ministro Caetano e o Presidente da República, que não tinha um papel muito importante, sob o ponto de vista político, mas que sempre era uma figura simbólica, que estava a aguentar o regime.

Há uma certa euforia neste momento, tanto em Portugal como fora.

Pudemos ontem telefonar para Portugal, para Lisboa, e disseram-nos que as ruas estão cheias de gente, que há manifestações de diversa ordem, mas o problema que se põe para nós é o de saber quem vai ter o progresso: vários sectores políticos e sociais vão disputar, lutar entre si pelo poder. Nós sabemos muito bem que o regime fascista se baseava em muito poucas famílias, que exploravam e continuam a explorar o povo português, que detém todos os meios, toda a economia do país. Banqueiros, donos das companhias, esses é que de facto comandavam a política de Caetano e de Salazar. Será que eles poderão ser vencidos? Será que eles de uma outra maneira vão continuar a exercer a sua influência sobre o nosso Governo? Este é o problema que se põe agora. Quando passar a euforia da vitória veremos se as camadas populares, se os operários, os camponeses, terão de facto o seu lugar em organizações políticas, se terão o seu lugar a sua participação no Governo. Para nós, nas Colónias, e particularmente em Angola, não vemos em todos os sectores democráticos a mesma preo-

> **«Quando passar a euforia da vitória veremos se as camadas populares, se os operários, os camponeses, terão de facto o seu lugar em organizações políticas, se terão o seu lugar a sua participação no Governo.»**

cupação e a mesma vontade de fazer com que nós cheguemos à independência.

Há, por vezes, e por vezes isso aconteceu por culpa de Censura, atitudes ambíguas que não dizem as coisas claramente, daquela maneira que nós quereríamos. Há outros sectores que o dizem abertamente. Falam acerca da independência e de autodeterminação, mas o que é certo é que nós não poderemos, de maneira nenhuma, terminar com a nossa luta armada — a não ser que cheguemos a esse estádio de autodeterminação. Temos que correr etapas muito rápidas, chegar a uma situação em que o nosso povo possa determinar-se por si próprio. E enquanto não chegarmos a essa situação, teremos guerra. Teremos guerra e creio que continuaremos a ter o apoio do mundo. Continuamos a ter o apoio dos países socialistas, dos países africanos porque a luta que estamos a fazer não é somente uma luta que interessa aos nossos povos, aos povos de Angola e de Moçambique, mas também interessa a outros povos de África. Angola, por exemplo, que é a colónia mais importante, não é somente importante do ponto de vista económico, é do ponto de vista estratégico, também. Depois de Angola cá ao Sul nós encontramos a Líbia, e a África do Sul. E a África do Sul considera Angola dentro do seu espaço vital e por outro lado Angola é considerado um país que tem uma posição-chave na rota que vai do Norte para o Sul, para o Cabo da Boa Esperança. E falou-se até, há pouco tempo, na organização de um tratado do Atlântico Sul, com o Brasil e Portugal, compreendendo as Ilhas de Cabo Verde, Angola e S. Tomé, e os Estados Unidos são o país que importa e exporta e têm relações comerciais com a África do Sul, as mais desenvolvidas. E os outros países como a França, a Inglaterra...

Por isso, nós em Angola, temos dificuldades que foram vistas ultimamente. O nosso movimento — embora se fale de muitos movimentos em Angola —, é o principal. E aquele que representa os interesses dos angolanos, o que se

> **«O nosso movimento, embora se fale de muitos movimentos em Angola, é o principal. É aquele que representa os interesses dos angolanos, o que se tem batido de facto no terreno.»**

tem batido de facto no terreno. Porque todos falam muito, fora do país, mas dentro não fazem os sacrifícios necessários. E é aquele que é temido pelo imperialismo e também pelo colonialismo português. Nós temos sofrido os ataques do imperialismo, e este aspecto é também importante para Portugal.

Nós podemos, num parêntesis, perguntar, como é que o imperialismo vai comportar-se diante desta crise portuguesa, o que estão a pensar os americanos, que certamente não vão largar as suas bases nos Açores. Haverá, talvez, portugueses que não gostarão de ver os americanos nos Açores, depois de uma independência real. Como vão comportar-se os ingleses, que têm inúmeros interesses, desde as vinhas até aos tecidos, como se vão comportar os outros que têm interesses nas colónias?

É bastante intrincada esta malha política, que o mundo teceu nos últimos anos e que implica uma série de decisões em torno do problema que se constatam. Mas, em relação a nós, o imperialismo pretendeu liquidar o nosso movimento. Aproveitou-se de contradições tribais dentro da nossa organização para que houvesse uma divisão tribal. Um pequeno grupo que hoje se encontra fora do movimento, foi suspenso pela organização e

Agostinho Neto, presidente do M.P.L.A.

com isso pretendem enfraquecer a luta armada. E é exactamente talvez já em preparação desta nova fase que o imperialismo agiu para enfraquecer a nossa força e fazer com que nós nos apresentássemos fracos diante deles.

Por outro lado nós não conseguimos até agora, convencê-los a isso e ao Holden Roberto a unir-se a todos os movimentos. Nós não conse-

> **«Nós temos, portanto, enfrentado a guerra essa guerra, contra o imperialismo e a ofensiva imperialista ainda não terminou. Eles, continuam, cada vez mais, a pretender dividir as forças nacionalistas.»**

guimos, apesar de termos trabalhado para isso desde 1959. Não conseguimos, porque, exactamente os americanos dos Estados Unidos, que controlam o Zaire, controlam a organização de Holden Roberto, têm impedido, por razões ideológicas — dizem que somos comunistas e que portanto o comunismo é muito perigoso em África.

Nós tivemos uma origem que é uma origem democrática, alguns de nós trabalharam juntamente com os democratas portugueses, no M.U.D. Juvenil e noutras organizações. Isto, depois que o M.U.D. Juvenil foi ilegalizado em Portugal, fez com que todo o imperialismo nos classificasse de comunistas e com essa etiqueta temos aparecido nos jornais, umas vezes como maoistas, outras vezes pró-soviéticos, mas nunca como angolanos. Nós temos, portanto, enfrentado essa guerra contra o imperialismo e a ofensiva imperialista ainda não terminou. Eles continuam cada vez mais a pretender dividir as forças nacionalistas. Nós vamos organizar brevemente um Congresso em que vamos discutir todos estes problemas. Mas o que é certo é que a situação evoluiu, agora há mais probabilidades de chegar a uma solução do nosso problema Colonial. E estamos seguros de que vamos dar alguns passos em frente num futuro breve.

Eu penso que é bom dizer mais uma vez que o nosso movimento tem uma orientação progressista e nós olhamos bastante para o futuro do conjunto humano; nós não pensamos Angola separada no mundo, como uma unidade negra, vivendo na África, isolada do resto do mundo.

Ontem pudemos ver isto na expressão artística, mas também polítca, de certo modo nos nossos irmãos dos outros países de África e da América Negra, onde se poderá ver a preocupação do negro ser negro, ser negro e politicamente negro.

Essa não é a preocupação do nosso movimento. Nós sabemos que em Angola há 500 000 portugueses; nós temos brancos na nossa organização, originários de Angola, que já não se consideram portugueses, consideram-se angolanos. Evidentemente a questão da nacionalidade terá que ser discutida numa assembleia. Não somos, nós, o Movimento de Libertação, quem vai determinar a nacionalidade daqueles que já não querem ser portugueses, mas querem ser angolanos, no entanto eles colaboram connosco e dentro da nossa organização. E nós estamos seguros de que muitos portugueses que actualmente estão em Angola não querem voltar para Portugal. Criaram lá os seus interesses, têm ali a sua vida e não conhecem Portugal.

Portugal tem sido uma praia para ir passar as férias e continuará a ser assim. As nossas relações depois da independência terão de ser melhores ainda, ou melhor, terão de aumentar para que as relações económicas, as relações culturais, os problemas que derivarão da necessidade de um desenvolvimento da economia, vão fazer com que haja trocas e técnicos; há-de haver, com toda a certeza, um intercâmbio de homens que não nos permite — e isso não é humano, é contra o sentido da História — não nos permi-

> **«Portugal tem sido uma praia para ir passar as férias e continuará a ser assim.»**

te dizer que Angola será somente dos negros angolanos que se encontram no nosso país. Nós queremos ser o mais abertos possível. É claro que aqueles que cometeram crimes, aqueles que são conhecidos como fascistas, que são conhecidos como exploradores, fazendeiros que praticaram crimes em Angola, evidentemente serão expatriados e expulsos. As companhias estrangeiras naturalmente poderão investir. Apressaremos o desenvolvimento económico, mas aquelas companhias que praticaram abusos, que roubaram o nosso povo, é natural que não sejam admitidas no nosso país. Tudo faremos no interesse do nosso povo e o interesse do nosso povo é que nós mantenhamos relações justas. Esta é uma orientação que não agrada a muito países africanos, que nos gostariam de ouvir falar de guerra racial, como os países de «apartheid» e é compreensível que seja assim. Porque por exemplo na África do Sul até esta linguagem seria talvez uma ofensa aos negros que ali estão condicionados, àquela pressão d «apartheid», portanto dificilmente compreenderão a nossa política, mas eles também chegarão aí.

O problema que se põe é o de uma cooperação de todos os homens e mulheres que são explorados, para abater a classe dos exploradores. Essa é para nós a orientação que seguimos e esperamos que no futuro, não em reuniões como esta, mas talvez na vossa terra, ou em nossa terra, nós possamos encontrarmo-nos mais vezes para festejar fraternalmente as ocasiões históricas que vamos viver. Eu acredito num futuro próximo. Obrigado.

A SITUAÇÃO DO CAPITÃO PERALTA

O dr. Manuel João da Palma Carlos esteve esta manhã no Quartel General da Junta de Salvação, na Cova da Moura, a fim de tratar da situação do capitão cubano Peralta.

«O caso está muito bem encaminhado», afirmou Palma Carlos ao nosso jornal, exibindo um sorriso de satisfação.

1.º DE MAIO — O POVO TEM DIREITO

(Continuado da 1.ª pág.)

temunhou, festa depois da qual é preciso reconstruir todo um país de alto a baixo, ou, como sugeriu Álvaro Cunhal também da improvisada tribuna do estádio: «As massas populares são uma força imensa, mas precisam de estar organizadas!»

Estiveram presos, estiveram exilados, nunca perderam a esperança. Ajudaram como poucos à reconquista da liberdade. Ontem, lado a lado, vieram para a rua. Soares. Cunhal. Povo com povo, povo maduro e alegre

UNIDOS JAMAIS VENCIDOS!

Foram incontáveis os grupos representantes de trabalhadores (ou simplesmente de terras, bairros, ruas, às vezes casas apenas — os amigos juntos, os conhecidos novos alegremente juntos) que desfilaram ao longo do trajecto escolhido, pequeno de mais para a manifestação. Ao mesmo tempo a Lisboa que ali não coubera, não podia caber, explodia de júbilo por outras formas, afinal as mesmas: cantos, gritos, cartazes, cravos, lágrimas.

De todos os gritos e cantos adoptados ou inventados, um ecoou mais insistentemente: «O povo — unido — jamais será vencido!» Eis o penhor a não esquecer, o vínculo aceite pela imensa maioria (sim, imensa, e sim, maioria) dos cidadãos.

Mas outros se ouviram e alguns de pura circunstância. Registemos para os leitores que hão-de pegar um dia neste jornal escrito com palavras livres e emocionadas: «Zás — catrapás — já lixámos o Tomás!»; «Um, dois, três, quatro, o Caetano está no papo!»; «Não à guerra, morte à Pide!»; «Escrever é lutar!» (dos escritores, encabeçados pelo poeta Zé Gomes); «É bom, é bom, é bom e continua — o povo português pôs o fascismo na rua!»; «Deixa passar esta linda brincadeira, o Tomás e o Marcelo estão na ilha da Madeira»; «Ó Rosa arredonda a saia, ó Rosa arredonda-a bem, o Marcelo mais a Pide já não prendem mais ninguém»...

Centenas de populares descobriram, também ontem, que até podem falar para a Rádio e para a Televisão! E isso não sucedeu somente a instâncias das estações portuguesas, já que as estrangeiras fizeram o mesmo. Tomámos nota de uma micro-entrevista ao pé da estátua de António José de Almeida, onde o republicano Américo Fonseca «(nasci em 1910!) — era a explicação para a sua presença de bandeira em punho...) montava guarda desde o fim da manhã. Respondia uma voz à televisão espanhola:

«O que posso eu dizer? Que estou contente, muito contente! Que isto é lindo! É a beleza, ouviu? É a beleza!»

E quando o repórter de Madrid ia a afastar-se:

«Mire usted, passámos do pesadelo ao sonho... Foi isso!»

Já no troço final da Avenida Almirante Reis, um grupo imenso deteve-se diante de um prédio e escandiu de dedos em «V» — «O Povo — unido — jamais será vencido!». Lá no alto, num sexto ou sétimo andar, chorava-se. Dois braços abraçaram-se, abraçavam o ar, descreviam gestos de ternura indizível. A cabeça sacudida pelos soluços tinha o cabelo todo branco. Ao lado, desfeita pela emoção, uma senhora igualmente idosa, tapava os olhos com a mão esquerda, com a direita lançava pétalas de flores. O repórter esteve largo tempo sentado no passeio. E consolavam-no, ou gritavam-lhe que se levantasse, fosse com os demais... Custou muito.

A IMPORTÂNCIA DO CRAVO

A maior das manifestações de Lisboa, já o dissemos, iniciou-se na Alameda Afonso Henriques e terminou com um gigantesco comício no Estádio 1.º de Maio, como ontem foi baptizado.

Desde manhã que o local da concentração se começou a encher. Isoladas ou em grupos políticos ou profissionais, que se haviam reunido noutros pontos da cidade, as pessoas chegavam com cravos vermelhos, mãos no ar com dedos em «V», gritos com «slogans», cartazes nas mãos e, sobretudo, com a sua indescritível alegria por tudo quanto aquilo representava: a recuperação da dignidade roubada há quase cinquenta anos por um regime que terminou.

As janelas da Alameda e das ruas do trajecto pejavam-se de gente que pendurara colchas e bandeiras. Bandeiras de papel e cravos vermelhos foram as notas dominante (também já escrevemos isto, paciência). Soldados, marinheiros, polícias de trânsito, forças da ordem, que nenhum incidente tiveram de resolver porque a ordem era a força do povo que se concentrava, estavam «cravejados»... Nos canos das espingardas, na lapela das fardas policiais, estavam cravos vermelhos idênticos aos que se viam nas mãos e nos carros dos cidadãos libertados pela democracia.

Cerca das 15 horas, a massa imensa que preenchia a vastidão da Alameda e ruas limítrofes pôs-se em movimento. A manifestação, organizada por cerca de duas dezenas de Sindicatos e pelo Partido Socialista, à qual aderiram mais partidos, como o Movimento Democrático CDE, o Partido Comunista Português e ainda outros que se fizeram representar, ia a caminho do estádio.

UM PROCESSO IRREVERSÍVEL

Subiu-se a Almirante Reis, atravessou-se a Praça do Areeiro, desceu-se a Avenida do Aeroporto, subiu-se a Avenida dos Estados Unidos da América, entrou-se na Avenida do Rio de Janeiro. Finalmente o estádio!

Durante o trajecto, cartazes e bandeiras do país e dos partidos ondularam e agitaram-se ao ritmo das frases gritadas pelos manifestates. Em todos os edifícios que ladeavam o percurso, centenas de pessoas acompanhavam e apoiavam a manifestação que passava. O povo caminhava unido, cimentando um processo irreversível. Era o princípio da sua grande vitória.

Grupos políticos (entre os quais se destacavam os Partido Socialista e Comunista Português) e agrupamentos profissionais ou regionais encabeçavam o desfile. Quando os primeiros manifestantes entraram no Estádio 1.º de Maio, ainda milhares de pessoas não tinham saído da Alameda onde se concentraram.

Todo o espaço do estádio, incluindo os terrenos circundantes, foi ocupado. Muita gente, nomeadamente entre os órgãos de informação (agora livre!), se interrogava sem encontrar resposta certa, ou aproximada: quantas pessoas estariam ali? Apenas concordaram num termo vago: dezenas de milhares. A zona principal da manifestação conteria talvez 200 000 a 250 000 pessoas.

CARTAZES E PARTIDOS

Centenas de cartazes, uns toscos, outros mais trabalhados, erguiam-se sobre a multidão. Alguns deles.

«As nossas armas são as flores»; «A poesia está na rua»; «Livres do fascismo, lutaremos por um Portugal melhor»; «Liberdade sindical também para funcionários púlicos»; «Direito à greve»; «Julgamento público dos criminosos fascistas»; «Direito de voto aos 18 anos»; «Fim à guerra colonial»; «Sindicatos saúdam filhos do povo armados»; «Em Angola ainda estão presos mais de 6000 patriotas»; «Álvaro Cunhal no governo provisório».

Partidos e grupos políticos marcavam a sua presença, erguendo bandeiras e cartazes com palavras de ordem. O Partido Comunista e o Partido Socialista tinham os maiores contingentes de manifestantes como agrupamentos políticos. Um gigantesco cartaz do P.C.P. dizia: **«O povo unido jamais será vencido»**. Cercavam-no inúmeras bandeiras vermelhas com a foice e o martelo. O Partido Socialista era lembrado também por inúmeras bandeiras vermelhas e cartazes. O mesmo para CDE.

Entretanto, para além de cartazes e bandeiras de sindicatos (mais de vinte estavam presentes), notava-se a presença, entre outros, do Movimento Libertário Português (com a palavra de ordem «A luta continua»), da União dos Estudantes Comunistas e da Convergência Monárquica.

CAPITALISMO INIMIGO A VENCER

O primeiro orador no Estádio falou a partir das 17 horas. Manuel Lopes, presidente do Sindicato dos Lanifícios,

«Eles» estiveram quase 48 anos no poder que roubaram ao o dinheiro do mundo pagariam estas lág

AO PODER

Entre Alvaro Cunhal e Mário Soares, um marinheiro de braço estendido. No povo circulavam este desejo: que Tomás e Caetano estivessem a ver pela televisão...

storiou brevemente o 1.º de aio e apelou para a unidade s trabalhadores com vista à nstrução de uma sociedade cialista. Também advogou o reito à greve e o fim da ıerra colonial. (A unidade s trabalhadores, o direito à eve, o fim da guerra foram, iás, notas dominantes dos scursos proferidos pelos dirsos oradores).

«A quem aproveita o dinheidos trabalhadores?», foi na questão levantada, numa municação sobre previdên, pelo presidente do sindito dos Metalúrgicos. Numa tervenção muito incisiva e olenta contra o regime fassta, a qual foi recebida com orantes manifestações de ensiasmo pelo povo ali reuni, o orador apontou o capitamo como o inimigo a venr.

Para o representante do Sincato dos Caixeiros, «foi da o primeiro passo, mas a ssa luta ainda não termiu». O conluio entre o poder lítico e o poder económico rante o regime fascista foi rgamente denunciado, pedin-se a instituição do direito

povo, mas nem com todo rimas

greve, «a arma fundamental trabalhadores».

A VITÓRIA NÃO ESTÁ COMPLETADA

Pela primeira vez, desde há ase cinquenta anos, dirigen de partidos políticos porgueses falaram livremente povo.

Francisco Pereira de Moura, la CDE, começou por afirar que «a vitória ainda é uito incompleta». Depois de tecer alguns comentários ao programa do Movimento das Forças Armadas, indicou o problema colonial como o mais grave do momento. Por outro lado, **«a vitória ainda não está consolidada, o fascismo pode voltar porque a base capitalista não foi alterada»** — acrescentou, para acentuar no entanto que **«o programa do Movimento das Forças Armadas aponta para o Socialismo»**.

Entretanto, ainda centenas de manifestantes continuavam a entrar no superlotado estádio. Entre eles surgiu um grande cartaz: **«Felicidade e liberdade para o povo português»**. Assinava: Partido Socialista Operário Espanhol.

Nuno Teotónio Pereira usou da palavra como representante dos Católicos Progressistas. Todavia, logo começou por declarar, justificando-se, que tal designação já não existe. **«O termo pertence ao passado»** — disse — **«Agora, os cristãos também têm de optar pelos partidos existentes ou quaisquer outros»** — acrescentou. E a finalizar: **«Não nos podemos contentar com meias soluções. Temos de ir até ao fim!»**

«PARA DEFENDER OS PORTUGUESES DE ÁFRICA TEMOS DE ACABAR COM A GUERRA»

Seguiu-se o vibrante improviso do dirigente do P. S. Mário Soares, interrompido com frequência pelos incontáveis aplausos de todos os presentes no Estádio 1.º de Maio:

Camaradas — Valeu a pena ter sofrido tantos anos para assistir a esta festa. A este dia de festa.

O Movimento Militar de 25 de Abril derrubou o Governo fascista e colonialista de Marcelo Caetano. Mas é aqui, nesta demonstração de civismo e disciplina popular, que o Fascismo fica definitivamente liquidado.

Esta é a festa do trabalho e quero saudar, em primeiro lugar, o sindicalismo livre a quem pertence esta grande manifestação.

Quero saudar as Forças Armadas a quem se deve o estarmos aqui. A confraternização de marinheiros, soldados e povo demonstra que o Exército Português é o Povo.

Saudou no resistente Alvaro Cunhal o Partido Comunista e as suas vítimas. Saudou igualmente outras forças democráticas ali presentes. Em especial os cristãos.

«O Fascismo está destruído, mas as suas bases sociais de sustentação mantêm-se intactas. A Junta já governa, mas infelizmente ainda não tem o poder.

O poder económico está ainda nas mãos de grupos financeiros, do imperialismo estrangeiro e do baronato político-corporativo.

E escandaloso para qualquer consciência moral verificar a caça aos reles Pides enquanto que os grandes responsáveis da repressão. Rapazote e Santos Júnior, se passeiam tranquilamente.

A nossa vitória tem que ser generosa e tolerante, mas não podemos esperar a lição do Chile. A Junta tem que cortar relações diplomáticas com a junta fascista de Pinochet.

A nossa generosidade não pode ser ao ponto de permitir que o sinistro Tomás e o hipócrita Caetano continuem a gozar férias na ilha da Madeira. Para fazermos face aos perigos que nos ameaçam impõem-se duas condições: a unidade das forças democráticas e a união íntima entre o povo e as Forças Armadas.

O Governo de Salvação Nacional terá que unir todas as forças democráticas, sem discriminação, desde o Centro e os liberais até à extrema esquerda; mas o núcleo principal dessa aliança terá de ser formado pelos dois partidos mais representativos da classe operária: o Partido Socialista e o Partido Comunista.

O problema central da Nação é o colonial. Temos que o resolver em curto prazo, se não quisermos deteriorar a situação. Para isso é preciso negociar com os movimentos nacionalistas africanos; e, na base do reconhecimento, o direito à autodeterminação e à independência. Temos que salvaguardar as vidas e os bens legitimamente adquiridos dos portugueses que se encontram naqueles territórios e somos nós, negociando, que melhor os defendemos.

A hora não é de discursos. E de acção. Hoje foi um dia de festa. Festa que termina em alegria e em paz; amanhã, temos que meter ombros ao trabalho. O tempo urge. Viva o socialismo. Viva Portugal!

O FASCISMO NÃO PODE VOLTAR AO PODER!

Camaradas: se alguém quiser saber qual a vontade quais os objectivos do nosso povo, teve hoje aqui, a resposta» — começou por afirmar Alvaro Cunhal, aplaudido maciçamente pela incontável multidão presente fora e dentro do Estádio 1.º de Maio, de onde partiram gritos de «Cunhal ao poder!».

O secretário-geral do P. C., tal como durante a sua chegada a Portugal, pugnou pela unidade de todas as forças democráticas e, ao saudar o Movimento das Forças Armadas, sublinhou:

«Vós estais e estareis sempre com o povo pois o povo estará sempre convosco!».

Lembrou:

«Não nos anima o espírito de vingança mas devemos tomar as medidas necessárias para que o fascismo não volte ao poder!». Pediu depois «vigilância em relação às actividades dos que poderão reconduzir a Pátria à tirania fascista» e para tal anunciou medidas concretas:

«Dentro em breve será constituído um governo provisório para assegurar a democratizaão da vida nacional, para dar lugar à Paz. Todos os partidos representativos devem estar presentes nele».

Depois de relembrar a necessidade de reforço da unidade de toda a frente democrática e defender a sua urgente organização Álvaro Cunhal disse:

«As força populares são uma fora imensa mas precisam, para isso, de estar organizadas!»

Saudou a propósito, o sindicatos livres e independentes e o papel que tiveram mesmo durante a noite fascista na defesa e organiza-ão dos trabalhadores. Citando a **«estreita fraternidade entre as massas trabalhadoras e os oficiais, soldados e marinheiros»**, concluiu apontando o papel essencial da classe operária na futura sociedade portuguesa. Sugeriu ainda o dia 25 de Abril para uma «Parada das Forças Armadas» e afirmou que o P. C. P. iria pugnar **«pela unidade democrática, pela aliança Forças Armadas-Povo e pelo termo imediato da Guerra Colonial.»**

Usaram ainda da palavra os representantes da C. G. T. (Confederação Geral dos Trabalhadore) francesa, da Confederação Mundial dos Trabalhdores e da Federção Sindical Mundial. Nas suas intervenções foi bem expresso o apoio, ao povo português de milhões de trabalhadores de todo o Mundo. Todos lembraram a urgência do fim da guerra colonial, tendo o representante da Federação Sindical Mundial gritado, bem alto (e em português), sob trovoada de aplausos:

«Nenhum povo é livre enquanto oprimir outros povos!».

ALEGRIA ATÉ DE MADRUGADA

Utilizando os triângulos vermelhos como oportunos «vês» de vitória, milhares de automobilistas convergiram para a zona da Alameda Afonso Henriques a partir das 13 horas, e alguns até mais cedo, para participarem na gigantesca manifestação.

Centenas de crianças ao colo dos pais assistiram também à memorável concentração no Estádio 1.º de Maio.

Nas imediações do estádio, que foi, como tudo ontem, demasiado pequeno para conter a imensa multidão, vimos grupos de ciganos dando vivas a Portugal e oferecendo cravos às pessoas que por ali «circulavam».

As varandas dos prélios foram ornamentadas com milhares de colchas (as mesmas, pelo menos algumas delas, que em tempos terão servido para assinalar a passagem das grandes procissões...) com dísticos onde se saudava o Movimento das Forças Armadas, o general António de Spínola e a extraordinária unidade do povo português nestes dias históricos.

Com os estabelecimentos todos encerrados, por se tratar do Dia do Trabalho que a repressão fascista nunca nos tinha deixado comemorar, muitas pessoas, especialmente aquelas que contavam ir a um restaurante da zona antes da concentração, participaram na gigantesca manifestação sem comer, suportando com um espantoso entusiasmo e alegria a fadiga de todas aquelas horas.

Grande terá sido durante este dias, mas principalmente na tarde de ontem, o comércio dos cravos e das pequenas bandeiras nacionais. O cravo transformou-se, com o triunfo do Movimento, na flor de todos nós, no símbolo da libertação necessária, na imagem de serenidade e vida que a revolução triunfante nos deu a possibilidade de assumir.

Já no Esádio 1.º de Maio, muitas macas tiveram de circular para levarem, a lugar onde pudessem ser assistidas, muitas pessoas que, com o calor e o cansaço, acabaram por desmaiar. Foi também a profunda emoção destas horas, a dificuldade de acreditarem que tudo de súbito se tornar finalmente possível. Durante as intervenções que tiveram lugar na tribuna do estádio via-se ao longe no céu azul um papagaio de papel com as letras M. R. P. P. Este grupo político viria a manifestar-se cerca das 22.30 no Rossio. Não esteve representado no Estádio 1.º de Maio, a não ser pelo papagaio. Já de madrugada, por volta das três horas, o clima de alegria na zona do Rossio e Restauradores era espantoso. A fim de viverem intensamente todas as horas da vitória, centenas de pessoas insistiram em ficar na rua até ao limite das suas forças.

Esta madrugada cantava-se e dançava-se no Rossio. Cadeiras e mesas das esplanadas da Avenida da Liberdade foram transportadas para o pedestal da estátua de D. Pedro.

Aí cantava-se e bebia-se. Marinheiros e soldados, abraçados a outros populares, viviam os momentos inesquecíveis da queda do fascismo.

Esta madrugada até a polícia tinha cravos ao peito. Os carros circulavam carregados le flores e de jovens cantando.

O Portugal finalmente liberto deve ser vivido até às lágrimas, mas de alegria.

O PARTIDO SOCIALISTA OBRERO ESPANHOL NA MANIFESTAÇÃO

No cortejo cívico do Primeiro de Maio, juntamente com membros do Partido Socialista, participaram alguns delegados do Partido Socialista Obrero Espanhol. Vieram expressamente a Lisboa para o efeito.

Outros componentes da delegação foram impedidos de entrar em Portugal, na fronteira do Caia. A Direccion General de Seguridad do país vizinho não consentiu que saíssem de Espanha.

Os cinco delegados do Partido Socialista Obrero mostravam particular satisfação e entusiasmo com as manifestações em que puderam participar.

SÃO PRECISOS MAIS CRAVOS VERMELHOS

Por EDMUNDO PERDIZ

Alguém olha para mim e sorri. Não nos conhecemos, mas não importa, aí está um gesto a mostrar-nos a fraternidade que há ainda oito dias não existia na alma das pessoas. Portugal do povo triste, ensimesmado, Portugal das ruas onde as pessoas passavam do emprego para casa e de casa para o emprego como se fossem para um funeral, esse Portugal está a acabar. Foi preciso que uma réstea de liberdade estremecesse a vida de todos nós, para que num súbito arrebatamento nos sentíssemos vivos, despertos para uma realidade que tem o ar do relâmpago que nos cega instantaneamente. Mas não fatalmente, porque a razão, o sentimento, a energia, a comunicação dos outros tocaram-nos e ressuscitam-nos — e aí estamos e somos o país, somos a gente, somos tudo, somos a força e a alegria de viver, somos o mundo que assumimos já.

Nos cafés as pessoas ousam, agora, sorrir, olhar de frente umas para as outras. E, maravilha das maravilhas, elegeram uma flor como símbolo do momento que vivem — usam cravos vermelhos nas roupas, nos cabelos. Cravos vermelhos até, nos canos das armas dos soldados. Eis o milagre julgado impossível há oito dias: a ditadura, os fascistas, a pide, a opressão, a proibição da livre expressão do pensamento foram destruídas e nesses belos cravos vermelhos que passeiam por toda essa cidade e são, afinal, a mensagem inesperada de uma nova forma de viver, sublima-se o momento.

Atenção, no entanto: todas as formas de opressão, que ainda há pouco nos subjugavam não ficaram tão longe, que possam ser facilmente esquecidas. É imperioso que não voltem e que cada cidadão lute ciosamente pela liberdade que tão inesperadamente lhe caiu do céu — são precisos mais cravos vermelhos.

O QUE SE PASSOU EM LANCEIROS 2 NA MANHÃ DE DIA 25

Como é do conhecimento geral, tem sido o Regimento de Lanceiros 2 (Polícia Militar) que, desde a data da eclosão do movimento, desempenha funções de coordenação e orientação das massas populares.

Ainda que o trabalho não seja difícil, pois toda a população acata as suas directivas, esta missão exige de toda a Unidade um grande esforço que é recompensado pelas manifestações de apreço que lhes são tributadas.

É pois justo que se esclareçam certos pontos, relativos à actividade desta força no dia 25 de Abril. Falou-se algumas vezes que esta Unidade não se juntara à revolução e dera abrigo a entidades do extinto governo e que, finalmente se rendera. A realidade, porém, foi outra.

Desde o primeiro momento que alguns capitães e oficiais subalternos (na maioria milicianos) contactados por um oficial superior ligado ao movimento deram a sua adesão. Todavia o ambiente não era o mais favorável à divulgação total das intenções, uma vez que faziam parte do Regimento oficiais comprometidos com o antigo regime, nomeadamente o comandante e o major comandante do Grupo P. M.

Assim, o oficial de Lanceiros 2 que pertencia ao Movimento viu a sua missão dificultada. Muitos oficiais não foram por isso contactados, pois poderia ser comprometida a segurança do levantamento.

Nesta ordem, quando na hora marcada foi necessário tomar decisões surgiram problemas de difícil resolução. Havia porém a certeza de que as forças da P. M. não interfeririam já que os elementos operacionais tinham aderido.

Os militares fiéis ao governo deposto tentaram, por todos os meios, não só dividirem o efectivo para conseguirem um comando mais fácil como também convencer os subordinados de que o pronunciamento não tinha grande significado. Estas medidas, todavia, não conseguiram modificar a posição dos oficiais, apenas dificultando a sua coordenação e demorando por isso, a sua total participação no movimento.

Entretanto, altas individualidades do antigo regime, por saberem que naquela unidade se encontrava gente da sua confiança, aí procuraram refúgio. O efectivo do Regimento apercebeu-se, então, plenamente dos objectivos dos referidos oficiais, que com evasivas e ordens desencontradas procuravam deter a evolução dos acontecimentos. Então, os restantes oficiais exigiram a imediata retirada das individualidades e a adesão (ou abandono) do comandante e do major.

Assim, antes que a tensão aumentasse e não se sentindo seguros os ex-ministros preferiram partir a ser detidos (o almirante Américo Thomaz não se encontrava entre eles). Deste modo, perante a crescente pressão de todo o efectivo da unidade que desejava ardentemente juntar-se ao movimento — os praças devidamente enquadrados pelos sargentos e instruídos pelos oficiais — o comandante, sem outra alternativa, decidiu pôr-se à disposição do Movimento, sendo em curto lapso de tempo, substituído nas funções de comando.

AS ANTERIORES TENTATIVAS DE GOLPES DE ESTADO

Do sr. Vasco António Silva Antunes, residente em Santo Amaro de Oeiras, recebemos a seguinte carta:

«Em notícia publicada no seu jornal do dia 26 do corrente, com o título «As anteriores tentativas do golpe de Estado», transmitida de Paris, foram omitidas as tentativas anteriores a 1946.

Uma das primeiras, foi o golpe gorado de 26 de Agosto de 1931, quando tropas vindas de Queluz, na madrugada desse dia, comandadas pelo cap.-eng.º Joaquim Pinto Gomes (já falecido) e outras tropas, ficaram, à chegada a Lisboa, sob o comando de meu pai, o coronel António Augusto Dias Antunes. Outras ficaram sob o comando do coronel Fernando Utra Machado e do major-aviador Sarmento de Beires. As do Norte eram comandadas pelo coronel Helder Ribeiro, falecido há pouco, no Porto.

Deste grupo de sublevados faziam também parte o major Areosa Feio e muitos mais oficiais e civis de nomeada que foram, poucos dias depois, deportados de barco para Timor, tendo alguns falecido na inóspita e desabitada ilha de Atauro.

A maioria destes revoltosos regressou muito mais tarde á Metrópole, mas meu pai faleceu em deportação no dia 22 de Janeiro de 1940, estando o seu corpo sepultado em Dili».

JOSÉ BATISTA, de 51 anos de idade, casado, residente na Rua 1.º de Maio, n.º 7 — Corroios —, tendo chegado ao seu conhecimento que o consideravam agente da P. I. D. E.-D. G. S., vem publicamente desmentir tal facto.

Regresso à Pátria dos restos mortais de Humberto Delgado

Um grupo de democratas da Guarda enviou-nos um telegrama em que refere: «Se os exilados políticos devem regressar à Pátria, também os exilados mortos não devem ficar esquecidos em terras estrangiras. Pedimos, pois, para que regressem os restos mortais do general Humberto Delgado».

GRANDE MANIFESTAÇÃO DE APOIO À J. S. N. NA VILA DE ALENQUER

ALENQUER, 30 — Nesta vila efectuou-se uma grande manifestação de apoio à Junta de Salvação Nacional, traduzindo o regozijo enorme que vai em toda a população da região.

Os manifestantes concentraram-se no Largo Palmira Bastos, na parte baixa da vila, dirigindo-se depois para a Alta, tendo no caminho encontrado o dr. Teófilo Carvalho dos Santos que foi aclamado.

No Largo dos Paços do Concelho vários oradores dirigiram-se à multidão. Falaram os srs. Manuel António de Matos, drs. Carvalho dos Santos e Vieira Leitão.

A manifestação correu depois toda a vila, incluindo o Bairro das Paredes, voltando depois ao Largo do Espírito Santo, onde o dr. Carvalho dos Santos falou de novo, exortando os manifestantes a reclamar os seus direitos cívicos.

Entretanto uma força da Base Aérea da Ota que passava foi aclamada por todos os manifestantes. Essa força veio impedir que elementos da G.N.R. e da Polícia dispersassem a manifestação.

Entretanto foi marcada para amanhã, às 21 horas, no Alenquer-Cine, uma sessão plenária, na qual usarão da palavra diversos oradores. Ali serão equacionados vários problemas de urgência para o concelho.

UM GOLPE LIBERTADOR FEITO COM E PARA O POVO

— afirmou-nos Jan Kulakowski, secretário-geral da Organização Europeia da Confederação Mundial do Trabalho

— A acção verdadeiramente decisiva para o vosso país, levada a cabo pelo Movimento das Forças Armadas no histórico dia 25 de Abril, constituiu um golpe de estado libertador, feito com o povo e para o povo — afirmou-nos Jan Kulakowski, secretário-geral da Organização Europeia da Confederação Mundial do Trabalho, que anteontem chegou a Lisboa e ontem discursou no comício do 1.º de Maio, no antigo estádio da FNAT.

Prosseguindo, disse:

— Na verdade, os mais recentes acontecimentos de que o vosso país foi cenário, constituíram surpresa para todos os democratas de fora de Portugal, embora no sentido mais agradável do termo:

Esses acontecimentos constituíram, com efeito, um grande encorajamento para todos os verdadeiros democratas que, nestes últimos tempos, foram bastante marcados pelo golpe de estado fascista do Chile, pela situação vivida noutros países da América Latina, pela situação em Espanha e na Grécia.

Depois de ter vivido esta jornada extraordinária do 1.º de Maio em Lisboa, penso que poderemos ter confiança em que a união entre o Exército e o Povo será verdadeira e duradoira, e que através da actividade do Governo Provisório civil e, depois, de eleições livres, se poderá estabelecer em Portugal uma verdadeira e sólida democracia, não apenas política, mas também económica e social.

APOIO EM TRÊS PLANOS

— Que tipo de contactos teve, no passado, a Confederação Mundial do Trabalho com trabalhadores de Portugal?

— De há muito tempo a esta parte que a Confederação Mundial do Trabalho apoia intensivamente a luta dos trabalhadores portugueses contra a ditadura ora derrubada. Este apoio situou-se em diversos planos, permitindo-me pôr em evidência os três desses planos que considero mais importantes. Trata-se, em primeiro lugar, do apoio à acção sindical clandestina em Portugal. Depois, agindo junto de diversas instituições internacionais, a fim de protestar contra a opressão em Portugal e, em particular, para defender a liberdade no seu sentido mais amplo e de maneira muito especial a liberdade sindical. Finalmente, por uma acção sindical activa com e pelos trabalhadores imigrantes portugueses nos diversos países da Europa onde existem confederações nacionais membros da C. M. T.

Mas julgo necessário acrescentar que para a C. M. T. a luta dos trabalhadores portugueses está e sempre esteve ligada à luta dos povos e dos trabalhadores das colónias portuguesas — Angola, Moçambique e Guiné (Bissau) — com vista à sua libertação e à sua independência.

— Como vê as perspectivas sindicais imediatas em Portugal, no futuro imediato?

— Penso, antes de mais, que a liberdade política — que supõe naturalmente, a liberdade de expressão e de associação — é uma condição para o estabelecimento de um sindicalismo livre e democrático. O estabelecimento de um tal sindicalismo em Portugal será uma garantia da manutenção e da consolidação da democracia em Portugal.

A Confederação Mundial de Trabalho está disposta a apoiar todo e qualquer tipo de acção desenvolvida nesse sentido. Está disposta a colaborar com outras forças sindicais democráticas e, eventualmente, com outras forças democráticas, para assegurar o estabelecimento de tal sindicalismo.

Para a C. M. T. é bem evidente que o sindicalismo tem uma missão importante e original a desempenhar neste país. Essa missão é diferente da dos partidos mas deve situar-se no contexto geral do estabelecimento de uma verdadeira democracia com a participação dos trabalhadores.

ABERTO O CAMINHO DA EUROPA

— Qual a situação actual e quais os projectos do sindicalismo ao nível da Europa?

— Como sabe, estamos em vias de conseguir, ao nível do continente, uma verdadeira unidade sindical. A Organização Europeia da C. M. T. trabalha nesse sentido de há vários anos a esta parte. Esta unidade toma corpo, agora, no seio da Confederação Europeia dos Sindicatos, à qual aderiram as confederações nacionais membros da C. M. T. na Europa. Esta unidade tem apenas um fim, qual seja o de procurar, por todos os meios, a criação de uma força dos trabalhadores capazes de afrontar o capitalismo europeu e multinacional e de exercer uma verdadeira influência na evolução da integração europeia.

— Que pensa, no novo contexto da situação política portuguesa, das perspectivas de Portugal relativamente ao Mercado Comum Europeu?

— Enquanto Portugal foi dominado por uma ditadura fascista opusemo-nos ao estabelecimento de laços entre o vosso país e a Comunidade Económica Europeia. E fizemo-lo de acordo com os restantes camaradas europeus.

Porém, com o estabelecimento da democracia em Portugal, o caminho da Europa abre-se naturalmente ao vosso país. Mas é preciso não esquecer que a Comunidade Económica Europeia atravessa uma crise e que ela é largamente dominada pelas forças capitalistas.

O movimento sindical europeu trabalha para transformar esta comunidade. Se Portugal democrático estiver pronto e disposto a actuar no mesmo sentido, será bem vindo à Europa comunitária. E o movimento sindical livre e democrático de Portugal será igualmente bem vindo ao seio do sindicalismo europeu.

JAN KULAKOWSKI

UMA SÉRIA ADVERTÊNCIA A TODAS AS DITADURAS

No comício ontem realizado no Estádio 1.º de Maio (antes designado estádio da F.N.A.T.), Jan Kulakowski pronunciou a saudação que a seguir transcrevemos. Como se sabe, além dele usaram da palavra o representante da C.G.T. de França, da Confederação Internacional dos Sindicatos Livres e da F.S.M. (Federação Sindical Mundial).

«O 1.º de Maio de 1974 passará à história da democracia e à história da classe operária como uma data extraordinária e inesquecível: o Movimento das Forças Armadas, ao serviço do povo e dos trabalhadores de Portugal, derrubou a ditadura e a opressão.

Tal acontecimento constitui uma vitória para todos os democratas de Portugal e do mundo e uma séria advertência a todas as ditaduras.

Sinto-me feliz e honrado por poder estar hoje no meio de vós, para vos transmitir, neste dia de alegria, a saudação fraterna da Confederação Mundial do Trabalho.

Sinto-me feliz por me encontrar aqui, ao lado do meu camarada que representa a Confederação Internacional dos Sindicatos Livres e ao lado doutros camaradas que vêm dar, aqui, como eu, o testemunho de solidariedade do movimento sindical internacional democrático.

A Confederação Mundial do Trabalho estava já, há muito tempo, a vosso lado, na luta clandestina que travastes, e apoiou e encorajou o carácter unitário dessa luta. Com os mesmos propósitos, ela apoiou a vossa luta assim como a dos povos das colónias, intervindo em todas as instituições internacionais, e, duma forma particular, na Organização Internacional do Trabalho.

Estamos, aqui, hoje, ao vosso lado, neste momento em que ides empreender a construção dum sindicalismo livre e democrático num Portugal democrático e livre, neste momento em que recusais o passado colonial do vosso país.

Estamos, aqui, hoje, ao vosso lado, para combater o fascismo que, por toda a parte, destrói a liberdade do povo; para, unidos, combatermos o colonialismo por toda a parte onde ele existe; para combater, em conjunto, o capitalismo, que, por toda a parte desafia os trabalhadores; para constituir, em conjunto, uma força internacional de trabalhadores, capaz de se opor à força multinacional do capital.

Estamos, aqui, hoje, ao vosso lado, unidos a todos vós, para exigir uma liberdade sindical autêntica e uma democracia política, económica e social.

Estamos, aqui, hoje, unidos a todos vós, numa mesma determinação de unidade, cujo símbolo é, na Europa, a Confederação Europeia dos Sindicatos, essa nova grande força unitária do sindicalismo europeu.

Camaradas,

Em nome da Confederação Mundial do Trabalho saudo-vos a todos fraternalmente.

Viva Portugal democrático.

Viva a Classe Operária Portuguesa.

Viva os sindicatos livres de Portugal.»

Um dos promotores da reorganização da unidade sindical

Jan Kulakowski, secretário-geral da Organização Europeia da Confederação Mundial do Trabalho, tem a nacionalidade belga mas é de origem polaca.

Começou a sua acção operária e sindical na Bélgica, em 1948, tornando-se permanente sindical, em 1954 e, depois disso, responsável da acção europeia no âmbito da Confederação Mundial do Trabalho.

Secretário-geral da organização europeia da C. M. T., desde 1962, foi um dos promotores da reorganização da unidade sindical europeia no seio da Confederação Europeia dos Sindicatos.

PORQUE NÃO TRANSFORMAR A EX-SEDE DA PIDE-D. G. S. EM MUSEU DA VERGONHA?

A sugestão é do nosso leitor José Bandeira de Noronha. Diz:

«Tenho 42 anos, 27 dos quais considero perdidos por despolitização. Estou muito feliz por, na minha vida, ter assistido à queda do regime fascista que nos oprimia. Esta carta tem duas intenções: uma sugestão e uma interrogação. A sugestão será possível transformar a ex-sede da PIDE-D. G. S. ou a ex-cadeia da mesma, em museu vivo da vergonha, que nos enlutou durante muitos anos?

Estou a lembrar-me dos campos de concentração, dos quais os alemães de hoje e o mundo inteiro se não orgulham, mas, apesar disso, estão transformados em museus vivos para que as gerações vindouras vejam até onde a degradação humana pôde chegar. Esse local devia reunir todo o historial da tenebrosa organização para espanto de quantos o visitassem. A entrada poderia ser cobrada uma importância, que se destinasse às vítimas ou famílias daqueles que tão odiosa organização estropiou mas não venceu.

A pergunta: não seria mais aceitável que o M. R. P. P., em vez de escrever frases nos monumentos, se organizasse em partido e assim fizesse a sua propaganda?»

Posteriormente a esta carta outras pessoas se nos dirigiram formulando a mesma sugestão.

Um sindicato dos trabalhadores do sector público

Principiou a ser elaborado um manifesto com vista à criação de um sindicato dos trabalhadores do sector público. Os pontos base e programa de reivindicações do novo sindicato são:

1.º — direito à greve;

2.º — participação na criação de uma nova política nacional;

3.º — direito de reunião no local de trabalho;

4.º — direitos de carácter social;

5.º — estreitamento do leque de saláros com aumento imediato aos trabalhadores mais mal pagos;

6.º — salário mínimo nacional;

7.º — semana de 5 dias com 36 horas de trabalho;

8.º — subsídio de férias e 13.º mês.

CAZAL-RIBEIRO SOB CUSTÓDIA MILITAR

Apresentou-se à Junta de Salvação Nacional, na Cova-da-Moura, Francisco Cazal-Ribeiro, presidente do conselho de administração da Cidla e antigo deputado, que saiu sob custódia militar.

NOVOS DIAS PARA A RÁDIO RENASCENÇA

De acordo com uma decisão emanada da Junta de Salvação Nacional, os trabalhadores de Rádio Renascença elegeram, ao princípio da madrugada de ontem, administradores da estação o locutor Joaquim Pedro e o regente de estúdios, padre António Rego. Ficaram, assim, sanados os incidentes surgidos pelo que as emissões normais foram retomadas à 1.35.

Efectivamente, o Serviço de Noticiários de Rádio Renascença decidira suspender o trabalho a partir das 18 horas de ontem, ocupando a respectiva redacção, por terem surgido graves problemas de censura interna, executada pela administração, nomeadamente em relação à chegada dos dirigentes políticos Mário Soares e Álvaro Cunhal e dos cantores Luís Cília e José Mário Branco e uma notícia dimanada da Agência Nova China.

O restante pessoal da estação solidarizou-se com os seus camaradas dos noticiários, interrompendo as emissões às 19 horas. O programa foi, no entanto, retomado às 22 horas.

O pessoal de Rádio Renascença fê-lo, porém, apenas com a transmissão de música e de um comunicado, aguardando-se, para normalização do trabalho, que fossem tomadas decisões sobre os problemas em causa.

Mensagem dos mineiros britânicos para os trabalhadores de Portugal

«República» recebeu a seguinte mensagem, dirigida aos Trabalhadores de Portugal:

«A União Nacional dos Mineiros da Grã-Bretanha, por ocasião do Dia Primeiro de Maio de 1974, felicita os operários portugueses pela queda do Fascismo e da ditadura fascista e manifesta a sua solidariedade para com todos aqueles que caíram na luta.

«Lembra ainda os que trabalham pela creação de um sistema verdadeiramente democrático em Portugal e pela libertação do povo português e das colónias portuguesas de Africa.

«Saudações fraternais.

Lawrence Daly, secretário nacional da União dos Mineiros da Grã-Bretanha».

DECLARAÇÃO

João da Conceição de Almeida estabelecido com café e casa de pasto, (vulgo Café Central) na Avenida António Enes, 49 a 53, em Queluz, vem declarar, publicamente, que não pertenceu, nem nunca foi informador da extinta PIDE-D. G. S., conforme tem vindo a ser alcunhado por pessoas mal intencionadas.

Lisboa, 30 de Abril de 1974.

João da Conceição de Almeida

O POVO DO PORTO TAMBÉM VEIO À RUA EM «EXPLOSÃO» DE ALEGRIA

PORTO, 2 — No decurso de uma vida cheia de polícia por todos os lados o povo do Porto veio para a rua solto, transbordando uma alegria tão estranha, tão poderosa, tão profunda que as próprias pessoas nem sabiam bem se era verdade. Mas era.

Cartaz exibido ontem no Porto, com aquela linguagem directa que o Norte sempre reclamou: «Afurada — aqui vai H. Tenreiro, o ladrão dos pescadores.» Em Lisboa o mesmo Tenreiro foi recordado num cartaz que trazia pendurado... um bacalhau

É que verdade. O tal povo do futebol do domingo mandou o futebol à fava porque o futebol era o grande logro e uma das maiores armas utilizadas pelo regime fascista para o retirar da vida política e tentar fazer dele um servo eterno de um dos regimes mais sombrios de toda a nossa história. O povo ontem nesta «sempre invicta e mui leal e nobre cidade do Porto», éramos todos e não houve senhores doutores, nem senhores coronéis, nem senhores engenheiros, nem senhores ministros, nem senhores presidentes, nem senhores governadores, nem senhoras donas, o Povo ontem tinha letra Grande e éramos todos nós, libertos da grande noite infernal de 48 anos de mentira sobre mentira: Eram sentinelas de cravo ao peito no Quartel-General, eram soldados a ler panfletos nos gipes, eram os antigos burgueses a porem o automóvel ao serviço de bandeiras libertárias, eram os miúdos da Ribeira, aquelas crianças formidáveis e sempre tão maltratadas por salazares e marcelos a beijar e abraçar os soldados do Povo, eram os operários de rosto constrangido, ontem com os olhos iluminados de uma nova luz, eram funcionários públicos que atiraram as mangas de alpaca para o lixo, eram marginais esperançados num novo mundo, e até, solitários, os antigos provocadores e mercenários se aperceberam de quem e do que andavam a servir, para coisas terríveis e afinal para nada. A Avenida dos Aliados foi ontem, pela primeira vez neste meio século a verdadeira, a autêntica AVENIDA DOS ALIADOS. Ali se concentraram comunistas, socialistas, republicanos, democratas, liberais, maoístas, monárquicos, trotskistas, católicos, ateus, protestantes, testemunhas de Jeová, israelitas, todos, mas todos unidos num ideal comum: refazer um novo Portugal em nome do Povo Português. Ali no palanque da Avenida dos Aliados, em frente à moribunda e inútil Câmara Municipal, ouviram-se as vozes de portugueses massacrados pelo antigo regime, falando em nome do nosso Povo, para a grande multidão que cobria completamente a Avenida e a Praça da Liberdade, e se alargava pelas artérias convergentes, interminavelmente. Cravos, rosas, bandeiras, nas mãos e lapelas, beijos de raparigas a soldados, ofertas de flores de soldados a raparigas, abraços a conhecidos e estranhos, buzinar infindável de automóveis pelas ruas da cidade, ao vento bandeiras e dedos de fora em forma de vitória, dísticos, colchas às janelas, o povo do Porto à solta, o Porto libertado, o Povo dando exemplos infindáveis de ternura, camaradagem, sacrifício, civismo e luta.

Começaram de manhã e acabaram à noite. Não foram precisos polícias nem Guarda Nacional Republicana. Os cafés e estabelecimentos que fecharam as portas perderam um dia de negócio que ficaria na história do seu haver. A maior parte não abriu por receio de distúrbios. Mas como a Polícia não apareceu a reprimir o povo e os «agitadores profissionais» já não podiam agir como dantes, quem não abriu as portas perdeu o tal dinheiro e sobretudo a oportunidade de conhecer como se comporta um povo em plena liberdade.

O Povo do Porto ontem viveu o seu primeiro dia livre deste meio século. E nós a escrevê-lo, também.

✦

Durante o comício na Avenida dos Aliados falaram a eng.ª Virgínia Moura, Angelo Veloso, Pina Moura, Angelo Ferreira, Abílio Samagaio, Celso Ferreira, Cassiano de Abreu, José Carlos Almeida, Avelino Pacheco e Horácio Guimarães.

MULHERES DO POVO COM OS SOLDADOS

A banda do Regimento de Infantaria 6 — do antigo regimento do coronel Esmeriz, veio para a rua muito antes do início das manifestações, sob o comando do capitão Silva. No seu andamento, a fanfarra foi cercada pelo povo anónimo e saudada por centenas de pessoas.

Depois dos «vivas à liberdade», «abaixo o fascismo» e «o fim à guerra colonial», a banda militar parou a sua marcha e como agradecimento tocou o hino nacional, que foi acompanhado por todos.

Findo o hino, mulheres de idade já avançada, para além de todos os presentes, abraçaram os militares presentes.

Uma das mulheres mais idosas gritou: «Já era tempo de terminar os «bufos» e os «comilões» no nosso Portugal que uma vez mais é livre, mas o que é preciso é não deixarmos os que viraram a casaca, tomar posições. Acabe-se com esses americanos que tem fábricas e que nos andam a sugar o dinheiro. Agora só espero que a minha reforma passe de 500$00 para mais alguma coisa e que se acabem as bichas nos postos da previdência. Viva Portugal.»

Entretanto, o comandante da banda militar afirmava: «É o dia mais feliz da minha carreira militar. Somos todos livres.»

AJUSTE DE CONTAS DOS PESCADORES DA AFURADA...

Pescadores da Afurada vieram para a rua.

Sobre uma tábua traziam um busto de Henrique Tenreiro, encimado por um dístico onde se lia: «Afurada. Aqui vai H. Tenreiro o ladrão dos pescadores.»

Matosinhos estava deserto. Os pescadores não foram ao mar, contrariando uma ordem que lhes fora transmitida.

Também de outros concelhos limítrofes deslocaram-se a partir do meio da manhã milhares de pessoas que se reuniram na Praça do Município.

«É BOA É BOA E CONTINUA O EXÉRCITO PÔS O FASCISMO NA RUA»

Dísticos a alertar as pessoas para a acção desenvolvida pelas forças repressivas eram levados por grupos de todas as idades. «Abaixo a PIDE», «Morra o fascismo» e «Queremos um Portugal Livre» viam-se cruzar as ruas.

Bandos de jovens libertos da opressão imposta a seus pais, cantavam de riso aberto: «É boa, é boa e continua / o Exército pôs o fascismo na rua.»

Havia lágrimas de alegria e evasão nos olhos de pessoas, que ao encontrarem-se, em abraços de fraternidade política pronunciavam «Até que enfim», «Morreu o fascismo» e «Vamos fazer um mundo novo». E a onda de alegria contagiante, os ditos, o modo de sentir o 1.º de Maio davam bem a noção de que este povo sentia na carne o jugo de 48 anos de vergonha e atrofio.

NÃO HOUVE ACIDENTES NEM INCIDENTES

Apesar de solto das algemas o povo portuense teve perante a comemoração do 1.º de Maio uma atitude de relevante patriotismo, pondo a claro, mais uma vez, a sua verdadeira consciência cívica.

Criticou em dísticos, com palavras certas, toda a estrutura do regime passado, mas jamais perdeu o equilíbrio.

A alegria da Vitória não o perturbou. Viveu o 1.º de Maio em euforia.

Nem a Polícia nem os Hospitais registaram o mínimo acontecimento.

Um cartaz com a efígie de Humberto Delgado, o homem que derrotou Tomás à boca das urnas e obrigou Salazar à maior falsificação eleitoral deste século no nosso País. «Assassinos da PIDE o mataram!» O processo vai ser reaberto para punição dos criminosos

FRENTE LIBERTÁRIA PORTUGUESA

Da Frente Libertária Portuguesa, ontem presente no estádio 1.º de Maio, recebemos o seguinte comunicado:

«A Frente Libertária Portuguesa comunica que está realizando todos os esforços para obtenção de Sede, em Lisboa, aonde possam concorrer diariamente todos os seus componentes e simpatizantes. Enquanto tal não for possível a correspondência pode ser dirigida e as informações solicitadas à Avenida Almirante Reis, n.º 12, 1.º, em carta dirigida exclusivamente em nome de E. Santana ou F. Quintal».

Avenida dos Aliados, Porto, 1 de Maio de 1974. Vá, leitor, pense numa legenda gira!

UM DOCUMENTO DA C. D. E. A PROPÓSITO DO REGRESSO DE ÁLVARO CUNHAL

A propósito do regresso de Álvaro Cunhal a Lisboa, a C. D. E. divulgou o seguinte documento:

«O movimento democrático português que indiscutìvelmente se afirma hoje como expressão da unidade combativa de largas camadas do Povo Português e com a força política, com o apoio popular de tal modo entusiástico que lhe conferem um papel decisivo no avanço popular para a construção de uma sociedade democrática, pela voz do movimento C. D. E. de Lisboa saúda Álvaro Cunhal neste momento emocionante em que, após 40 anos de dura luta clandestina retoma os seus direitos de cidadania da Pátria libertada do jugo fascista.

Saudar Álvaro Cunhal não é apenas uma saudação pessoal ao grande dirigente político. Não é apenas saudar um companheiro que pelo seu valor intelectual e capacidade dirigente conquistou a admiração do Povo Português e um grande prestígio internacional.

Não é apenas saudar um companheiro que na forçada clandestinidade, nas torturas policiais, na longa incomunicabilidade na prisão, no exílio, deu as maiores provas de heroísmo.

Pois que saudar Álvaro Cunhal é saudar também todos os outros combatentes heróicos da luta clandestina, da resistência à repressão fascista.

Pois que saudar Álvaro Cunhal é ainda saudar um grande Partido, sempre na vanguarda da luta popular contra a tirania fascista.

Tal como há dias a chegada de Mário Soares e outros dirigentes do Partido Socialista, o regresso de Álvaro Cunhal e de mais companheiros antifascistas, marca um passo em frente na construção da Democracia em Portugal.

As importantes vitórias que representam a libertação e amnistia dos presos políticos, a abolição da censura, a extinção da Pide, da Legião, da A. N. P., acrescenta-se agora o emergir da clandestinidade de dois grandes partidos: O Partido Comunista e o Partido Socialista. Os primeiros passos na construção de um Portugal melhor e mais livre estão dados.

Mas as tarefas que se põem agora ao nosso Povo são ao mesmo tempo pesadas e grandiosas.

Na continuação de um Portugal melhor, uma grande responsabilidade cabe as estes partidos: a experiência dos seus quadros, a força da sua organização, vai ser posta de uma forma livre e total ao serviço do Povo Português.

Ver aqui lado a lado Álvaro Cunhal e Mário Soares, vários dirigentes destes dois partidos e outros destacados militantes antifascistas é ainda uma grande vitória popular:

A construção de uma efectiva unidade democrática, indispensável às tarefas de reconstrução de uma sociedade livre, de uma sociedade justa, do Portugal Socialista de amanhã. Viva a Unidade Democrática. Viva o Socialismo. Viva Portugal Livre.»

COMUNICADO

Esclarecimento à população de MOSCAVIDE, e ao público em geral

Os abaixo assinados, António Martins de Carvalho, João Rodrigues Monteiro e Manuel António de Matos Avó, sócios e Gerentes da Firma PIOL — Predial Ideal dos Olivais, Lda. com escritórios na Rua João Pinto Ribeiro, n.º 99-1.º, em Olivais — Lisboa, vêm com o presente esclarecer quaisquer dúvidas que porventura possam existir, para que todos fiquem conscientes da realidade e evitar assim possíveis incidentes cujas consequências são sempre graves e atingem vítimas inocentes, como foi já lamentavelmente o caso das suas viaturas, pelo que tornam público o seguinte:

A FIRMA E SEUS SÓCIOS ACIMA REFERIDOS E O PESSOAL QUE NELA TRABALHA SÃO ABSOLUTAMENTE ALHEIOS E NADA TÊM NEM NUNCA TIVERAM EM COMUM, COM AS ACTIVIDADES EXTRA-EMPRESARIAIS, DO SR. JÚLIO MIGUEL REDUTO, PELO QUE TAIS ACTIVIDADES SÃO EXCLUSIVAMENTE PESSOAIS, SÓ E DA INTEIRA RESPONSABILIDADE DO CITADO SENHOR JÚLIO MIGUEL REDUTO.

É ainda intenção dos signatários não permitirem mais a entrada do citado Snr. JÚLIO MIGUEL REDUTO nas instalações da firma e excluí-lo ao mesmo tempo da Sociedade.

Lisboa, 29 de Abril de 1974.

PIOL — Predial Ideal dos Olivais

A Gerência

Seguem-se 3 assinaturas

O M. D. DE CASCAIS JÁ TEM SEDE

A comissão concelhia do Movimento Democrático de Cascais alugou uma sede provisória na Avenida da República, n.º 93 C, r/c A, na Parede.

AOS COMERCIANTES E PARTICULARES

ELECTRODOMÉSTICOS

(enorme existência e c/ garantias averbadas)

MOBILIÁRIO, ADORNOS, ESTOFOS

(doméstico e de escritório de conceituadas marcas)

MÓVEIS E MATERIAL DIDÁCTICO-ESCOLAR LOIÇAS, VIDROS, PORCELANAS, MÉNAGE, ETC.

TODO O ARTIGO NOVO

DE ALTA CLASSE

IMPORTANTÍSSIMO

LEILÃO

HOJE, AMANHÃ E SÁBADO

DAS 15 ÀS 19 HORAS

AV. CASAL RIBEIRO, 17 — LISBOA

Venderemos pela maior oferta e sem base de licitação a maior existência do género, jamais apresentada, e que se encontrará em

EXPOSIÇÃO DAS 10 ÀS 13 HORAS

HOJE E SEGUINTES

NOTA IMPORTANTE: Recebemos pagamentos em cheque, conforme condições de identificação afixadas no local.

Universitários(as) franceses procuram famílias portuguesas que os queiram receber gratuitamente, em troca de lições de Francês, durante as próximas férias grandes. Resposta a: M.elle VILHENA — Section de Portugais, Faculté des Lettres, AIX-en-PROVENCE — FRANÇA.

Sindicato Nacional das Profissionais da Indústria de Costura e Ofícios Correlativos

Av. Almirante Reis, 77 - 1.° — Telef. 55 55 71 — LISBOA

Os Corpos Gerentes convocam todas as trabalhadoras abrangidas por este Organismo para comparecerem na sede do Sindicato, na Av. Almirante Reis, 77 - 1.°, no próximo dia 3, pelas 21 horas, para saudações ao glorioso Movimento das Forças Armadas e análise dos problemas de interesse para a classe, relacionadas com o movimento histórico que estamos vivendo.

PROSPECTORES/ /VENDEDORES

Para as Zonas do BARREIRO e SEIXAL

PRETENDEMOS

constituir uma EQUIPA DINAMICA, formada por:

PESSOAS COM VOCAÇAO PARA A PROSPECÇÃO E VENDA (ramo financeiro).

BEM RELACIONADAS A TODOS OS NIVEIS.

IDADE ENTRE OS 25 E 35 ANOS.

GARANTIMOS QUE

SE NOS RESPONDEREM AS PESSOAS QUE NOS INTERESSAM TERÃO REMUNERAÇÕES QUE NÃO ESPERAM.

(Guardamos sigilo absoluto — Esteja ou não empregado)

ENVIE-NOS «CURRICULUM» DETALHADO PARA ESTE JORNAL — REF.ª 1033.

PRECISA-SE DE SÓCIO PARA CONCESSIONÁRIA DE PUBLICIDADE

— ZONA MUITO IMPORTANTE.

— ÓPTIMAS PERSPECTIVAS.

PREFERE-SE:

— QUEM ESTEJA BEM RELACIONADO COM AGÊNCIAS DE PUBLICIDADE.

— OU TENHA JÁ EXERCIDO NELAS FUNÇÕES DE CHEFIA.

— E POSSA DISPOR DE PEQUENO CAPITAL (cerca de 20 000$00).

(não é condição sine qua non).

ENVIE «CURRICULUM» O MAIS DETALHADO POSSÍVEL PARA O N.° 1032 DESTE JORNAL.

Sindicato Nacional dos Capitães Oficiais Náuticos e Comissários da Marinha Mercante

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

É convocada a Assembleia Geral Extraordinária deste Sindicato, para reunir na sua Sede, na Praça de D. Luís, 9 - 1.° Dt.°, em Lisboa, no dia 3 de Maio do ano corrente, às dezassete horas, em primeira convocação e uma hora depois, em segunda, com a seguinte ordem de trabalhos: NOMEAÇÃO DE UMA COMISSÃO DIRECTIVA PARA REESTRUTURAÇÃO DO SINDICATO.

Lisboa, 30 de Abril de 1974.

Pelo Sindicato
José Joaquim da Silva Vale Lobo Fernandes
Capitão da Marinha Mercante

SINDICATO NACIONAL DOS OFICIAIS MAQUINISTAS DA MARINHA MERCANTE

A direcção do Sindicato Nacional dos Oficiais Maquinistas da Marinha Mercante jubilosamente saúda todos os Ilustres membros que constituem a JUNTA DE SALVAÇÃO NACIONAL a que V. Excelência muito dignamente preside e expressa protestos do mais alto respeito e gratidão.

As mesmas saudações torna extensivas às Forças Armadas, com as quais igualmente se solidariza no providencial Movimento de Libertação Nacional.

Outrossim expressa o seu incondicional apoio às deliberações tomadas e a tomar pela J. S. N. e plena concordância com o disposto na Proclamação lida ao País.

Firme e incondicionalmente apoiará todas as deliberações a tomar em prol das liberdades sindicais e justas reivindicações das classes trabalhadoras.

Lisboa, 30 de Abril de 1974.

A DIRECÇÃO

Sindicato Nacional dos Operários da Construção Civil do Distrito de Lisboa

Sede: Praça D. Luís, 17 - 1.° Dt.° — Telef. 66 11 02/3

LISBOA - 2

JUNTA DE SALVAÇÃO NACIONAL

Direcção Sindicato Operários Construção Civil de Lisboa, em nome dos seus representados, apoiam o programa do Movimento das Forças Armadas, garantindo os direitos que assistem ao Povo Português, nas medidas políticas a tomar, renovadora da Vida Sindical e dos direitos dos trabalhadores.

A DIRECÇÃO

relógios para jovens

grande sortido - últimos modelos sensacionais
OURIVESARIA PIMENTA
253, Rua Augusta, 257 - Lisboa

ALCATIFAS E PAPÉIS DECORATIVOS, COM ASSENTAMENTO PRÓPRIO

PARENTEX — MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO

R. António Pereira Carrilho, 5 — Loja E - 1.°

Telefs. 53 23 52 / 53 23 19

INSTITUTO DE BELEZA
R. Latino Coelho, 12-2.° Dto.
Rua Joaquim António Aguiar, 64, rés-do-chão, Dt.°

o Rei

Saunas ✣ Massagens ✣ Remo ✣ Banhos de agulheta ✣ Limpezas de pele
Sob responsabilidade médica
Rua Conde de Sabugosa, 21.1.° ALVALADE LISBOA

INSTITUTO DE BELEZA VIBROSAUNA
Coiffeur ● Massagista Visagista
Av. Visconde de Valmor, 46-4.° Dt.° Ft.°—Tel. 768032

EM CAMPO MAIOR
República
é vendida pelo Agente
JOSÉ BAPTISTA PINGO

Não ao MAU GOSTO!...

Vitória do requinte

AZULEJOS E SEUS ACESSÓRIOS, MOSAICOS, PAVIMENTOS CERAMICOS, MÓVEIS DE COZINHA, LOIÇAS SANITÁRIAS, BANHEIRAS E TODOS OS UTENSILIOS PARA CASA DE BANHO

NAVALHO — MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO, LDA.

Rua Pascoal de Melo, 105 - 109 — Telefs. 5 88 19 - 4 69 83 — LISBOA - 1

P. S. — VISITE A NOSSA EXPOSIÇÃO!...

TRABALHADORES IMPEDIRAM A SAÍDA DE DOCUMENTOS DA SEDE DO EX-MINISTÉRIO DAS CORPORAÇÕES

• MINISTÉRIO DO TRABALHO SERÁ A NOVA DESIGNAÇÃO

Os sindicatos livres da Intersindical, ao tomarem conhecimento de que grande quantidade de documentação estava a ser destruída, ou retirada do ex-Ministério das Corporações, resolveram ocupar as instalações da Praça de Londres, distribuindo-se pelos 17 andares e controlando o movimento de entradas e saídas dos respectivos funcionários. Representantes de pelo menos 20 sindicatos, todos pertencentes à Intersinto, numa das salas, a fim de deliberar sobre as disposições a tomar face à confirmação destes factos, obtida em inquérito sumário junto de vários funcionários. Várias carrinhas haviam saído do Ministério, pejadas de documentação, que devia ser de muito interesse para os trabalhadores ou, então, muito comprometedora para o governo fascista. Só à sua conta, a esposa do ex-ministro Silva Pinto teria carregado um «Wolkswagen».

Entretanto,, no 17.º andar foram encontrados os funcionários mais reaccionários do Ministério a liderar uma reunião com vista à formação de um sindicato aos mesmos destinados.

A secretária de Silva Pinto foi encontrada a transportar uma mala cheia de diversa documentação, a qual não pôde ainda ser apreciada.

Pouco tempo depois da ocupação, chegaram as forças armadas. O major Arruda, reuniu-se com os dirigentes sindicais, informando-os de que as Forças Armadas apoiavam o movimento dos sindicatos livres. Disse também que tinha sido informado de que existia grande desordem no Ministério. Verificava, no entanto, que aquilo que existia era ordem e civismo e uma cabal demonstração do assumir de responsabilidades por parte dos dirigentes sindicais.

Pouco depois chegava uma delegação vinda da Cova da Moura, composta por oficiais dos três ramos das Forças Armadas, acompanhados por Pereira de Moura, do Movimento Democrático Português com uma proposta da J. S. N. na qual «considerando que o Ministério das Corporações foi e ainda é o maior centro de opressão dos trabalhadores portugueses terá de ser, por isso, extinto imediatamente».

A Junta sugeria o nome de Ministério do Trabalho, o encerramento imediato, até hoje do ex-departamento, bem como a montagem de um dispositivo de segurança, pelas Forças Armadas, com a colaboração de militantes sindicais. Eram 20 horas do dia 30 de Abril.

Forças Armadas e trabalhadores pintaram e afixaram o cartaz com o nome do novo Ministério.

O CENTENÁRIO DE A. GINESTAL MACHADO

Completa-se hoje um século sobre o nascimento, em Almeida, do dr. António Ginestal Machado, Ministro e Presidente do Ministério. Ginestal Machado marcou lugar nas fileiras conservadoras da República democrática. Professor e reitor do liceu de Santarém, manteve-se firme nas suas crenças democráticas até final. Lembramos hoje a sua figura, esperando num dos próximos dias traçar-lhe mais pormenorizadamente o perfil.

OS PROFESSORES DO LICEU CAMÕES APOIAM A JUNTA

Noventa e cinco professores do Liceu Camões enviaram ao presidente da Junta de Salvação Nacional a seguinte comunicação:

«Os professores do Liceu de Camões, reunidos no dia 30 de Abril de 1974 para apreciarem a actual conjuntura política, manifestam a sua inteira concordância com o Movimento das Forças Armadas e o seu caloroso apoio ao Programa das mesmas e à acção até agora realizada pela Junta de Salvação Nacional.

De há muito profundamente apreensivos com a situação do ensino em Portugal nas últimas décadas, que consideram calamitosa, e sabendo que não pode alterar-se a crise gravíssima em que se encontra com medidas demagógicas, cujos resultados estão à vista, considerando também que é este um sector de importância decisiva na vida do país, que não pode descurar-se sem tornar inviável qualquer esforço de renovação, esperam os mesmos professores que a orientação da política educacional seja entregue a quem, movido por inequívoco ideal democrático, leve todos os portugueses à escola para que nela de facto se formem e preparem, estude e ponha em prática novas condições de trabalho, livre e criador, promova a real participação de todos os professores na obra imensa que se impõe e com eles tome as medidas necessárias à transformação de mentalidade, cuja necessidade imperiosa e urgente o 25 de Abril significa.»

REUNIÃO DO SINDICATO DOS PROFESSORES

Entretanto, o Sindicato Nacional dos Professores convidou todos os profissionais a reunir-se hoje às 21.30 h., na Escola Manuel da Maia, em Campo de Ourique, com os Grupos de Estudo do Pessoal Docente do Ensino Secundário e Preparatório.

O Centro de Formação Educacional Permanente (CERE PE, convocou também para esta reunião todos os professores do Ensino Primário, oficial e particular, e Educadoras de Infância, solidarizando-se assim com o Sindicato Nacional dos Professores.

Este encontro visa a preparação da Reunião Magna do Professorado, a realizar em data e local ainda não designados.

REUNIÕES DE TRABALHADORES

PROFISSIONAIS DE ARTES GRAFICAS — A Comissão Provisória, eleita para normalizar a situação do Sindicato, convoca todos os sócios para comparecerem na reunião que amanhã, dia 3, se efectua pelas 20 horas, no Teatro da Trindade.

SINDICATO DOS COMERCIALISTAS — O momento político e sindical é discutido hoje, por economistas sócios e não sócios do sindicato, pelas 21 horas, na Rua Castilho, 14.

SINDICATOS DOS METALÚRGICOS — Trabalhadores metalúrgicos participaram nas manifestações do 1.º de Maio, apresentando as seguintes reivindicações: salário mínimo de 6000$00; anulação da redução de 20 por cento nos salários das operárias metalúrgicas; um mês de férias; um mês e meio de subsídio de férias; exigência do 13.º mês; e a extinção do Ministério das Corporações e criação do Ministério do Trabalho.

Ao comando do Movimento das Forças Armadas, tendo em conta o sistema legislativo do governo fascista Salazar-Caetano, que prejudicava os legítimos interesses dos trabalhadores, os Sindicatos dos Metalúrgicos comunicaram a decisão de convocar os Grémios para negociações directas, para hoje, às 15 horas, na sede do Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa; pedir o apoio do referido Movimento para que force o patronato a reconhecer os seus direitos; e convocar ainda assembleias de metalúrgicos para o próximo dia 4, a fim de tomarem medidas face à atitude do patronato. Credenciaram uma comissão para conduzir as negociações.

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM CARNES — Em telegrama, a direcção deste sindicato afirmou o seu incondicional apoio à J. S. N. e saudou as Forças Armadas.

ORDEM DOS FARMACÊUTICOS — Os corpos gerentes desta Ordem, sempre defensores das normas corporativas de organização sindical, pretendem agora fazer uma assembleia geral, aberta a todos os farmacêuticos, a realizar hoje, às 21 e 30, na sede. Sabemos também que encetaram diligências para aderirem aos sindicatos livres da Intersindical, onde não foram aceites. Entretanto, um grupo de farmacêuticos democratas está a tentar tomar conta do sindicato e eleger uma comissão directiva provisória.

ENGENHEIROS AUXILIARES, AGENTES TÉCNICOS DE ENGENHARIA E CONDUTORES — Reunião aberta a todos os profissionais, amanhã, às 21 e 30, na sede do Sindicato.

TRABALHADORES DA RÁDIO RENASCENÇA — Após várias reuniões, foram demitidos os dois administradores do tempo do fascismo, abolida qualquer espécie de censura interna e eleitos pelo Conselho de Programas dois novos administradores.

EMPREGADOS DO BANCO DE FOMENTO NACIONAL — Estes trabalhadores exigem a demissão dos responsáveis pela repressão ao nível das relações de trabalho, nomeadamente os membros e representantes do governo fascista.

CAIXEIROS DE AVEIRO — Em reunião do dia 29, estes trabalhadores saudaram a J. S. N. e convocaram uma reunião de sócios a realizar, na sede do sindicato, no dia 23, às 21 e 30.

SINDICATO DOS ECONOMISTAS — Reunião aberta a todos o sprofissionais, hoje, às 21 e 30, na sede.

SINDICATO DOS GUIAS E INTERPRETES — Uma comissão directiva provisória tomou conta do sindicato, face da demissão dos corpos gerentes, e convocou uma assembleia geral extraordinária para amanhã, às 21 e 30, na sede do sindicato.

SINDICATO DOS ODONTOLOGISTAS — Demitiu-se a direcção e foi eleita uma comissão directiva provisória que em breve convocará uma assembleia geral extraordinária. Entretanto, admitiu como sócios do sindicato todos os odontologistas portugueses que antes não podiam ser inscritos.

ASSEMBLEIA GERAL DE QUADROS DA CP — Estes trabalhadores aprovaram uma moção de apoio à J. S. N., considerando que na construção do Portugal do futuro é fundamental a acção desenvolvida pelos sindicatos e pelos trabalhadores nas empresas, em integração intersindical, sendo nessa base que eles vão desenvolver a sua actividade.

METALÚRGICOS DE LISBOA — Os trabalhadores metalúrgicos reúnem-se hoje, pelas 20 e 30, em assembleia geral, na sede de «A Voz do Operário».

ORDEM DOS ENGENHEIROS — Efectua-se hoje, às 21 e 30, no auditório do Laboratório de Engenharia Civil, uma reunião geral.

JOSÉ MANUEL DE MELO JÁ FOI À COVA DA MOURA

Entre os principais empresários portugueses que já se deslocaram à Cova da Moura, figura, também, o administrador da CUF, José Manuel de Melo, que ali esteve juntamente com um grupo de banqueiros, a quem o general Spínola explicou a presente conjuntura.

FUNCIONÁRIOS DO MUNICÍPIO QUEREM A DESTITUIÇÃO DO PRESIDENTE

A maioria dos funcionários da Câmara Municipal de Lisboa enviou um telegrama à Junta de Salvação Nacional em que «felicitam festivamente e dão o seu apoio incondicional à Junta de Salvação Nacional e Movimento das Forças Armadas, e solicitam imediata distituição da presidência e vereação, que jamais zelaram pelo bem estar e promoção social dos seus serventuários».

Schultz destituído de presidente da L. C.

Por decisão da Junta de Salvação Nacional informa-se, que o general Arnaldo Schultz foi destituído das funções de presidente da direcção da Liga dos Combatentes.

PORTUGUESES NA SUÍÇA DIRIGEM-SE À J. S. N.

Assinado por 53 portugueses residentos na Suíça, foi enviado à Junta de Salvação Nacional o telegrama com o seguinte texto:

«Os abaixo-assinados, democratas residentes na Suíça, saudam o movimento militar que iniciou o processo de destruição do aparelho de Estado fascista.

CONFIAM no povo português para efectuar as medidas anticolonialistas, políticas e económicas que são necessárias para uma completa libertação de Portugal.

LEMBRAM que a emigração política, militar e económica é resultado da política capitalista, antidemocrática e colonialista dos sucessivos governos do Estado Novo.

REIVINDICAM medidas urgentes para que o maior número possível de emigrados possam regressar a Portugal, o que implica uma amnistia geral não só para os emigrados políticos mas também para os refractários e desertores, assim como o reconhecimento de todas as aptidões técnicas e científicas adquiridas no estrangeiro.

RECLAMAM que sejam tomadas medidas no processo de desenvolvimento económico português que permita o regresso a Portuagl de centenas de milhares de trabalhadores, que lhes sejam concedidos todos os direitos cívicos e políticos, o que implica legalização da situação dos emigrados clandestinos e destituição de todos os representantes no estrangeiro do governo de Marcelo Caetano, para que sejam garantidas as práticas das liberdades acima citadas.»

LEI ANACRÓNICA

Do advogado sr. dr. Leão Franco recebemos uma carta na qual solicita que, através do nosso jornal, seja dado todo o apoio à revogação do art.º 1790.º do Código Civil que proíbe o divórcio entre os casados canonicamente.

Afirma aquele advogado:

«A abolição de tal disposição legal será um dos maiores benefícios que a Junta de Salvação Nacional poderá trazer ao povo português. Torna-se necessário sanear a família portuguesa e legalizar os milhares de casais que, há longos anos, anseiam pela revogação de uma lei anacrónica e que tem criado tantas situações anómalas incompatíveis com a dignidade humana».

o prato do dia

SUL notícias

ÀS MULHERES DE SETÚBAL

Do Movimento Democrático de Setúbal recebemos o seguinte comunicado dirigido às mulheres de Setúbal:

«Depois de 48 anos de opressão a mulher portuguesa tem o dever de participar na vida política do País, trabalhando para que a sua função na sociedade seja reconhecida como trabalhadora que é.

É pois chegada a altura de tomarmos consciência de que os problemas do País nos dizem respeito e AGIR!

DEVEMOS LUTAR PELO: Reconhecimento do trabalho da mulher e sua justa remuneração; formação de creches; Descida do custo de vida; formação de comissões de mulheres nos locais de trabalho; direito à grave e trabalho igual, salário igual.

M. D. DE SETÚBAL

CARTA DE UM OPERÁRIO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Finalmente, deu-se o acontecimento tão ansiosamente esperado pelas classes trabalhadoras. O infame jugo de meio século, a constante insegurança física e moral dos que até aqui tentavam fazer algo em prol da democracia deixou de existir. O dia 25 de Abril e as medidas consequentes prometidas pelo novo Governo Provisório dão inúmeras esperanças a este País Mártir, sugado através dos tempos por vampiros sempre sequiosos de sangue proletário.

O POVO sempre tão humilhado pelos ex-governantes, vibrou de exuberante alegria, não sabendo, é certo, qual o tipo do futuro regime mas cheio de esperança, entregando-se de corpo e alma como uma criança ingénua e indefesa ao primeiro «leader» que lhe agita um rebuçado que até agora sempre lhe fora negado.

Caetano, Tomás e seus sequazes com a sua política de «Evolução sem Revolução», as suas pretensiosas e infundadas «Realidades Permanentes» e em particular as ultrajantes «conversas em família» do ex-primeiro ministro, marcavam e corrompiam cada vez mais a alma da Nação.

Estes 50 anos de servilismo tornaram as camadas mais populares conformistas, rudes e autómatas. Só a JUVENTUDE na sua grande maioria se apercebia que os sorrisos de Caetano e os seus ciclópicos trabalhos eram sem dúvida alguma preliminares e sequências de um longo «conto de vigário».

Esta opinião pertence a um pintor da construção civil de 25 anos de idade, mas que já experimentou as «doces agruras» e consequências do ex-governo sempre temperado com muito sal e um grande azar.

CARLOS ALBERTO DA SILVA DIAS MOREIRA

informações úteis

FARMACIAS DE SERVIÇO

ALCOCHETE
Nunes — Telefone 234137.

ALMADA
Central — Rua da Olivença, 11-8 — Telef. 270504.

B. DA BANHEIRA
Aliança — Telef. 204302

BARREIRO
Higiénica — Rua D. Manuel I, 176 — Telef. 2073217.

COVA DA PIEDADE
Louro.

LARANJEIRO
Almeida Araújo

MOITA
Silva Rocha — Telef. 239029.

MONTIJO
S. Pedro — Tele. 231133.

SEIXAL
Godinho — Telefone 2218580.

SESIMBRA
Lopes — Telef. 229028.

SETÚBAL
Marques — Rua Arronches Junqueiro — Telef. 042283.
Bonfim — Av. Rodrigues Manito — Telef. 0424558.

TELEFONES URGENTES

ALMADA
Bombeiros Voluntários de Almada 270065 e 271653
Bombeiros Voluntários de Cacilhas 270078 e 2763434
Serviços Médicos
Hospital (Rua D. José de Mascarenhas) 270162, 271118 e 271119
Policlínica (Praça D. Pedro I, 5, 1.º esq.º) 2760406
Caixa de Previdência
Posto n.º 3 270267 e 270055
Posto n.º 8 2762121
Água — Secret. e secção técn. dos Serviços Municipalizados — Serviço de piquete (avarias e roturas) 2767098
Electricidade — U.E.P.
Geral (Rua Francisco de Andrade, 22) 271121
Avarias (de noite) 271125
Enfermagem
Centro de Enfermag. Cristo-Rei 2765250 e 2767002
Centro de Enfermag. Permanente — Central de Almada 2760723
Centro de Enfermag. Sul do Tejo 2764545
Táxis
Praça de Almada 2765401
Praça de Cacilhas 270129
Central de Cacilhas 271922 e 2766217
P. S. P. 270871
G. N. R. 270015
Brig. Trâns.-Cacilhas 270124
Câmara Municipal de Almada 270931 e 270556
Finanças 270883
Tribunal 270049
Transportes Colectivos Transul 270064 e 2492877

BARREIRO
ÁGUAS
Serviço de avarias:
horário normal 2073831
depois das 19 h 2073832
BOMBEIROS
Sul e Sueste 2073032
Da CUF 2073811
Salvação Pública 2073062
ELECTRICIDADE
Bonfim (Expediente) 2073039
» (falta de corrente) 2073030
U. E. P. 2073062
ENFERMEIROS
Estadão 2073600
Fouto 2074002
D. Adelaide Leal 2073344
Comando Militar 2073133
Posto Urbano 2073954
SERVIÇOS MÉDICOS
Hospital 2073666
Serv. Médicos da CUF 2073282
Fed. Caixas Previdênc. 2073282
Clínica dr. Seixas 2074044
TÁXIS
Praça de Automóveis 2072882
Praça de Táxis 2072764
DIVERSOS
Câmara Municipal 2073831
PBX da CUF 2073811

COVA DA PIEDADE
Táxis 270696, 270767 e 2766035
Bombeiros Voluntários 270145
G. N. R. 2760807

CASA DE SAÚDE
DR. RESENDE ELVAS
Telef. 27 01 15 27 04 29

C. DA CAPARICA
Bombeiros Voluntários de Cacilhas 2400036
P. S. P. 2401461
Turismo 2400071
Serv. Municipalizados 2401042

FEIJÓ
Posto Clínico, Caixa de Previdenc., 2491463 e 2491488

SETÚBAL
Bombeiros Municipais 0422122
Bombeiros Voluntários 0423223
P. S. P. 0422022
G. N. R. 0422018
Hospital 0422133 e 0422294
(Brigada de Trâns.) 0422908
Cruz Vermelha 0422578
As. Soc. Mút. Setub. 0422226
As. de Benef. Familiar 0422601
Serv. Municipalizados (depois das 17.30 h) 26101
Serviço de Emergência 115

SEIXAL
Bombeiros (Mundet) 2218565
Táxis 2218810
Centro de Saúde — Misericórdia, c. serviço de ambulância 2218824
Caixa de Prev. — Serviços Médico-Sociais 2218718
Policlínica 2218754
Câmara Municipal 2218522
P. S. P. 2218409
G. N. R. 2218948
G. F. 2218640

TRAFARIA
Bombeiros Voluntários 2458993
Táxis 2458177

SPECTÁCULOS

ALMADA
Academia Almadense 270127
Cine Incrível 270929

AMORA
Cine-Teatro
Sociedade Amorense
«O Jogo do Crime» (10 anos)

BARREIRO
Ferroviários 2073335
Teatro-Cine Barreiren. 2073208

C. DA CAPARICA
Cine Copacabana

COVA DA PIEDADE
Recreativa Piedense 2400087
S. F. U. A. Piedense 2700216

LARANJEIRO
C. Instrução e Recreio 2490296
«O Dossier Anderson» (18 a.)

PALMELA
Cine-Teatro S. João 235047

PORTO BRANDÃO
Cine Porto Brandão 2454693

SETÚBAL
Casino Setubalense 0422498
Cine-Teatro Luísa Todi 0422127
Salão Recreio do Povo 0422598

PROFESSORES E ALUNOS APONTAM NECESSIDADES

Estudantes e professores de todos os graus de ensino — oficial e particular continuam a manifestar o seu apoio ao Movimento das Forças Armadas e o desejo de uma reestruturação do Ensino para o que se têm efectuado reuniões e constituído comissões de trabalho.

Também os funcionários do Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Educação Nacional manifestaram o seu incondicional apoio ao programa apresentado ao País pela Junta de Salvação Nacional e «reafirmam o seu propósito de se manterem atentos ao seu integral cumprimento ao nível das tarefas que lhe incumbem, não permitindo que quaisquer interferências de elementos politicamente vinculados ao regime anterior venham prolongar programas desligados dos verdadeiros interesses do povo português».

LICEU DE D. DINIS

No mesmo sentido, manifestou-se igualmente o Conselho Escolar do Liceu D. Dinis que, em telegrama enviado à Junta se mostram convictos de que «só um Ministério com uma estrutura inteiramente nova poderá assegurar a reconstrução da Educação Nacional». Para isso considera, ainda, que é indispensável a constituição do Sindicato dos professores do ensino oficial.

NÃO A VEIGA SIMÃO

Contra uma possível recondução do prof. Veiga Simão manifestam-se igualmente professores da Escola Preparatória do Pintor Columbano (Feijó) que, assim, se solidarizam com a comissão coordenadora do Grupo de Estudos do Pessoal Docente do Ensino Secundário e Preparatório de Lisboa.

Este grupo de professores saúda o Movimento das Forças Armadas e exige negociações imediatas com os Movimentos de Libertação para o estabelecimento da independência dos territórios africanos.

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Os professores extraordinários, leitores, chefes de trabalhos práticos, estagiários, professores auxiliares, assistentes auxiliares e eventuais, monitores e outros professores do Instituto Superior de Ciências, Sociais e Política Ultramarina, reunidos no dia 30, deram o seu total apoio ao Programa da Junta de Salvação Nacional e pedem a instituição de uma Universidade livre e autónoma ao serviço do povo, «só possível através de uma verdadeira democratização do ensino e de alteração radical das actuais estruturas» .

MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

O mesmo apoio ao programa da Junta de Salvação Nacional é manifestado por alunos e professores dos Cursos Superiores de Jornalistas, Publicidade e Relações Públicas, da Escola Superior de Meios de Comunicação Social, estabelecimento de ensino particular, reconhecido oficialmente.

LICEU DE AVEIRO

Os alunos do liceu Nacional de Aveiro reuniram-se, no passado dia 30, na sede daquele estabelecimento de ensino tendo-se constituído uma comissão Pró-Associativa e ocupado as instalações da ex-M. P.

Deliberaram ainda enviar um telegrama à Junta pedindo a imediata substituição do reitor, responsável pela repressão estudantil.

De salientar que o actual reitor do liceu, apesar dos acontecimentos ultimamente verificados não autorizou esta reunião, dizendo «desconhecer oficialmente o que se passou a partir de 25 de Abril»...

A reunião realizou-se no Ginásio do Liceu.

ALUNOS MILITARES DA FACULDADE DE DIREITO

Os alunos militares da Faculdade de Direito de Lisboa reunem esta tarde, às 18 horas, naquela Faculdade, para analisar a sua situação escolar, com base nos acontecimentos dos últimos dias.

O TEMPO

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado e o vento era fraco ou moderado do quadrante de sul. Chovia em alguns locais do norte.

TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 11; Penhas Douradas, 3; Coimbra, 6; Portalegre, 6; Lisboa, 11; Faro, 14; e Funchal, 17.

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu muito nublado. Vento moderado de nordeste. Períodos de chuva. Melhoria do estado do tempo a partir da noite com períodos de céu muito nublado. Vento moderado de nordeste e aguaceiros.

MARÉS PARA AMANHÃ — Preia-mar, às 1 e 29 e às 14; Baixa-mar, às 7 e 26 e às 19 e 46.

CÂMBIOS

Banco Borges & Irmão

Índice de cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	17/4/74	22/4/74	24/4/74
GERAL	306,2	292,2	285,4
METROPOLIT	320,6	305,1	297,4
ULTRAMARINA	200,5	197,9	197,1

MERCADO LIVRE

NOTAS	Compra	Venda
Coroa (Dinamarca)	4$00	4$30
Coroa (Noruega)	4$35	4$65
Coroa (Suécia)	5$45	5$80
Cruzeiro Novo	3$20	4$00
Dirham	—$—	—$—
Dólar (Canadá)	25$60	26$60
Dólar (E U A.)	25$10	26$10
Florim	9$15	9$45
Franco (Bélgica)	$61,5	$64,5
Franco (França)	5$00	5$40
Franco (Suíça)	8$15	8$50
Iene (Japão)	$07	$09,5
Libra	60$00	63$00
Lira	$03,5	$04
Marco	9$75	10$05
Peseta	$43	$46
P. Novo (Arg.)	—$—	—$—
Rand	31$00	34$00
Shiling (Austria)	1$34	1$40

OURO	Compra	Venda
Libra de Reis	1500$00	1650$00
Rainha Vitória	1500$00	1650$00
Moderna (Isabel II)	1350$00	1500$00
Ouro fino	140$00	155$00

NOTARIADO PORTUGUÊS

«GILUR — Sociedade de Estudos Urbanísticos, Lda.»

Décimo Sexto Cartório Notarial de Lisboa — Notário-Lic. Fernando Lopes Correia Semedo — Avenida Almirante Reis, n.º 104-1.º.

Faço público que, por escritura de dez do corrente, exarada de folhas trinta e quatro, verso, a folhas trinta e oito do livro B cento cinquenta e um, das notas deste cartório, foi constituída entre Dr. António Flores de Andrade e James Edward Risso-Gill, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se rege pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

1.º — Um — A sociedade adopta a denominação de «GILUR — Sociedade de Estudos Urbanísticos, Limitada», tem a sede na Rua Diogo Gomes, número cinco, Bairro do Rosário, em Cascais e a sua duração é por tempo indeterminado, entrando hoje em exercício;

Dois — Por deliberação dos sócios, tomada em assembleia geral, poderão ser criadas filiais, sucursais ou qualquer outra forma de representação social em qualquer localidade do País ou do estrangeiro;

2.º — O seu objecto é a realização de trabalhos e estudos de gestão de empresas, administração e exploração de propriedades próprias e tomadas de arrendamento, bem como os investimentos imobiliários, podendo todavia dedicar-se a qualquer outra actividade.

3.º — O capital social, inteiramente realizado em dinheiro, é de dois milhões e quinhentos mil escudos e corresponde à soma das quotas dos sócios:

a) James Edward Risso-Gill, dois milhões quatrocentos e noventa e cinco mil escudos;

b) António Flores de Andrade, cinco mil escudos;

4.º — Poderão ser exigidas prestações suplementares de capital, de harmonia com a deliberação da Assembleia Geral. Os sócios poderão fazer suprimentos, nas condições de juro e levantamento que entre si acordarem;

5.º — Um — São livres as cessões de quotas entre os sócios, bem como as divisões de quotas para efeitos de cessão entre eles;

Dois — As cessões de quotas a estranhos só são possíveis com a autorização da sociedade;

6.º — Um — A representação da sociedade em juízo e fora dele será exercida por todos os actuais sócios, que desde já são nomeados gerentes;

Dois — Salvo deliberação em contrário da assembleia geral, aos gerentes caberão os mais amplos poderes de gestão dos negócios sociais, podendo inclusivamente:

a) representar a sociedade em juízo e fora dele, activa e passivamente, confessar, desistir ou transigir em qualquer acção e comprometer-se em árbitros;

b) adquirir, vender ou por qualquer forma alienar ou onerar bens e direitos móveis e imóveis e tomar e dar de arrendamento prédios ou parte dos mesmos;

c) contrair empréstimos, obter financiamentos e realizar quaisquer outras operações de crédito junto de bancos ou instituições nacionais ou estrangeiras;

d) nomear e demitir quaisquer empregados, fixando quadros, atribuições e vencimentos;

e) executar e fazer cumprir os preceitos legais e estatutários e as deliberações da assembleia geral;

Três — Os gerentes poderão, individual ou colectivamente, delegar os seus poderes de gerência e de representação da sociedade em qualquer pessoa da sua escolha, mediante o competente mandato em forma legal, nomeadamente para os efeitos do disposto no artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial;

7.º — Os documentos que obrigam a sociedade deverão conter as assinaturas:

a) De um gerente;

b) De um ou mais procuradores, dentro dos limites das respectivas atribuições;

8.º — Um — É vedado aos sócios, aos gerentes e aos procuradores obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos aos negócios sociais, salvo o disposto no número seguinte;

Dois — Estas limitações não se aplicam ao sócio James Risso-Gill, cujos poderes de gestão da empresa não se confinam apenas ao objecto social;

9.º — Um — No caso de interdição, inabilitação ou falecimento do sócio James Edward Risso-Gill ou de qualquer dos seus sucessivos herdeiros, a sociedade continuará entre os sócios sobrevivos e o representante nomeado pelos herdeiros do falecido, ou com o representante legal do interditado ou inabilitado;

Dois — Por morte de qualquer outro sócio, que não tenha adquirido essa qualidade por sucessão do sócio James Edward Risso-Gil, a sua quota poderá ser imediatamente liquidada aos seus herdeiros, nos termos referidos no artigo décimo quarto, desde que os sócios fundadores, ou seus herdeiros, ou legais representantes, assim o deliberem;

10.º — Um — A convocação das assembleias gerais far-se-á por meio de cartas registadas, expedidas com o mínimo de oito dias de antecedência, salvo nos casos em que a lei exija forma ou prazos diferentes;

Dois — A expedição de cartas pode ser substituída pelas assinaturas dos sócios nas convocatórias, que poderão acordar, neste caso, prazo mais curto para a efectivação da reunião;

Três — Qualquer sócio pode convocar a assembleia geral;

11.º — A sociedade poderá amortizar quotas nos casos seguintes:

a) Acordo com o sócio titular;

b) Insolvência ou falência do sócio titular;

c) Arresto, arrolamento ou penhora da quota;

d) Venda ou adjudicação judicial;

e) Nos casos previstos no número um do artigo oitavo;

Um — Em qualquer caso de amortização, o preço desta será o valor da quota segundo balanço expressamente elaborado para tal efeito e reportado ao dia em que tiver sido deliberada a amortização. Não havendo acordo nos resultados do balanço, será o mesmo apresentado a dois peritos, nomeados um pelo sócio ou herdeiros a quem pertença a quota a amortizar e outro pela sociedade, os quais deverão emitir o respectivo parecer. Não chegando os peritos a acordo, o valor ou preço será fixado nos termos dos artigos mil quinhentos e treze e seguintes do Código do Processo Civil. Ao valor a que se chegue, será diminuído qualquer débito do sócio à sociedade ou o que lhe competir em quaisquer prejuízos não liquidados;

Dois — A amortização poderá ser feita em oito prestações trimestrais iguais, se a gerência assim o entender, e para todos os efeitos de direito considera-se como realizada logo que esteja outorgada a respectiva escritura e que se mostre feito o depósito da primeira prestação à ordem do titular da quota amortizada, depósito esse que poderá ser feito em qualquer instituição de crédito bancário, e do mesmo se dê conhecimento aos interessados, por carta registada com aviso de recepção;

12.º — A distribuição de lucros será feita na proporção das quotas, salvo se a assembleia geral resolver de outro modo, por unanimidade.

13.º — Além dos casos previstos na lei, a sociedade dissolve-se por deliberação da assembleia geral, sendo indispensável e bastante para tal o voto do sócio James Edward Risso-Gill ou dos seus herdeiros ou representados;

14.º — Em qualquer caso de dissolução da sociedade, será liquidatário o sócio James Edward Risso-Gill ou os seus herdeiros ou representantes, e à liquidação se procederá, pagando-se, em primeiro lugar, todo o passivo, em segundo lugar o capital social e, por último, distribuir-se-á o remanescente pelos sócios na proporção da quota de cada um.

15.º — A nulidade de qualquer cláusula ou condição que conste ou venha a constar dos estatutos desta sociedade não invalida as demais, nem o próprio contrato social.

Está conforme, nada havendo que modifique, condicione ou restrinja a parte transcrita.

Lisboa, aos quinze de Abril de mil novecentos setenta e quatro.

O 3.º Ajudante

Maria Casimira Almendra

COMUNICADO

TINOCO, LDA. e INSTITUTO ORTOPÉDICO DE PORTUGAL, GERENCIA DE:

RUY FERNANDES TINOCO

RUI MANUEL DA CRUZ TINOCO

COMUNICAM NADA TER DE COMUM COM O INSPECTOR DA EXTINTA PIDE-D.G.S., DE NOME TINOCO.

RÁDIO

HOJE

EMISSORA NACIONAL

I Programa

16: Noticiário — Ao encontro da melodia; 16.30: Convívio; 17: Noticiário — Convívio; 18: Noticiário; 18.05: Música popular portuguesa; 18.30: Espectáculo; 19: Noticiário; 19.05; Selecção da opereta «O Estudante Pobre»; 20: Jornal da noite; 20.54: Melodias; 21: Momento 74; 21.20: Música portuguesa; 22: O homem e a natureza; 22.20: Fados, por Lenita Gentil; 22.42: Ritmos de todo o mundo; 23: Noticiário; 23.05: De um dia para o outro.

II Programa

8: Jornal da manhã — Música portuguesa; 8.15: Férias em Portugal, programa dedicado aos turistas estrangeiros; 9: Os grandes solistas; 10.15: Rádio escolar; 10.45: Música ligeira sinfónica; 11: Solos de piano; 11.55: Concerto pelo Grupo Vocal Feminino Harmonia; 12.15: Uma peça de César Frank; 12.25: Música sinfónica; 13.40: Música de arco; 14: Jornal da tarde; 14.30: Ciclo Bach; 15.30: Rádio escolar; 16: Que quer ouvir?; 18: Música portuguesa; 19: O canto e os seus intérpretes; 20: Jornal da noite; 20.30: Fantasia húngara; 20.45: Temas sociológicos; 21: Ópera sem palavras; 21.30: A palavra e a forma; 22: Música de câmara; 22.58: Resumo do programa; 23: Emissão em línguas estrangeiras; 1.15: Fecho.

Programa estereofónico

21: Música ligeira variada; 22: Duas obras de Mozart; 22.25: Pequenas peças para cravo; 22.40: Duetos de Telemann e Beethoven; 22.34: Música sinfónica; 0.58: Resumo do programa; 1: Fecho.

AMANHÃ

EMISSORA NACIONAL

I Programa

8: Jornal da manhã; 9: Noticiário — Revista da Imprensa; 10: Noticiário; 10.15: Música portuguesa; 11: Noticiário; 11.05: O grupo coral «Os Ceifeiros de Cuba» (Alentejo); 11.25: Orquestras ligeiras; 12: Noticiário; 12.05: Dia...positivo; 13: Jornal da tarde; 13.20: Conjuntos ligeiros; 13.50: Uma gota de sangue e renasce uma vida; 14: 4.º episódio do folhetim «O Ourives do Rei»; 14.24: Melodias; 14.40: A orquestra ligeira portuguesa da Emissora Nacional; 15: Noticiário; 15.05: Conjuntos e orquestras; 15.30: Viagem musical; 16: Noticiário; 16.05: Melodias do cinema; 16.30: Convívio; 17: Noticiário; 18: Noticiário; 18.05: Ao encontro da melodia; 18.30: Forças Armadas; 19: Noticiário; 19.05: Passatempo musical; 19.30: Recordar é viver; 20: Jornal da noite; 20.30: 6.º episódio do folhetim «O Ourives do Rei»; 21: Momento 74; 21.20: Interlúdio; 21.30: Música portuguesa; 22: Música da Europa; 23: Noticiário; 23.05: De um dia para o outro.

II Programa

8: Jornal da manhã — Música portuguesa; 8.15: Férias em Portugal, programa dedicado aos turistas estrangeiros; 9: 2.º e 3.º actos da ópera «Czar Saltan»; 9.58: Capricho, de Igor Stravinsky; 10.15: Rádio escolar; 10.45: Música ligeira sinfónica; 11: Resumo do programa — Música sinfónica; 11.55: Soneta n.º 3, em lá maior, op. 69, de Beethoven; 12.25: Música coral sinfónica; 13.25: Uma abertura de Brahms; 13.40: Pequena suite, de Debussy; 14: Jornal da tarde; 14.30: Música sinfónica; 15.30: Rádio escolar; 16: Ciclo do Barroco Italiano; 16.45: Música de vanguarda; 17: Solos de cravo; 17.30: O compositor da semana — Händel; 19: Música portuguesa; 20: Jornal da noite; 20.30: Música coral; 20.50: Filatelia; 21: Concerto sinfónico; 22.58: Resumo do programa; 23: Emissão em línguas estrangeiras; 1.15: Fecho.

Programa estereofónico

21: Música ligeira variada; 22: Música sinfónica; 23.18: Música de câmara; 0.18: Cantata de Natal, de Strandella; 0.58: Resumo do programa; 1: Fecho.

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

TEATROS

(Maiores de 14 anos)

MARIA MATOS — 21.45 — «Morte de um Caixeiro-Viajante».

S. LUÍS — 21.45 — «Sábado, Domingo e Segunda»

(Maiores de 18 anos)

ABC — 20.45 e 23 — «Tudo a Nu»

CASA DA COMÉDIA — 22 — «Doroteia»

CAPITÓLIO — 21.45 — «A Menina Alice e o Inspector»

MARIA VITÓRIA — 20.45 e 23 — «Ver, Ouvir e... Calar»

VILLARETT — 21.45 — «A Dama de Copas e o Rei de Cuba»

CINEMAS

(Maiores de 6 anos)

POLITEAMA — 15.15 e 18.30 — «Eusébio, A Pantera Negra»

(Maiores de 10 anos)

RESTELO — 21.30 — «Estranho amor de uma mulher»

(Maiores de 14 anos)

EDEN — 15.30, 18.30 e 21.45 — «Abuso do Poder»

BERNA — 15.15, 18.30 e 21.45 — «Jesus Cristo Superstar»

ROMA — 15.30, 18.30 e 21.45 — «Os Heróis»

MONUMENTAL — 15.15 e 21.30 — «Acção Executiva»

(Maiores de 18 anos)

ESTÚDIO — 15.30, 18.30, 21.45 — «Ritual»

LONDRES — 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 — «Hiroshima Meu Amor».

ESTÚDIO APOLO 70 — 15.15, 18.30 e 21.45 — «American Graffiti»

ESTÚDIO 444 — 15.30, 18.30 e 21.45 — «O Porteiro»

ROXY — 14.15, 16.30 18.45 e 21.45 — «A Lenda da Casa Assombrada».

MUNDIAL — 15.15, 18.30 e 21.30 — «O Nosso Amor de Ontem»

S. JORGE — 15.15. 18.15 e 21.30 — «Tchaikovsky — Delírio de Amor».

PATHE — 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 — «À Espreita do Sarilho».

TIVOLI — 15.15, 18.30 e 21.45 — «A Galopada»

SATÉLITE — 15.30, 18.30 e 21.45 — «Cerimónia Solene».

EUROPA — 15.15 e 21.30 — «Vêm aí os Cabeludos»

CASTIL — 15.30, 18.30 e 21.45 — «Segredos Proibidos»

ODEON — 15.15, 18.15 e 21.30 — «Cruel Vingador»

IMPÉRIO — 15.15 e 18.30 — «Um Homem de Sorte»

AVIS — 15.30, 18.30 e 21.45 — «Malteses, Burgueses e às Vezes»

ALVALADE — 15.30, 18.30 e 21.45 — «O Esquadrão Indomável»

CINEARTE — 15.30 — «O Último Comboio»

PROMOTORA — 15.15 e 21 — «Cantinflas Faz Tudo»

PARIS — 15 e 21 — «Cobras venenosas»

CONDES — 14.15. 16.30, 18.45 e 21.45 — «O Esquadrão Indomável».

TV

HOJE

I PROGRAMA

19.00 Silêncio vamos rir!
19.30 Telejornal
19.45 TV Infantil
20.00 Povo que canta
20.30 Tele-ritmo
21.30 Telejornal
22.00 Noite de cinema * «Se Paris Falasse»
23.45 Telejornal

II PROGRAMA

19.00 Desenhos animados
19.15 No mundo da arte
19.30 «Doris em apuros»
20.00 Recital
20.30 «O jogador de futebol»
21.30 Telejornal
22.00 Foi êxito na TV
22.50 Eurovisão — Festival de Bratislava

AMANHÃ

I PROGRAMA

12.45 Desenhos animados
13.00 Saber não faz mal
13.15 «Valerie e a aventura»
13.45 Telejornal
14.00 Secos e Molhados
14.25 Logo à noite
14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 «Skippy»
19.30 Telejornal
19.45 TV Infantil
20.00 Inventário musical
20.30 Baía, todinha no coração
21.30 Telejornal
22.05 «O Destino voador»
23.00 Vivendo sambando
23.55 Telejornal

II PROGRAMA

19.00 Desenhos animados
19.15 Saber não faz mal
19.30 «Valerie e a aventura»
19.55 «Os sete garotos»
21.30 Telejornal
22.00 Opereta

TELEFONES URGENTES

Sapr.º Bombeiros 322222
Bombeiros Volun.
de Lisboa 323377
da Ajuda 327413
Beato e Olivais 381095
Lisbonenses 40452
C. de Ourique 686624
Cruz de Malta ... 40027
Cruz Verm. Port. 665342
Hospitais Civis de
Lisboa, 860131 e 873131
S. José (Infor.) 872240
Santa Maria ... 775171
Militar, princip. 674181
da Marinha 863141
Enferma. perman. 766171
S. O. S.
Sang., oxi., sor. 771168
Centro de Intoxicações (Infor.)
761176, 767777 e 763456
Anál. R. X, sangue 639031
Posto de Socorros
B. V. L., transf., soros, oxigénio 538524
Porto Lisboa, inf. 366215
C. R. Gás e Electr. 537021
C. Águas, 361361 e 361353
Autom. C. Portug.
Pr.-Socorro, sóc. 775475
C. de Ferro, infor. 326226
Aeroporto, inform. 711397
Guarda Fiscal ... 849363
Inspec. Geral das
Activ. Econ., inf. 360101
Polícia Judiciária 26835
Piquete 535381
Polícia Marítima 678104
P. S. P. 366141 e 35563
Serv. de Emerg. 115
G.N.R. Com.-Geral 368651
Brig. de Trâns. 690022

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO H

ATÉ ÀS 22 HORAS

SUB-TURNO 1

Higiene — R. Cidade Vila Cabral, lote 43 (ex-R. B, 4 — Zona Poente - Olivais Sul) — Tel. 316026.
Marvila (de) — R. Direita de Marvila, 25 — Tel. 381612:
Alameda — Alam. Linhas de Torres, 201-B — Tel. 790942.
Alvalade — Av. Igreja, 18-A — Tel. 712070.
Gasparinho — R. Dr. Gama Barros, 54-A — Tel. 710465.
Sousa — Est. Benfica, 429-A — Tels. 780027 789985.
Prates & Mota — R. Beneficência, 91 (ao Rego) — Tel. 773728.
Tanara — R. Rodrigo Reinel, 3-A (à encosta do Restelo — próximo dos Moinhos) — Tel. 611814.
Lopes Ribeiro — R. Cruzeiro, 117 — Tel. 633288.
Lisbonense — R. Leão de Oliveira, 2-B — Tel. 637020.
Paivas & Parente — R. Santo António, à Estrela, 96-98 — Tel. 665196.
Miranda — Campo Pequeno, 36-B-C (à Av. Sacadura Cabral) — Tel. 770776.
Cosmos — Av. João Crisóstomo, 44-C — Tel. 40592.
Universal — R. Actor Taborda, 5-7 — Tel. 44158.
Onlida — Av. João XXI, 13-A — Tel. 726848.
Marluz — C.ª Picheleira, 140-B-C — Tels. 720703-728395.
Nova Luz — R. D. Domingos Jardo, 28-A (à Av. D. Afonso III — Tel. 843439.
Nobel — R. Actor Vale, 53 (à «Fonte Monumental» lado sul) — Tel. 842152.
Colonial — R. Forno do Tijolo, 40 — Tel. 841122.
Arnall — R. Escolas Gerais, 88-A — Tel. 863940.
Ivone, Ld.ª — R. Silva Carvalho, 232-C — Tel. 650760.
S. A. E. Silva Filhos — R. S. João da Mata, 74 — Telefone 661010.
S. Mamede — R. Escola Politécnica, 82-B — Tel. 660280.
Centro Farmacêutico — Rua Portas de Santo Antão, 88 — Tel. 321211.
Tavares — R. Palma, 194 — Tel. 863350.

TODA A NOITE

SUB-TURNO 2

Zira — P.ª Casas Novas, lote 66 (B.º Encarnação) — Tel. 310172.
Romana — R. Actor Augusto de Melo, 7-A — Tel. 383800.
S. Tomé — Est. Desvio, lote 12-C — Tel. 790704.
Neoterápia — Campo Grande, 138 — Tel. 774682.
Ideal — Av. Almirante Gago Goutinho, 49-A — Tel. 712803.
Benfica — Est. Benfica, 678-B — Tel. 702532.
Leal de Matos — R. Neves Costa, 33-35 (Carnide) — Telef. 780181.
Ocidental — R. D. Jerónimo Osório, JPM, 3 — Tel. 610256.
Boa-Hora — R. Quartéis, 25-27 — Tel. 637777.
Porfírio — R. Francisco Metrass, 59-B — Tel. 663349.
Central de Campolide — R. General Taborda, 17 — Tel. 680304.
Sagres — Av. Luís Bivar, 69-71 — Tel. 47213.
Cardeira — Av. Duque de Ávila, 32-C (esquina Av. República) — Tel. 43495.
Salutar — R. Conde de Redondo, 9-A (a Gomes Freire) — Tel. 533411.
Vera Cruz — P.ª Afrânio Peixoto, 2-B (à Av. S. João de Deus) — Tel. 724941
Zional — R. Morais Soares, 56-C — Tel. 847708.
Oriental de Lisboa — R. Arroios, 215 — Tel. 45079
S. José — R. Anjos, 41 — Tel. 50730.
Martins, Ld.ª — R. Fernão de Magalhães, 33 — Tel. 849448.
S. Bento — R. Poiais de S. Bento, 73 — Tel. 679673.
Unifa — R. Vitória, 21 — Tel. 323793.

NOS ARREDORES

ALENQUER — **Rosa** (telef. 72385)
ALGÉS — Nifo, Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, 64 (telef. 212070)
ALGUEIRÃO — **Rodrigues Rato**, R. dos Morés n.º 1 (telef. 291 20 38)
ALHANDRA — **Central** (telef. 25 00 08)
ALHOS VEDROS — **Gusmão** (telef. 22 40 40)
ALVERCA — **Ferreira** (telef. 258629)
AMADORA — **Clábel**, Rua António Sardinha, 23-B, telefone 839551; e **Campos**, Rua Elias Garcia, 185, telefone 930072. Esta só até às 0 h.
BENAVENTE — **Baptista** (telefone 52256)
CACÉM — **Guerra Rico**
CAMARATE — **Nova** (telefone 2518726)
CARREGADO — **Higiene** (telefone 91151)
CASCAIS — **Misericórdia**, Rua Regimento 19, 41, (telefone 280141; **Cascais**, R. Conde de Monte Real (Bairro Caixas), telefone 282407)
CAXIAS — **Nova Caxias** telefone 2420839
DAMAIA — **Confiança**, Rua D. Maria II (telefone 971023); **Girassol**, Rua Elias Garcia, 17-C (telef. 974161)
ESTORIL — **Parque**, Arcadas do Parque (telef. 260191)
LOURES — **Salvia** (telefone 2531240)
MAFRA — **Medeiros** (telefone 52326)
MOSCAVIDE — **Império** (telefone 2521234)
ODIVELAS — **Leitão** (telefone 910051)
OEIRAS — **Godinho**, Rua Cândido dos Reis, 96 (telefone 2430090)
PAÇO DE ARCOS — **Trindade Brás** (telef. 2432034)
PAREDE — **Alsir**, Caixas de Previdência (telef. 2472948)
PONTINHA — **Cruz Correia**, R. St.º Eloi, 41-A (telefone 992453)
QUELUZ — **Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (telefone 951841) **André**, Av. Elias Garcia, 151 (telef. 950043). Esta só até às 0 horas
SACAVÉM — **Soares** (telefone 2518025)
SÃO PEDRO DO ESTORIL — **São Pedro** Rua 9 de Abril, 24 (telef. 263052)
SINTRA — **Marrazes**, Estefânia (telefone 980058)
VILA FRANCA DE XIRA — **César**, Praça Afonso de Albuquerque (tel. 22278); **Roldão**, Estrada da Arruda, 12-A — **Bom Retiro** (Serviço peprmanente) tel. 22596).

PORTUGAL DEVE OCUPAR O LUGAR QUE LHE COMPETE NO CONJUNTO DAS NAÇÕES

— OBJECTIVOS DA J. S. N. NO PLANO INTERNACIONAL

— Há uma diferença grande entre a entrada de facto no ambiente político europeu e uma entrada de facto no meio de um grupo de gigantes económicos para o qual ainda estamos preparados — afirmou esta manhã aos jornalistas, o eng.° Carlos Lourenço, presidente da Comissão Interministerial de Cooperação Económica Externa.

O eng.° Carlos Lourenço, respondeu assim à pergunta de um jornalista à entrada do Quartel-General da Junta de Salvação Nacional na Cova da Moura, onde se deslocou esta manhã para receber orientações com vista a uma União de Associação Económica Livre, na qual Portugal vai participar.

Também com vista à participação de Portugal em reuniões internacionais esteve na Cova da Moura o prof. Vasco Bruto da Costa, presidente da União Internacional de Higiene e Medicina Escolar Universitária, a que pertencem 35 países. Proximamente haverá duas reuniões desta organização nas quais Portugal estará presente.

As orientações dadas pela Junta de Salvação Nacional a respeito de reuniões internacionais são no sentido de que Portugal participe retomando o lugar que lhe compete, no conjunto das nações.

CHAMPALIMAUD DE NOVO NA COVA DA MOURA

Como tem acontecido nos últimos dias registou-se hoje grande movimento no Quartel-General da Junta.

Logo de manhã compareceu o industrial António Champalimaud, que à saída se dispôs a falar com jornalistas, afirmando nomeadamente:

— Hoje sou partidário de uma grande reestruturação ou mesmo eliminação da lei do condicionamento industrial.

Tendo um jornalista aludido ao facto de o conhecido industrial apoiar abertamente o programa da Junta, António Champalimaud respondeu:

— O meu reconhecimento não é mais do que um acto de justiça.

No entanto, e respondendo a outra pergunta, António Champalimaud disse que estava posta de parte a hipótese de vir a integrar o Governo Provisório. Também esta manhã estiveram na Cova da Moura o prof. Jacinto Nunes, vice-governador do Banco de Portugal, o brigadeiro Lopes dos Santos, antigo governador de Cabo Verde, dr. Marcelino Feizz, director-geral de Contabilidade Pública, general Campos Andrada; prof. Mendes Ferrão, antigo secretário de Estado da Agricultura.

Entre muitas outras pessoas que passaram mais ou menos despercebidas encontrava-se a mãe de Manuel Alegre.

VEIGA DE MACEDO SOB CUSTÓDIA

Ao fim da manhã, acompanhado de militares, entrou na Cova da Moura o sr. Veiga de Macedo, conhecida figura do regime agora derrubado. Passados momentos voltou a sair num automóvel em que ia, também, um soldado armado e um oficial da Marinha.

Constou que o sr. Veiga de Macedo ficaria à disposição da Polícia Judiciária para posteriores investigações.

CESSAR-FOGO DE PARTE A PARTE ALVITRA UM EX-DEPUTADO PELA GUINÉ

A meio da manhã o ex-deputado pela Guiné, Nicolau Nunes, aguardava a sua vez de apresentar cumprimentos a Junta Nacional de Salvação.

Abordado por um repórter do nosso jornal Nicolau Nunes manifestou a sua apreensão quanto ao problema da Guiné e defendeu que, antes de mais nada era preciso obter o cessar-fogo de parte a parte. Quanto ao futuro, inclinou-se a favor de um plebiscito.

RETARDADA A PARTIDA DO CONDE DE CARIA

A Junta de Salvação Nacional reteve em Lisboa o Conde de Caria quando este pretendia embarcar num avião da TAP, rumo a Zurique (Suíça). Segundo um informador da Junta, a partida daquele conhecido capitalista português foi retardada por haver «vários assuntos a esclarecer».

O conde de Caria, (D. Bernardo Mendes de Almeida, está ligado, através de conselhos de administração, a diversos ramos da indústria.

FIM IMEDIATO DA GUERRA COLONIAL

— exigiu a Extrema-Esquerda no seu desfile do 1.° de Maio

Exigindo o *regresso imediato dos soldados* e a *cessação imediata de qualquer embarque* de tropas as duas manifestações da extrema-esquerda (PCP e MRPP) tiveram a adesão durante o percurso de muitos soldados e marinheiros que nelas se incorporaram, além dos aplausos frequentes da população que assistia à sua passagem.

O Partido Comunista de Portugal (marxista-leninista) e «Grito do Povo» — arrancaram juntamente com a manifestação do M. Democrático na Alameda Afonso Henriques. A partir da Av. dos Estados Unidos, seguiram na direcção de Entrecampos, Av. da Liberadde, Rossio e Terreiro do Paço, não participando do comício no estádio 1.° de Maio.

Com as palavras de ordem *«nem mais um embarque» «nem mais um soldado para as colónias» «contra o fascismo, contra a guerra e pela unidade popular», «operários e camponeses unidos vencerão»* e *«Liberdade, Pão, Paz, Terra e Independência Nacional»* os cinco mil manifestantes tomaram depois a direcção do Calvário voltando finalmente ao Terreiro do Paço cerca das 23 horas.

O MRPP (Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado) iniciou cerca das 21 horas a sua manifestação partindo do Rossio na direcção da casa do malogrado estudante Ribeiro dos Santos, no Calvário. Aí o largo frente à casa do companheiro assassinado exigiu-se o julgamento de Gomes da Rocha, o agente da PIDE que o matou. Decidiu-se ainda que aquele largo se passe a chamar Largo Ribeiro dos Santos pelo que foi convidada toda a população da área a estar presente amanhã às 19 e 30 para a efectivação da proposta.

A manifestação terminou no Rossio cerca das 24 horas, com palavras de ordem que exigia o fim imediato da Guerra e a instauração de uma República Democrática Popular.

COMUNICADO DOS JORNALISTAS DE «A CAPITAL»

Os jornalistas de «A Capital» reuniram-se no seu local de trabalho, no sentido de elaborarem um conjunto de reivindicações a apresentar ao conselho de administração da empresa.

O documento, em que se começa por afirmar o apoio de todo o corpo redactorial ao programa do Movimento das Forças Armadas, contém, entre outras, a reivindicação da substituição do director e subdirector do jornal entidades ligadas à estrutura do regime deposto, não oferecendo garantias de um trabalho intrinsecamente informativo, aberto a todas as correntes de opinão, como é desejo dos jornalistas de «A Capital».

Após um primeiro contacto com administradores da empresa — encontro marcado por respeito recíproco — foi decidido conceder um prazo que termina às 24 horas de hoje 2, para que seja dada solução às reivindicações apresentadas.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Também os redactores do «Diário de Lisboa» se reuniram para pedir a imediata demissão do administrador Lopes do Souto e a substituição, não imediata mas a curto prazo, do director dr. António Ruella Ramos. Os jornalistas daquele vespertino elaboraram um comunicado em que dão a conhecer as razões da sua atitude. Esse comunicado será, por nós, publicado na edição de amanhã.

ÓSCAR LOPES NOMEADO DIRECTOR DA FACULDADE DE LETRAS DO PORTO

PORTO, 2 — Foi ontem proposto para o cargo de director da Faculdade de Letras, desta cidade, pelos seus alunos, o dr. Óscar Lopes.

A proposta foi aceite e o director-geral do Ensino Superior procedeu já à respectiva nomeação.

Óscar Lopes reuniu-se esta manhã, na Faculdade, com professores e alunos, sendo discutidos os mais instantes problemas que interessam àquele estabelecimento de ensino.

Sede provisória do Partido Socialista

A sede provisória do Partido Socialista, em Lisboa, está instalada na Cooperativa de Estudos e Documentação à Av. Duque de Ávila, 131-2.°-D.

MÁRIO SOARES SEGUIU DE MADRUGADA PARA PARIS E LONDRES

Seguiu esta madrugada para Paris, o dr. Mário Soares que ontem participou na grande manifestação do 1.° de Maio. É acompanhado de sua esposa, D. Maria Barroso Soares.

O secretário geral do Partido Socialista Português deve ter-se avistado esta manhã, em Paris, com o Presidente Senghor, do Senegal e com François Mitterrand, candidato das Esquerdas à Presidência da República.

Esta tarde avista-se em Londres com o Primeiro Ministro, Harold Wilson, e com o ministro dos Negócios Estrangeiros, James Callaghan.

No dia 5 Mário Soares deve estar em Bona para conferenciar com Willy Brandt.

Baixou para 25 contos a quantia com que se pode sair

Vinte e cinco contos é, afinal, a quantia máxima transportável por quem atravessa a fronteira saindo do país. O limite inicial de 50 mil escudos foi há dois dias alterado, segundo informação ontem colhida no aeroporto da Portela. De facto, parece ter sido uma falha a quantia inicialmente admitida. Porém, o engano foi prontamente rectificado e portugueses e estrangeiros só podem abandonar o país com o máximo de 25 notas de mil ou equivalente, a não ser que tenham justificação cabal para um transporte superior.

AVISO À POPULAÇÃO

Avisa-se a população de Lisboa e zona de Almada de que nos próximos dias 3, 4, 6 e 7, das 12 às 13 horas e das 18 às 19 horas serão feitas obras de reparações na doca 13 da Lisnave, trabalhos esses que envolvem rebentamentos de explosivos para os quais se alerta a mesma população.

FOI DEMITIDA A ADMINISTRAÇÃO DOS T.A.P.

Ao princípio da tarde de hoje o pessoal de todas as secções dos Transportes Aéreos Portugueses concentrou-se frente ao edifício da administração daquela companhia, exigindo a demissão dos seus dirigentes.

No momento em que a concentração se realizava compareceu no local um major da Força Aérea, delegado da Junta de Salvação Nacional que anunciou, em nome daquela Junta, que os dirigentes da TAP haviam já pedido a demissão.

Aquele oficial pediu aos manifestantes que regressassem às suas ocupações, pois as suas reivindicações seriam atendidas até segunda-feira.

CHEGAM HOJE MANUEL ALEGRE E PITEIRA SANTOS

Num voo proveniente de Madrid, esperado no Aeroporto da Portela às 17.25, chegam a Lisboa os exilados políticos Manuel Alegre e Fernando Piteira Santos, dirigentes da F.P.L.N. (Argel). Estavam desde ontem na capital espanhola.

A DESPEDIDA EM ARGEL

Antes de partirem de Argel para Madrid, os dois dirigentes da F. P. L. N. foram recebidos pelo presidente Boumedienne no palácio presidencial. Disse-lhes o chefe do executivo argelino estar «satisfeito com a situação criada pelas Forças Armadas portuguesas» e convicto de que a Portugal, com esta situação «irreversível», interessa agora conquistar o seu lugar no concerto das nações. Aliás, Boumedienne afirmou a Manuel Alegre e Piteira Santos que, no seu entender, isso sucederia «bem depressa».

No aeroporto, autoridades locais e representantes de movimentos de libertação da Guiné-Bissau, Angola e Moçambique estiveram a despedir-se dos dois exilados.

SUPLEMENTO DE 'REPÚBLICA' 5

artes e letras

PEDRO OOM

enfim livre, afinal morto

A morte de Pedro Oom no passado dia 26 de Abril era assim descrita por um matutino: «É um pormenor dizer que tinha 47 anos, e foi vítima da emoção democrática que rodeou os últimos acontecimentos no nosso País.» Dois dias antes o poeta estivera na Livraria Opinião, à Rua Nova da Trindade, e confessara a Teresa Porto sentir-se mal. Receava o que também o matou — um coração tocado.

Ler Pedro Oom agora vai ser difícil. Dispersou-se por páginas de jornais (entre eles a «República»). Está na «Pirâmide», na «Grifo» (que a PIDE se encarregou de «coleccionar»), na colectânea «Coisas», que o quinzenário «& etc» ainda não pôde distribuir com largueza pelas livrarias. Está no volume «Surreal-Abjeccionismo», organizado por Mário Cesariny em 1963, e que levou a chancela duma editora entretanto fechada pela mesma PIDE — a Minotauro. Deste último retirámos o fragmento «O Homem Bisado». Do «Coisas» aproveitámos outro texto. É pouco. É o que tínhamos mais à mão.

A vida de Pedro Oom foi também isso — o que estava à mão. Menos nas horas derradeiras, nesse dia e meio em que, descompassado coração, passeou enfim livre por Lisboa, calcando aos pés a «progressão assustadora de crocodilos bebendo limonada».

UM TOSTÃO PARA O ENSINO

Num pequeno país atrasado e pobre o Primeiro-Ministro preocupava-se muito com a ignorância do seu povo.

A percentagem de iletrados era tal que não se descortinava maneira de arrancar do estado de subdesenvolvimento para a fase industrial a que o país necessitava chegar.

O Primeiro-Ministro reuniu os melhores pedagogos do país que elaboraram um pequeno livro de bolso, a que chamaram «Cartilha Paternal», onde se resumia em frases simples toda a Ciência existente.

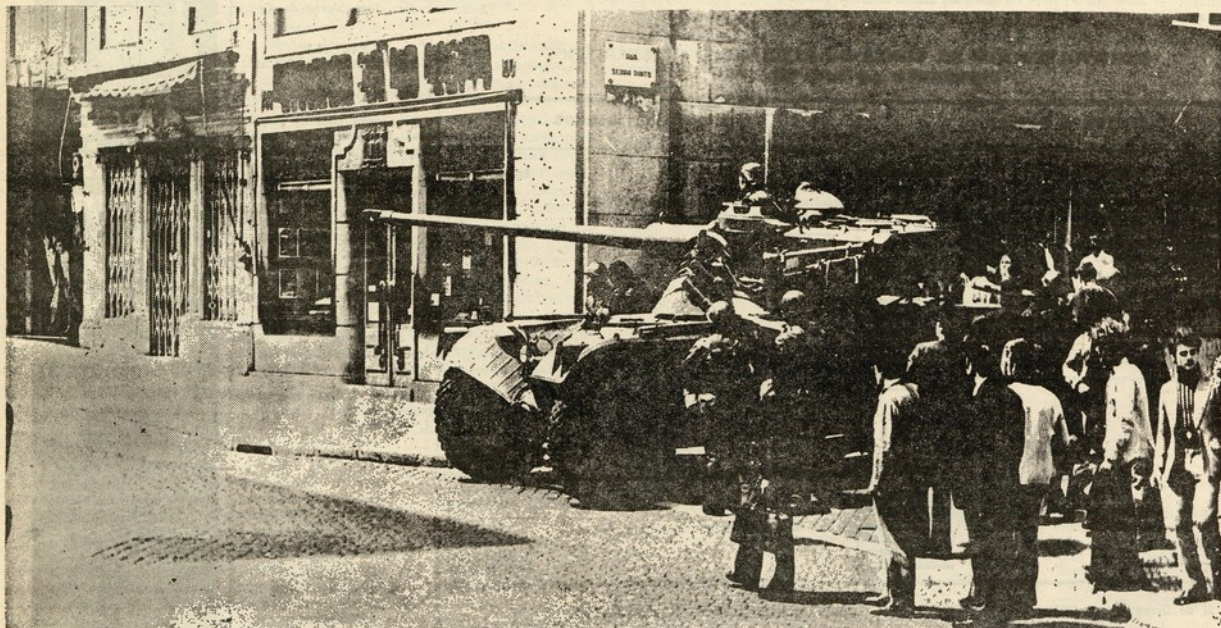
A «Cartilha Paternal» foi distribuída gratuitamente a todo o Povo, o qual lhe deu a serventia que estava habituado a dar a todo o papel, liso ou impresso.

O HOMEM BISADO

Alegra-me ser todas as coisas e as sombras que elas projectam
ser a sombra dos teus seios e da tua boca
o criado de smoking branco que te agita os cabelos
para um cocktail estimulante e fresco
a mesa onde passo a ferro o teu corpo
as espáduas as coxas a curva macia dos joelhos
alegra-me ser o contorno da tua nuca e o binário motor dos
[teus braços
embora mais pequeno do que um corpúsculo celeste
sou os milhões de astros microorganismos estrelas
a rota de todos os navios perdidos
a angústia síntese de todos os suicidas
a forma de todos os animais conhecidos
o desenho rigoroso de toda a flora existente

Ontem em Paris hoje em Lisboa amanhã em Júpiter
caminho para a resolução de todos os problemas
sem a certeza de resolver qualquer deles
como se fosse uma máquina de somar parcelas
quatro vezes quatro oito vezes dez oitenta
sabe-me a vida ao que É
esta progressão assustadora de crocodilos bebendo limonada
Ontem fui a prostituta a quem paguei a noite
hoje serei talvez o inocente violentador frustrado
Sutmil é a cidade para onde me evado todas as noites à
[aventura
e «os anéis de Saturno são a força centrífuga-centrípeta que me
agita os braços no espasmo amoroso»
a cabeça em Marte os pés na Terra
vindo «lá do fundo do horizonte lívido»

O comboio está na gare o comboio vai partir
apressemos o passo o momento é solene
somos o automóvel que sobe à avenida
a pulsação acelerada dos maquinismos
taxímetro de uma cidade de província
satélites dum satélite lunar.
Tu és o aeroporto eu o avião que parte
e muito mais calmos entre éter e fogo
percorremos os sonhos de planeta em planeta desfolhando
[o futuro a flor sempre rara
e marcamos nos astros o nosso roteiro DEZ QUILÓMETROS

amanhã tirarei o curso de sonhador especializado

Pedro Oom em 1974: «O Povo, ao ver que as suas terras iam ficando cada vez mais minguadas, tentou fazer ver ao Senhor Lobo a insânia do seu procedimento. Mas os mastins, que constituíam a guarda de corpo do Senhor Lobo e que formavam uma hierarquia muito difícil de transpor, exigiam que os cordeiros e as ovelhas se deixassem tosquiar, a título de presente (a lã era muito apreciada pelos mastins que com ela confeccionavam samarras, pelicos e safões); as exigências eram de tal modo exorbitantes que nunca nenhum cordeiro ou ovelha conseguiu chegar até Sua Alteza o Senhor Lobo.» Pois, e uma bela manhã chegámos mesmo: o Senhor Lobo de que falava o Pedro Oom em «Coisas» (urgente ler!) não era mais do que um furão sem buraco para sair.

GAFECO

Sociedade de Construções, Comércio e Indústria, S. A. R. L.

Relatório e Contas do Exercício de 1973

RELATORIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇAO

Senhores Accionistas:

Continuam por resolver os problemas relacionados com os imóveis da Avenida Cinco de Outubro e da Quinta do Dr. Lobo no Areeiro, ainda pendentes de estudos de urbanização a efectuar pela Câmara Municipal de Lisboa.

Esta situação de impasse tem obstado a que a Sociedade tenha um normal desenvolvimento com o natural reflexo nos resultados dos exercícios.

Quanto à Quinta do Dr. Lobo, está em estudo um contrato a celebrar com técnicos qualificados na tentativa de se conseguir a efectuação de um trabalho que mereça a consideração camarária.

Relativamente ao prédio da Avenida Cinco de Outubro a situação mantém-se inalterável e não se vêem possibilidades de se conseguir modificação dos pareceres camarários pelo que somos de entender que a Sociedade deverá envidar os naturais esforços para conseguir transaccionar o imóvel no estado em que se encontra.

Os prejuízos apresentados na exploração de alguns prédios de rendimento provém das rendas que continuamos a praticar, bastante baixas, e cujo saneamento só será possível quando estiver efectuado o estudo da urbanização acima referido.

Queremos, por último, salientar o apoio constante que nos foi prestado pelos membros do Conselho Fiscal, bem como a dedicação dos colaboradores da Sociedade.

Lisboa, 5 de Março de 1974.

O Conselho de Administração

Presidente — **José Fernandes Pereira**

Administrador — **José Maria da Costa**

BALANÇO GERAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1973

ACTIVO

Designação	Importâncias	Totais
DISPONIBILIDADES		
Caixa	222 736$60	
Depósitos à Ordem	737 142$60	959 879$20
DÉBITOS E CRÉDITOS		
Accionistas	1 615 134$80	
Clientes	17 058$00	
Fornecedores	13 000$00	
Devedores e Credores Diversos	800 017$40	
Letras a Receber	52 403$00	
Encargos a Regularizar	271 370$00	2 768 983$20
IMOBILIZAÇÕES E BENS DE RENDIMENTO		
Móveis e Utensílios	102 636$40	
Máquinas	264 587$00	
Ferramentas	10 333$40	
Viaturas	107 000$00	
Terrenos	3 371 034$00	
Edifícios de Rendimento	12 943 800$90	
Despesas de Constituição	339 380$80	
Instalações	117 481$30	
Participações Financeiras	1 606 252$80	18 862 506$60
EXPLORAÇAO		
Obras Terminadas	22 511 625$10	
Despesas de Vendas	141 517$00	22 653 142$10
RESULTADOS DE EXERCÍCIOS		
Resultados de Exercício Anteriores	8 696 513$70	
Resultados do Exercício de 1973	634 571$80	9 331 085$50
		54 575 596$60
CONTAS DE ORDEM		
Deved. Contratos Promessa Venda	9 200 655$00	
Títulos em Caução	—30 000$00	9 230 655$00
		63 806 251$60

PASSIVO

Designação	Importâncias	Totais
DÉBITOS E CRÉDITOS		
Accionistas	358 788$00	
Clientes	1 224$00	
Fornecedores	30 892$60	
Devedores e Credores Diversos	6 120 172$70	
Financiamentos	6 241 654$60	
Encargos a Regularizar	42 222$00	12 794 953$90
REINTEGRAÇÕES		
Reintegrações Secção Construção Civil	397 292$70	
Amortização Despesas Constituição	339 380$80	736 673$50
EXPLORAÇÕES		
Vendas		16 012 500$00
SITUAÇAO LIQUIDA		
Capital	25 000 000$00	
Reservas	31 469$20	25 031 469$20
		54 575 596$60
CONTAS DE ORDEM		
Contratos Promessa Venda	9 200 655$00	
Credores Títulos em Caução	30 000$00	9 230 655$00
		63 806 251$60

O TÉCNICO DE CONTAS

Júlio Fernando da Cunha Baptista Coelho

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente: **José Fernandes Pereira**

Administrador: **José Maria da Costa**

DESENVOLVIMENTO DA CONTA DE RESULTADOS DE EXERCÍCIOS REFERENTE AO ANO DE 1973

CUSTOS E PERDAS

Designação		Importâncias
Reintegrações e Amortizações		
Secção de Construção Civil:		
Móveis e Utensílios	10 263$60	
Máquinas e Aparelhos	34 291$00	
Ferramentas de Obras	3 445$10	
Viaturas	21 400$00	69 399$70
Resultados Prédios de Rendimento		56 685$50
Resultados Financeiros		65 241$20
Resultados de Obras Terminadas		57 321$10
Gastos de Gestão Geral		832 446$90
Contribuições e Impostos		50 991$00
Donativos		9 015$00
		1 141 100$40
		1 141 100$40
Resultados de Exercícios Anteriores		8 696 513$70
Resultados do Exercício de 1973		634 571$80
		9 331 085$50

PROVEITOS E GANHOS

Designação	Importâncias
Resultados Prédios de Rendimento	502 554$90
Resultados Financeiros	3 973$70
	506 528$60
Resultados do Exercício	634 571$80
	1 141 100$40
Saldo da Conta	9 331 085$50
	9 331 085$50

Lisboa, 31 de Dezembro de 1973.

O TÉCNICO DE CONTAS

Júlio Fernando da Cunha Baptista Coelho

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente: **José Fernandes Pereira**

Administrador: **José Maria da Costa**

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas:

De acordo com as disposições legais em vigor procedeu o Conselho Fiscal da GAFECO — Sociedade de Construções Comércio e Indústria S.A.R.L., no decurso do exercício de 1973, ao exame regular das contas para o que lhe foram pontualmente facultados os respectivos registos e documentos contabilísticos.

Constatou, ainda, que para o apuramento dos resultados do exercício foram observados os critérios valorimétricos que, no âmbito da legislação em vigor, premitiram uma correcta avaliação do património.

Face ao exposto, somos de parecer que:

1.º — Aproveis o Relatório, Balanço e Contas do exercício de 1973;

2.º — Aproveis um voto de louvor ao Conselho de Administração pela sua actuação ao longo do referido exercício.

Lisboa, 7 de Março de 1974.

O Presidente do Conselho Fiscal

a) **Horácio de Oliveira Rodrigues**

Os Vogais

a) **Eduardo Marques de Matos**

a) **António Paulo dos Santos Berneaud**

OS CRISTÃOS-NOVOS COMO «FORÇA DE OPOSIÇÃO»

RAUL RÊGO

NO livro de Anita Novinski «Cristãos Novos na Baía», a notável investigadora exclusivamente voltada para os factores religiosos portugueses e para a influência dos judeus na formação da sociedade brasileira colonial, em particular no século XVII, apresenta uma explicação para a persistência do inconformismo de uma raça constantemente perseguida. Não será inteiramente nova a tese de Anita Novinski, mas é-nos exposta com clareza meridiana logo no começo do livro: «Aceita ou não a tese tradicional de que a maioria dos cristãos novos, mesmo antes da Inquisição estabelecida eram judaizantes secretos, ou as revisões propostas por Saraiva e Netanyahu, uma verdade se impõe: quando atingimos o século XVII, a Inquisição lutava contra uma «realidade» que não era a religião judaica concebida no seu sentido tradicional ortodoxo, era sim uma força de oposição».

Fábrica de cristãos novos, a Inquisição tinha neles a sua razão de ser e, como diria Gonçalves Rodrigues referindo-se já ao século XVIII, tornara-se um autêntico sindicato de poderosos interesses e procurando não deixar desviar o País das normas que justificavam a função dos inquisidores. Não eram só os confiscos, mas a influência de uma classe que procurava, por todas as formas, não perder nem o prestígio nem o domínio numa sociedade que tinha na falta de renovação, o o seu principal defeito. Mas era exactamente essa falta de renovação, o isolamento, que a Inquisição ciosamente procurava guardar. Nas ideias e nos costumes, nas tradições familiares, nos contactos pessoais, havia que manter a pureza de quanto viera de pais para filhos para se não deteriorar nem a religião nem o sangue, a sociedade permanecendo imutável. Naturalmente que «essa oposição manifestou-se de diversos modos, sobretudo através do não-conformismo religioso». E compreende-se porquê. O não-conformismo visa sempre, antes de mais, o que mais zelosamente se procura guardar e a pure- religiosa era o objectivo primeiro do Santo Ofício.

Singular fenómeno o de uma sociedade que levou séculos a extrair espinhos do seu seio, encontrando sempre mais e mais cristãos-novos para encher os cárceres, como se fosse inexaurível a fonte deles; e que, no final, quando a liberdade religiosa vem e é extinto o Santo Ofício, não se encontram os focos de cristãnovice, nem as práticas judaicas irrompem em cidades e vilas de onde nunca tinha deixado de se encontrar gente para os autos de fé! Bem justificados assim o Padre António Vieira e quantos viam na

ANITA NOVINSKI

mesma Inquisição a fábrica dos cristãos-novos. Encerrada a fábrica desaparecera o produto? Não inteiramente, nos parece. O ser cristão-novo era uma forma de protesto e as práticas secretas fórmulas de oposição ao imobilismo de uma sociedade que se não queria renovar. Só assim se compreende que, tendo deixado de ser protesto, as práticas judaicas se tenham diluído no ambiente de uma sociedade tornada de livre opinião.

António José Saraiva apresentou-nos o pretexto religioso como encobrindo realmente a luta de classes. Estas defendiam-se e o terreno estremava-se na linha religiosa. Essa tese recebe, como acentua Anita Novinski, achega importante com o trabalho de B. Netanyahu «The Marranos of Spain», segundo o qual a própria instituição do Santo Ofício em Espanha teve mais motivos sociais do que religiosos. Visava ela não «extirpar a heresia judaica do meio do grupo marrano, mas extirpar mesmo o grupo marrano da sociedade espanhola». Era a classe e não a religião o objectivo último. O fenómeno confirma-se até pela tendência de absorção religiosa que se estava a verificar, fenómeno paralelo ao que se iria verificar séculos depois, extinto o tribunal. Continua a historiadora brasileira, falando de Netanyahu: «Quando a Inquisição foi estabelecida em Espanha, a maioria dos convertidos não era constituída de judaizantes mas de leais cristãos, sendo a Inquisição responsável pela criação do Marranismo. Prova-nos no seu trabalho que, já nas três décadas antes do estabelecimento da Inquisição, o Judaísmo espanhol tinha entrado num processo de assimilação crescente, processo este interrompido com a introdução do Tribunal da Inquisição. Não foi o movimento marrano que provocou o surgimento da Inquisição na Espainha, mas, ao contrário, deve-se ao tribunal a emergência do movimento marrano espanhol. Os rabinos da época, quase unanimente consideravam os conversos perdidos para o judaísmo, por ambição de poder de riqueza, ou por influência das doutrinas averroistas paganizantes. Netanyahu não se refere naturalmente a todos os cristãos-novos, mas à maior parte».

A citação demorada nos mostra uma sociedade que cria mitos para defender interesses. O mito do cristão novo ameaçador da pureza religiosa surge para defesa dos interesses e privilégios das classes dominantes contra a força de penetração e de renovação do mesmo cristão-novo nos sectores económico e político. Prefere manter-se estática a renovar-se; e o símbolo do imobilismo é a religião imutável. Aparecia o mito do judaizante, do luterano, no século XVI, como aparecerá depois, no século XVIII, o do liberal franc-maçon, enquanto se mantém constante o do cristão-novo. Ia permanecendo estática a sociedade peninsular, os mitos de que se defendia tomavam várias facetas, conforme evolucionavam as sociedades externas a ela. E por mais que se esforçassem por extirpar-lhes a raça não o conseguiam, havendo sempre luteranos, molinistas, maçons e liberais, a par dos judaizantes, para encarcerar e condenar, porque havia sempre elementos de protesto contra o anquilosamento das ideias e a imutabilidade das gentes, dos regimes, da sociedade. Daí o poder-se afirmar, como Anita Novinski: «Essa realidade do marranismo não invalida a tese de Saraiva, a saber, que a Inquisição criou um mito, o mito do cristão--novo suspeito, hereje, judaizante, mas tenciona mostrar que o cristão-novo respondeu por sua vez a essa mistificação assumindo uma atitude de defesa que, se não envolvia por parte da maioria uma convicção religiosa — não devemos esquecer que nos encontramos a um século e meio da conversão forçada — foi uma oposição à superestrutura existente. A Inquisição criou «o mito do judaizante», recriou-o continuamente, mas o «judaizante» foi uma realidade que também se revitalizou, na maior parte, não como participação consciente da comunidade religiosa judaica, mas enquanto homem condicionado por uma «situação» que o identificava com os judeus através da «exclusão».

O elemento inconformista reage em todas as épocas e em todas as sociedades contra aqueles que lhe querem impor o modelo

(Continua na pág. VI)

PICADILLY CIRCUS

Quando me aproximei deles estava nu. Alguns olharam-me com esguardo; o fatinho rotulava. Duas esmalmadas miraram-me de muito longe, à distância de uma confusão. Ouvindo o rio, meu pai cuidava da vinha carinhosamente, com imaginação. A poesia dos dedos a prender, a fixar o bacelo. Olhei para o relógio. Mais dois dias e Londres seria apenas conversa.

— When do you think that your father will send you the scratch?

— I don't have a ghost of an idea.

O instrumento musical ouvia entre os dois. Calado ainda. Uma das esmalmadas comia fruta, sentada num degrau. Uma pera.

GOSTARIA DE FALAR CONVOSCO. TENHO COISAS PARA TROCAR. É DIFÍCIL.

O pai dá uma volta à quinta e diz, mentirosamente honesto:

— **Esta casa é para ti.**

O acorde estava errado; era precisamente lá maior — e ele não ouviu que era.

À nossa volta em Piccadilly, passava o tempo.

— Le mec a une technique d'encadrement plus developpé que mois!

— But we are flat out!

— Peut être oui!... Mais il a peur de diriger les cameras dans la rue.

— The piece will wait longer.

— **Ouve, filho. Não ligues à mãe. Ela diz uma série de coisas mas não são verdades. É a melhor mãe do mundo. É como esta terra. Vês estas nêsperas?! Vê, meu burro! Uma nêspera é uma coisa perfeita.**

— I want a drink.

— Il n'y a que des intérieurs et lumière artificielle.

— Tu a déjà choisi le thème?

— Non.

— There are still eighteen minutes to wait.

Tenho o rabo gelado. Este degrau é um horror e o gajo deu outra vez o acorde errado. A Coca-cola também.

— Il me semble que tu en sais long!

— Tu a d'jà vu le mec que joue du violon prés do cinema du Metro?

Vou para Trafalgar onde há pombas. Foram todas postas ali para serem colhidas pelos negros que trabalham no metropolitano e passam fome.

— Oui.

— **Ouve bem, meu filho. Uma nêspera é uma coisa perfeita.**

ÁLVARO BELO MARQUES

actividade editorial

- «Mistérios do cérebro» por V. Lévy (Editorial Estampa — Biblioteca Básica de Cultura).
- «A classe em acção» por Robert Dottrens (Editorial Estampa — Técnicas de Educação)
- «Conselhos aos pais» por Célestin Freinet (Editorial Estampa — Técnicas de Educação).
- «Educar e instruir» (três volumes) por Robert Dottrens (Editorial Estampa — Biblioteca de Ciências Pedagógicas).
- «Semântica da metáfora e da metonímia» por Michel le Guern (Colecção Universitas/Telos).
- «Quadros da vida real» por Bárbara Rosa da Conceição (Edição de autor).
- «Paraíso Verde» por Francisco Valoura (Editora Pax).
- «O doutor Arrowsmith» por Sinclair Lewis (Livros Unibolso).
- «Desenvolvimento hereditariedade e variabilidade» por V. V. Majovko e P. V. Makarov (Editorial Estampa — Biblioteca Básica de Cultura)
- «Conhecimentos, aptidões e hábitos no processo de ensino» por M. A. Vanilov (Editorial Estampa — Biblioteca Básica de Cultura)
- «A criança e a expressão dramática» por Pierre Leenhardt (Editorial Estampa — Técnicas de Educação)
- «Ouviam-se vozes ao longe» por Fausto Lopo de Carvalho (Parceria A. M. Pereira, Lda.)
- «O copo dos dados» por Max Jacob (Editorial Estampa — Novas Direcções)
- «Aventuras de Tom Sawyer» — por Mark Twain (Livros Unibolso).
- «Livro de Visitas» — por Rogério Rodrigues (Edição do autor).
- «O amor do soldado» — por Jorge Amado (Publicações Europa América).

O GÉNERO POLICIAL: EXTINÇÃO OU REN

Por BERNARDO MARQUES

Nascido das contradições de uma sociedade num beco sem saída, em que a vida humana chega a ter o preço exacto de um balázio ou de uma dose de barbitúricos, o género adquire, com a irrupção do socialismo na arena da literatura, uma nova perspectiva pela qual já caminha.

UM dos géneros literários mais discutidos, desde o seu próprio nascimento, é a novela policial. Com pouco mais de um século de existência, tornou-se, com o decorrer dos anos, o prato forte de milhares e milhares de leitores. Centenas e centenas de editoriais extraem do género apetecíveis lucros e fomentam com «devoção e amor» o gosto pelos assaltos e assassinatos, pelo desaparecimento de mulheres tentadoras, pela brilhante inteligência do detective de ocasião; por todo um mundo, aliás, sub-humano, de violência e sexo. Cenários deslumbrantes, aviões particulares que viajam com falsas matrículas, esquisitos manjares oferecidos com

a ideia de alertar o investigador para que se ponha fora do raio de acção do assassinato organizado, fantásticos métodos de eliminação física são, entre outros, o condimento essencial para temperar as narrativas.

Para alguns a novela detectivesca é simples e francamente uma fraude, para outro a mais perfeita e acabada arte de novelar. Um e outro critério vão sem dúvida até aos extremos: nem absoluta fraude, nem autêntica perfeição. O termo médio entre ambas as coisas, sem que, por isso, se pense na conciliação de ambos os pontos de vista.

Procurando os seus antecedentes históricos, teríamos de remontar até à época dos Césares. Paul Jorin encontrou cartas de Plínio, o Novo, nas quais este relata histórias criminais. Arquimedes, diz-se, foi um dos primeiros detectives da História, ao descobrir uma fraude efectuada por um artesão a quem Hieron, rei da Siracusa, tinha mandado fazer uma coroa de ouro. Édipo, a quem o oráculo tinha predito que mataria seu pai e coabitaria com sua mãe, uma vez instalado no poder, abriu uma investigação cujo resultado foi o desenlace fatal da tragédia. Hamlet, de certo modo, é um detective que trata de resolver a incógnita da morte de seu pai. O Zadig, de Voltaire, pode considerar-se, de certo modo, como um Sherlock Holmes em potência. Até na mitologia grega se podem encontrar antecedentes. O que é Caco, o ladrão, senão o primeiro delinquente que utilizou falsas pegadas, para despistar os seus perseguidores? Um sinólogo holandês deitou por terra, há muito pouco tempo, a ideia de Poe ser o primeiro a exumar um manuscrito anónimo do século XVIII em que se mostram os métodos do Juiz Ti, famoso nas cortes dos imperadores Tang, para resolver mistérios detectivescos.

Quer queiram, quer não, Poe, se não foi o primeiro, sem dúvida, traçou as linhas de desenvolvimento da narrativa policial até agora vigente. Provocou em todo o mundo da literatura um estremecimento que ainda perdura, não apenas com os seus três contos policiais, mas com toda a sua obra, com as suas proposições e meditações existenciais. Com ele e na mesma época, saiu à palestra Wilkie Collins, ainda influenciado pelos cronicões góticos — O Castelo de Otranto, Frankestein, Mistérios do castelo de Udolfo — entrega com A pedra lunar «a melhor novela policial que se tem escrito», segundo opinião dos ingleses Chesterton e T. S. Eliot.

Pois bem: Como explicar o próprio facto do renascimento do género, tendo em conta os antecessores citados anteriormente? A nosso ver, são dois os factores primordiais que insidem no final do século passado nesta nova abertura, que desde esse momento se converte numa constante praticada por escritores das mais díspares latitudes: o aparecimento da «polícia cientíicia», cujo pai, Alphonse Bertillon, introduziu na investigação criminal métodos de localização, análise e estudo; e o desenvolvimento económico da sociedade.

Se Balzac pôs em relevo, em toda a sua obra, a podridão de um mundo em que o ouro é o único padrão de medida, onde os valores humanos desaparecem, cedendo o passo às ambições mais ruins e aos sentimentos mais turbulentos, a novela policial, por seu lado, leva, até ao superlativo, a exposição das fundas contradições do regime social.

Se é certo que a epopeia é considerada como a infância e a juventude da literatura e a tragédia como a forma da consciência e da morte e a novela como o padrão literário da maturidade viril dos povos, em estreita correspondência com a sociedade burguesa pós-revolucionária, em busca da harmonia perdida entre o herói e o mundo, não é de estranhar, pois, que ela própria engendre e ilumine um género que oferece ao leitor comum a possibilidade de se aferrar a um protótipo de homem romântico, valente, puro, íntegro, e arquétipo do bem na terra.

Com Edgar Allan Poe na América do Norte e Collins e Arthur Conan Doyle na Inglaterra, vão ficar bem definidas as duas correntes fundamentais do género, caminho pelo qual marcha em maior ou menor medida toda a literatura deste tipo, desde então até agora: indutiva e realista, incluindo-se, na primeira, obras de variadíssimos autores, principalmente ingleses, cultivadores de certos traços de humor, subtilezas e finos desenlaces, enquanto que na segunda se agrupa um número relativamente pequeno (ainda que não menos importante), caracterizado em primeiro lugar por escritores norte-americanos nos quais se não reconhece o tom humorístico dos primeiros e em que o cinismo, como matiz determinante, é brutal e desconcertante.

A novela policial tem o atractivo que oferece toda a boa literatura: o prazer de nos internarmos por sinuosidades surpreendentes que a cada passo nos mostram condutas humanas, problemas psicológicos, meditações filosóficas, críticas sociais; a inusitada vitalidade do amor não cinge exactamente um corpo humano, mas transcendida a polifacetada gama que dia a dia nos oferece a vida, reunida, em suma, numa unidade coerente com um ponto de partida, um nó do problema e um inevitável desenlace.

É certo que se insere numa regra, isto é: o consabido delito, quer seja roubo, assassinato ou violação; o familiar detective e sua contrapartida; a insuperável mulher que, com os seus encantos, provoca o amor do quase sempre outonal detective, cuja solidão se vê de quando em vez alumiada pelo mágico clarão de uma destas feiticeiras sílfidas. Em certa medida é um engano (aceitemo-lo), mas pactuado de antemão entre o escritor e o voraz leitor. Se não estamos em presença de uma novela histórica, que também possui as suas manhas de ficção, há que admitir que desde a Odisseia até estes momentos, 80 por cento da literatura (para não dizer 99) repousa em linhas temáticas inventadas, na sua totalidade ou recriadas pelo escritor.

Joseph Wood Krutch propôs o ano de 1925 como marco inicial do género, tal como o conhecemos. Já naquela época se iam pulindo as técnicas da investigação que agora têm no seu activo recursos científicos capazes de fazer tremer Rocambole e o próprio Rafles. Era o momento da abundância premonitória do grande descalabro bancário de 1929. O sistema capitalista estava em festa... aparentemente. Nos Estados Unidos a histeria antiproletária fez das suas. O «gangsterismo» e a «mafia» campeavam, por seu lado.

Nesse tempo já escrevia um homem que iria marcar toda a restante literatura deste tipo: Dashiell Hammlett, em quem o género encontra, segundo André Gide, um autor de mão mestra que bem poderia enfrentar um Hemingway ou um William Faulkner. Da sua pena nasce, em obstinada sucessão, Colheita vermelha, O falcão maltês, A chave de cristal e dá vida a uma personagem de recorte único: Sam Spade.

Neste período surgiram também as primeiras novelas da demoníaca Aghata Christie, a mulher que mais tem ganho com os seus crimes, depois de Lucrécia Bórgia, segundo se tem dito, mais traduzida do que Cervantes e que o próprio William Shakespeare.

Daqui em diante o que tinha sido consumo maciço de apenas algumas camadas sociais passou embrulhadamente ao primeiro plano.

Sucederam-se as discussões e os debates. Entretanto, as casas editoriais fizeram planos de edições de todos os tipos e abarrotaram as livrarias de novos e novos títulos. A irrupção trazia aparelhado o arrivismo ao género de dezenas e dezenas de escritorzecos baratos, que punham sobre o tapete a sua mediocridade. Assim, fomentava-se em comércio, cuja mercadoria tem sempre consumidores maciços. Georges Simenon, um dos mais prolíficos escritores belgas contemporâneos, declarava numa entrevista, anos antes da sua retirada definitiva do «mundo do crime», que o seu sistema de trabalho era escrever uma novela numa semana. E não se pense, nem por uma fracção de segundo, que este homem pertence ao grupo dos impostores! Pelo contrário. Simenon é, aliás, em conjunto com esse prestidigitador do tema policial, Maurice Leblanc (autor do caprichoso Arsenio Lupin), um dos mais importantes novelistas desta corrente, na Europa.

Os psicanalistas que se dedicaram a investigar o porquê do êxito do género chegaram a diversas conclusões. Leopold Belliac assinala, por exemplo, que na novela policial se identifica primeiro a ansiedade, logo seguida por uma total sensação de alívio. Quer dizer que até os pontos mais débeis da consciência do leitor, para onde são dirigidos os disparos, são alvos de convergência dos esforços dos editores. E isto é assim, não apenas para se extraírem lucros esmagadores. Obviamente palpam-se factores ideológicos bem definidos.

Se um homem é um explorado e tem de manter uma denodada luta contra o meio social que o rodeia, se a cada passo que dá o assaltam milhares e milhares de inimigos, se só pode esperar golpes inesperados; se em qualquer esquina tortuosa ou não, de noite ou em plena luz do dia, pode ser agredido impunemente e se a sua segurança é exactamente a do desequilíbrio, só pode ou rebelar-se ou, infelizmente, evadir-se.

Daí que a imersão num feixe de páginas, nas quais sabe que vai sair airoso o que quotidianamente não triunfa, é para este um brinde, como que um abrigo em que se pode refugiar sem sentir qualquer espécie de vergonha. Mas, além disso, consegue coisas muito mais importantes: identifica-se com um herói que se move, regra geral, no seu próprio contexto ou noutro similar, com quem compartilha as suas alegrias e as suas mínimas derrotas; ama com ele a frágil ninfa que acaba de sorrir-lhe, brindando-o, a toda a vista, com ternura e um pouco de compreensão. Triunfa, finalmente, com Maigret ou com Hercules Poirot, para em seguida se espreguiçar diante da sua realidade imediata e comprovar que a criação requer, reclama e lhe ur-

CONAN DOYLE

ALLAN POE

WILLKIE CO

NASCIMENTO

a ele, só a ele, algumas
cessidades inadiáveis, pal-
elmente peremptórias.
literatura de evasão? Depen-
em parte, do que se com-
ende como tal. Porque há

do tempo em que vivemos, fica mal aos académicos e, pelo contrário, quadra bem com o género. Procure-se Henry Miller em qualquer história da literatura... Nada, au-

GEORGES SIMENON

confessar que nenhuma
tas realizações, breves ou
ensas, falam de sucessos
se desenrolam em países
picos. Nada disso. A droga
tráfico de diamantes, o
ro e o familiar que agoniza
a já tradicional herança do
ou do tutor, não existem
países de neves ou em co-
rcas encantadas. Aí está a
le fria e narcotizante de
va Iorque, aí está Chicago,
nbras dantescas sobre os

LLINS

anhacéus; aí está Paris
n o seu leque de luzes e
liscências. Nada mais per-
da realidade.
Nenhuma perspectiva literá-
recolhe em suas doutas
entações (ao que sabemos),
género policial; nenhuma
tória da literatura «séria»
ocupa deste mester. Isto,
mo é sabido, não é tão im-
rtante como parece. O facto
se tratar de iludir o tema
de omitir dos catálogos
is ou menos eruditos uma
expressões mais típicas

sência total, nem uma linha, nem ao menos uma citação. Salvo honrosas excepções, quando o abordam só lhe dirigem qualificativos de soez, tosco, pornográfico, embora Miller tenha mostrado, como o melhor, o rosto, já não tão oculto, do império do dólar.

Entretanto os tempos têm mudado.

Regra geral a boa literatura, quer queiram, quer não, tem sido rebelde por si própria. E é lógico.

Friedrich Dürreumatt publicou recentemente uma dessas perfeições, que pariu o género: *A Promessa*, título ao qual o autor adiciona, lapidarmente: *Requiem pela novela policial*. Os que tiveram a sorte de saborear esta pequena obra na qual um homem enfrenta com brio e formidável esperança o destino que lhe cabe, valendo-se das suas qualidades de raciocínio, deslindar espectacularmente o porquê e o como do enigma para depois cair derrotado por uma trivial e simples casualidade, sabem, mais do que o próprio autor que as portas do género policial não estão fechadas. Nem sequer entreabertas.

Como afirmar que a novela policial tem os dias contados? Graham Green, que, por momentos, percorre os caminhos da novela detectivesca pode ser um bom exemplo da perenidade que respira esta modalidade literária. Valendo-se da problemática psicológica das suas personagens, às quais às vezes se submergem em profundas águas de reflexões oníricas e outras numa aprazível ressaca de meditações, onde a complexidade do cérebro humano traça arabescos às vezes impossíveis de supor, lança os seus heróis em conflitos

(Continua na pág. VI)

PRONTUÁRIO DAS LETRAS

HISTÓRIA DE TRÁS

Uma ocasião apanharam um homem de cabelo curto que roubaram e lhes achei graça e razão. O tal vinha a cavalo num macho e trazia uma mala com cinco mil cruzados que tinha furtado numa feira, segundo ele confessou depois a um corretor, o qual corretor também os tinha furtado a outro num negócio que tiveram e lhos negara depois; o qual outro também os tinha furtado a um que os tinha furtado a outro. Mas esta história vem mais de trás, e por isso não me meto com ela.

ANTÓNIO MANUEL POLICARPO DA SILVA, «O Piolho Viajante», Estúdios Cor, Lx.ª, 1973.

MARTINS GARCIA (1)

Em pouco tempo o crítico José Martins Garcia, nosso camarada de trabalho, conhece as delícias da edição portuguesa ao ver lançados, com semanas de intervalo, dois livros: primeiro «Feldegato Cantabile» (Livraria Paisagem, col. Paisagem, n.º 7) e agora «Katafaraum é uma Nação» (Assírio & Alvim, Cadernos Peninsulares, nova série, n.º 5 da secção Literatura). Fartura só aparente — nada obsta a que se descubram os dois títulos quase contemporâneos, com a vantagem, até, de mutuamente se iluminarem.

«Feldegato Cantabile» é, da verrina ao estalo, um exercício de humor. Humor sobre um país, uma classe (detentora do poder), uma cultura (dominante). Jovem docente universitário Martins Garcia está em rebelião armada (de palavras cáusticas) contra o «Establishment», não poupando entre todos o «clerc», essa figura claustral para quem a liberdade, como o latão, é uma coisa que apanha verdete. A denúncia de toda uma menoridade de comportamento chega, assim, à insurreição verbal, patente em repetidos jogos de puro «kitsch» que lembrando algo do nosso surrealismo dos anos 40-50, gozam de alto com a literatura instalada. Um gozo, uma denúncia de que não se ausentou a infinita pena pela pobre, triste, miserável «gente de gatas». Exclamará o autor a pp. 101-102: «tu és o ser. tu és a língua no acto de te criar em cativeiro. na conjugação que te projecta gramaticalmente. na cúpula das paternas horas vagas. na vaga cópula. no sémen que transbordou. na esterquilínea aura clássica do teu Indo-europeu verbo ser, o aberto, o aborto, o belo alimentar dos dias magros, o teu queixal murmúrio para o ser. o teu rosnar de animal mal pago, milagreiramente substanciado. tua palavra mágica, a que te impede a penduração lógica. ó rebanho, ó célula, ó patrícios, ó ser!»

MARTINS GARCIA (2)

«Katafaraum» divide-se em duas partes. Na primeira Martins Garcia incluiu bastante material (de humor) já publicado no «Fim-de-Semana» da «República», acrescentando-lhe alguns capítulos inéditos. Na segunda oferece-nos sete «Contos Katafaraónicos».

Sob o disfarce de uma civilização sumida sob as águas, Katafaraum é este país real onde vivemos. O autor reinventa-o pela distorção, usando para tal de uma linguagem parodiada da do século XVIII, pretensamente clara, precisa e pragmática, mas inçada (técnica da surpresa) de calemburs e picantes neologismos. Por vezes os textos — tipografia à espera, suplemento para fechar... — limitam-se à gargalhada desenfastiada, mas mesmo esses adiantam estrategicamente a demolição geral.

A segunda parte, um «Katafaraum» que cresce página a página de desespero, começa por evocar o mundo rural açoriano, terra de «heróis» que o não são (são, sim, arquétipos da ingenuidade, da beatice, da safadeza) e «diabos» de cotio, intrusos na casa de cada qual ou simplesmente à espera num ermo, para no derradeiro capítulo, «a Linguagem», nos surpreender com dois contos extraordinários, «Competência» e «Perfomance», que ficarão como esboço da futura obra narrativa de Martins Garcia. Um esboço muito seguro, acrescente-se já, pelo invulgar domínio da progressão dramática, e que nos leva a perguntar se não será este, feitas as contas aos seus dois livros de 1974, o Garcia autêntico que a bonomia, a verve, a contundente invenção ocultavam até aqui.

NEJAR

Em 1972 a Moraes chamou a atenção do leitor português para «Dois Poetas Novos do Brasil»: assim se chamava a antologia conjunta de Armindo Trevisan e Carlos Nejar, prefaciada polr António Ramos Rosa. No ano passado Trevisan voltou ao Círculo de Poesia, agora em volume autónomo, «Corpo a Corpo»; há semanas sucedeu coisa idêntica a Nejar, de quem foi lançado o original «O Poço do Calabouço».

Nejar (Luiz Carlos Verzoni Nejar) é gaúcho de Porto Alegre. Advogado, professor; 35 anos; em literatura um dos nomes considerados mais importantes da geração brasileira de 60. (Tem o Prémio Jorge de Lima, atribuído em 1969 pelo Instituto Nacional do Livro ao então inédito «Ordenações IV»). A sua poética já foi descrita como «um inventário da condição humana», e a simples leitura deste «Poço do Calabouço» diz-nos a que ponto o autor recorta, e eventualmente denuncia, o sufocante mundo em sua volta. Fora de toda a dimensão mítica, que lhe alimentou os primeiros livros, Nejar assume-se como testemunha de um processo de «cerco e destruição» que não afecta somente a cultura. A esse título compreendemo-lo bem quando quase grita: «Liberdade,/ sem genealogia, / sempre renasces. /.../ Padecerás / a unânime agonia./ascenderás ao céu/de corpo e alma, / sempre renasces. / /Nós te geramos».

Brasil, 1974

ROMANCE CONTADO

Em 1968 o peruano Mario Vargas Llosa foi convidado a proferir uma conferência na Universidade Estadual de Washington. Um amigo corrigiu-lhe o incipiente inglês. Três anos depois o editor catalão Tusquets manifestou interesse por esse texto, que o escritor reviu nas Baleares. Eis contada a história de «História Secreta de uma Novela», agora traduzida para português pela Assírio & Alvim e integrada na col. Mínima com o título (mal traduzido) de «História Secreta de uma Novela». Um pouco mais de atenção teria bastado para se reparar a tempo que o castelhano «novela» é o nosso «romance»; a portuguesa «novela» chama-se «novela corta» em toda a área linguística de Vargas Llosa.

Por um destes acasos que se não explicam, a «História Secreta» relata em pormenor as circunstâncias de feitura do romance «La Casa Verde», o qual... não existe em tradução portuguesa. Enfim, Assírio & Alvim terá as suas razões, e oxalá elas sejam muito simplesmente a velada notícia de que a versão está preparada. Acontece com Vargas Llosa isto: a sua única obra passada ao português é o penúltimo romance (último, cremos, à data do contrato), «Conversação na Catedral», continuando no limbo também «La Ciudad y los Perros» e «Los Cachorros», e naturalmente o recente «Pantaleón y las Visitadoras», de 1973. Como divulgação de um autor não se acharia pior.

«INICIAL»

Recebemos o n.º 1 dos «Cadernos Inicial», cuja proveniência não conseguimos apurar. Coordenação de Jorge Cardoso e Luís Fialfa.

Este primeiro número tem como colaboradores também Correia Pais, Santos Barros (dos cadernos «Glacial», de Angra do Heroísmo), David Mestre (idem), Carlos Alves Pereira, Horácio N. X. de Matos e Alberto Martins Rodrigues. Tal como o «Glacial», compõe-se de poemas (maioria de), alguma prosa e notas de leitura. As participações realmente interessantes são assinadas por Barros e Mestre, este último com um poema-montagem utilizando declarações de Alçada Baptista e Alexandre O'Neill.

F.A.P. (em 23.4.1974)

OS CRISTÃOS-NOVOS COMO «FORÇA DE OPOSIÇÃO»

(Continuado da pág. III)

único por onde se plasmem todos os caracteres e maneiras de proceder. É a contestação permanente com que depara o Santo Ofício na península, com que deparam mais ou menos todas as comunidades conforme o grau de abertura mental por que se regem. É por a repressão começar sempre pelo pensamento que a matéria religiosa é a primeira a ser unificada nas sociedades monolíticas. A força de oposição busca antes uma maneira de ser livre do que a prática deste ou daquele culto, o domínio desta ou daquela doutrina. E o cristão-novo mostra-se tão renitente na sociedade católica, como em ambiente luterano ou calvinista. A contestação é a mesma. «Para compreendê-lo tanto do ponto de vista social como psicológico, para compreender seu comportamento contraditório, ilógico muitas vezes, incoerente, sua personalidade conflituosa, resultantes de sua própria visão do mundo, devemos situá-lo diante de duas realidades que enfrentava: a cristã e a judaica; ou melhor, o «mundo» cristão e o «mundo» judeu. Vivia no primeiro sem ser aceite, era identificado com o segundo sem o conhecer. Se era judeu para os cristãos, o que era para os judeus?»

Esta interrogação da investigadora brasileira põe ao vivo o problema de milhares e milhares de inconformistas que passaram pelos cárceres do Santo Ofício, identificados com um culto que mal sabiam o que fosse e com uma religião que para eles se cifrava antes numa forma de inconformismo com o meio ambiente. A perseguição visa também mais as fórmulas, ritos de contestação, manifestação de não-aceitação, ânsias de mudança e novidade, do que uma crença ou religião impossível de coexistir com malha policial tão apertada como a inquisitorial. Visa acima de tudo a extirpar dos espíritos qualquer laivo de inconformismo, de oposição, para que a imobilidade religiosa e social seja perfeita. Como na vida mística, também nas sociedades conservadoras o cume da perfeição está na aceitação plena, na identificação da nossa vontade com a vontade divina manifestada através dos seus intérpretes oficiais. E temos nas denúncias do Santo Ofício, o «material fundamental que nos leva àquela parte da população portuguesa que se manifestava do ponto de vista religioso, ético ou mesmo político, contra a ordem estabelecida. Ou que, ao menos, assim era vista pela ordem dominante».

O GÉNERO POLICIAL

(Cont. da pág. central)

nos quais o quid da trama tem o seu ponto de arranque e epílogo, nas esferas periféricas do cérebro e somente neste.

Isto seria mais do que suficiente, mas, no entanto, há mais.

Um homem respeitado por seus filhos e pela sociedade renuncia a tudo para passar ao mais opaco anonimato e, a partir daí, lançar-se numa actividade que só será conhecida, no melhor dos casos, quando os seus ossos se queimarem ao sol e dele só ficarem as palavras ouvidas e a recordação da sua entrega e da sua esperança.

Um homem que amou e teve sonhos, que foi feliz à sua maneira e teve todas as possibilidades de ver seus filhos crescerem e multiplicarem-se com o amparo dos seus braços, bate-se agora, dia a dia, contra o inimigo na costa, na fronteira de um país longínquo, vá lá saber-se onde. O tom épico eleva-se aqui com marcado acento humano, muito longe da desumanização que por vezes assume o género.

Daí a importância do recém-instaurado concurso literário «Primeiro de Janeiro».

Toda a problemática destes anos de confronto total se voltará com o tempo nos moldes desta modalidade novelística. Em cada ano são mais os escritores cubanos que participam no certame. Não obstante, há que insistir na procura de novas formas expressivas, dentro do género. Enigma para um domingo, de Cárdenas Acuña, é uma deliciosa novela a que só se pode fazer um reparo: Hammett e Chandler estão ainda muito presentes nela.

A matéria está aí e as possibilidades abertas de par em par.

Vale a pena intentar uma resposta à nossa pergunta inicial. Cremos sinceramente que assistimos a um renascer, na base de factores já apontados neste artigo. E Poe, Collins, Doyle, Hammet e Chandler, para citar uns tantos, serão uns já nada próximos precursores.

GABINETE NUNO MONTEIRO
ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DE EMPRESAS, S. A. R. L.

RELATÓRIO DO EXERCÍCIO DE 1973

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Embora as receitas tivessem diminuído em relação ao ano anterior, foi possível apresentar um resultado positivo superior ao do ano anterior em virtude de ter sido possível reduzir o custo dos colaboradores da Empresa.

Assim, propomos que o saldo da conta de Ganhos e Perdas seja transferido na íntegra para Reservas Livres.

Lisboa, 18 de Fevereiro de 1974.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Nuno Manuel Cordeiro Monteiro — Presidente

GESPROCONTA — Sociedade de Aquisição e Gestão de Propriedades do Continente, SACRL, representada por *Aloísio Armando da Costa*

Sociedade Imobiliária do Murtal, SACRL, representada por *Maria Madalena Baptista Monteiro*

BALANÇO GERAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1973

ACTIVO

DISPONÍVEL			
Caixa			244 797$20
REALIZÁVEL			
Clientes		487 509$50	
Prov. p.ª Dívidas Incobráveis		– 19 500$40	468 009$10
IMOBILIZADO			
Viaturas Ligeiras	363 773$00		
Amortização	– 267 622$60		96 150$40
Títulos em Carteira			4 000$00
			812 956$70

PASSIVO

EXIGÍVEL			
Credores Diversos			12 350$00
SITUAÇÃO LÍQUIDA			
Capital Social	500 000$00		
Reserva Legal	125 000$00		
Reservas Livres	48 746$90	673 746$90	
Lucro do Exercício		126 859$80	800 606$70
			812 956$70

Lisboa, 31 de Dezembro de 1973.

O TÉCNICO DE CONTAS

Manuel Alcindo Antunes Frasquilho

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Nuno Manuel Cordeiro Monteiro — Presidente
GESPROCONTA - Sociedade de Aquisição e Gestão de Propriedades do Continente, SACRL — representada por Aloísio Armando da Costa
Sociedade Imobiliária do Murtal, SACRL — representada por Maria Madalena Baptista Sobral Monteiro

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS

ENCARGOS	
Custo das Vendas:	
Remuneração a Colaboradores	2 283 875$00
Despesas Gerais:	
Remunerações e outros encargos com pessoal	325 000$00
Amortizações	72 754$60
Contribuições e Impostos	32 151$00
Provisão para Dívidas Incobráveis	19 500$40
Outros Encargos	79 382$20
	2 812 663$20
Lucro do Exercício	126 859$80
	2 939 523$00
RECEITA	
Vendas:	
Prestação de serviços de organização	2 939 523$00

O TÉCNICO DE CONTAS

Manuel Alcindo Antunes Frasquilho

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Nuno Manuel Cordeiro Monteiro — Presidente
GESPROCONTA - Sociedade de Aquisição e Gestão de Propriedades do Continente, SACRL — representada por Aloísio Armando da Costa
Sociedade Imobiliária do Murtal, SACRL — representada por Maria Madalena Baptista Sobral Monteiro

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas:

Em obediência às disposições legais procedeu o vosso Conselho Fiscal ao exame das Contas do Exercício findo em 31 de Dezembro de 1973.

Acompanhámos sempre as deliberações do Conselho de Administração e verificámos, periodicamente, as contas e os valores existentes e sempre encontrámos tudo na melhor ordem. Assim, temos a honra de propor:

1.º Que sejam aprovados o Relatório, Balanço e Contas relativos ao exercício de 1973;

2.º Que ao saldo da Conta de «Ganhos e Perdas» seja dada a aplicação proposta pelo Conselho de Administração.

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1974.

O CONSELHO FISCAL

Francisco Ferreira Pinheiro — Presidente
José da Silva Alferes
Jaime Alves da Silva
Fernando de Jesus Cabral

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ALMADA

ANÚNCIO

No dia 16 do próximo mês de Maio, pelas 10 horas, no Tribunal desta comarca, nos autos de carta precatória dimanada da Execução de sentença que pende no 6.º Juízo Cível de Lisboa contra os executados JÚLIO SANTOS SILVA PAIS e mulher, ALICE PINHEIRO DOS SANTOS PAIS, residentes na Av.ª Dr. Oliveira Salazar, 35-3.º E, na Trafaria; e outra, há-de ser posta em praça pela primeira vez, para se arrematar ao maior lanço oferecido acima do valor indicado no processo a quota que o executado JÚLIO possui na sociedade por quotas de responsabilidade limitada, VOPAUTO — Vendedora de Acessórios para Automóveis, Lda., com sede na Rua Cândido dos Reis, 115 em Cacilhas, desta comarca.

Almada, 22 de Abril de 1974.

O Juiz de Direito,
(Ilegível)

O Escrivão de Direito,
José António de Almeida

passatempo

SENHOR BIGODES

por HANAN

JEBB COBB

por PETE HOFFMAN

humor sem palavras

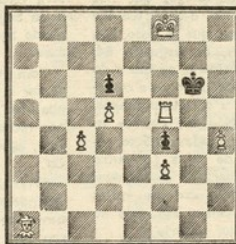
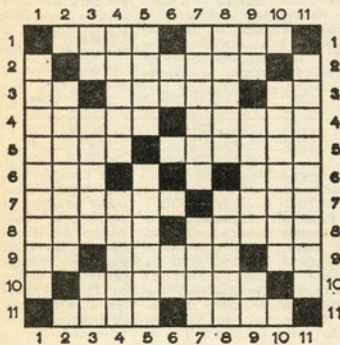
ÁLVARO PEREIRA

DIAGRAMA N.º 148

Difícil problema de Dobrusky. As brancas dão mate em três.

SOLUÇAO DO DIAGRAMA N.º 147

1 Bg1!! hg 2 Rh4!! a2 3 Cg5! h1D (3... hg?? 4 Cf3) 4 Rg3!! Rf6 5 Ch3!, e as pretas não conseguem ganhar, pois a dama está encerrada «ad eternum»!!

— Tenho muito más notícias para ti, meu velho!

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 — Cruel imperador romano; manto. 2 — Óleo extraído da mafurreira. 3 — Aqueles; olhar; símb. quím. do cobalto. 4 — Conquistar; paul. 5 — Condutor de palanquim na Índia; manifestação de um sentimento. 6 — O m. q. vale; abismo (fig.). 7 — Escolhido; cidade e porto italiano no Adriático. 8 — Contrac. de prep. e pron. demonstrativo; semblante. 9 — Basta; padiola para transportar imagens; ruim. 10 — Mandão. 11 — Luta; macaco americano.

VERTICAIS: 1 — Leste. 2 — País da África Oriental. 3 — Preposição; calamidades; nota musical. 4 — Lanço secundário de estrada; filho de Abraão e de Sara, marido de Rebeca. 5 — Região do Oriente, onde Salomão mandava buscar oiro; debilidade geral. 6 — Cidade da antiga Caldeia; compaixão. 7 — Grosseiro; branqueamento. 8 — Tapeçaria antiga para paredes; título de nobreza. 9 — Ferramenta de sapador; vergel; abreviat. de litro. 10 — Pequena câmara. 11 — Colorir.

SOLUÇÃO

HORIZONTAIS: 1 — Nero; capa. 2 — Mafurra. 3 — Os; mirar; Co. 4 — Tomar; sapal. 5 — Amal; assomo. 6 — Val; mar. 7 — Eleito; Bari. 8 — Nisso; cariz. 9 — Tá; andor; má. 10 — Maioral. 11 — Liga; saio.

VERTICAIS: 1 — Sotavento. 2 — Somália. 3 — Em; males; mi. 4 — Ramal; Isaac. 5 — Ofir; atonia. 6 — Ur; dó. 7 — Crasso; cora. 8 — Arrás; barão. 9 — Pá; pomar; Lt. 10 — Camarim. 11 — Colorizar.

A DUNA

ROMANCE DE RAY RIGBY

1

CAPÍTULO I

O primeiro camião atravessou os portões abertos do Campo de Detenção. O oficial chefe dos guardas, ou só o chefe, como é normalmente chamado, virou a cabeça e cuspiu para o lado quando a nuvem de poeira e areia levantada pelo rodado o envolveu da cabeça aos pés. Tossindo e praguejando, fechou os portões e olhou para o camião, que, tendo parado uns cem metros mais longe, manobrava de forma a ficar virado para o lado donde tinha vindo. O condutor deitou a cabeça de fora da cabina e olhou para trás. Tinha a cara branca como a de um palhaço, devido às pastas que o suor, a areia e a poeira tinham formado. Devagar, manobrou em marcha atrás, estacou o camião, engrenou o motor, accionou a alavanca de forma a levantar as traseiras quase a pino e ficou-se a olhar o carregamento de areia a escorregar para o chão. Só depois saltou para fora da cabina, acendeu um cigarro e esboçou um sorriso para a linha sombria formada pelos prisioneiros, que, encostados às pás, esperavam o momento de começar a trabalhar.

Os prisioneiros espiavam o motorista a fumar, encostado a um dos lados do camião, e ele dava grandes fumaças olhando-os de esguelha.

— Para que vai servir isto? — perguntou apontando para o monte de areia que se tinha formado.

Ninguém lhe respondeu.

Voltou a dar uma olhadela para o grupo e exagerou o prazer que estava a sentir em fumar o cigarro. Tal como os prisioneiros, estava nu da cinta para cima e o corpo queimado era de um castanho escuro. Trazia óculos que o protegiam da poeira, e nisso era mais afortunado do que os prisioneiros que ali estavam.

(Continua)

OBRA CEDIDA POR PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

Caxias. O pátio, os abraços, a manhã nova. Registámos para o «Artes & Letras». A propósito: já viu as novidades nas livrarias? Olhe que há!

O PAI DO SETE

Terrível profissão deve ser. Quando a gente pergunta ao Sete ele — moita.

Uma vez disse que o pai era juiz, mas o Vinte e Quatro destroçou em poucos instantes a hipótese:

«O meu pai é advogado, se calhar conhece-o.»

E o Sete a acudir:

«Foi brincadeira, pá. Foi brincadeira.»

Não sendo juiz, não sendo comerciante, nem médico, o que será o pai do Sete?

Sabemos que sai com certa frequência de Coimbra. Nesses dias o Sete convida o grupo para ir lá a casa jogar futebol de botões ou ouvir rádio na galena.

«Tens uma casa porreira», dizemos ao Sete. «O teu pai deve ganhar bem.»

«Regular», faz o Sete sem grande vontade de adiantar nada.

Da última tarde que lá fomos o Dezoito lembrou-se de investigar por conta própria e sumiu-se no corredor. A malta organizava um campeonato de botões, não ligou. Estávamos nas meias-finais quando o Dezoito apareceu, excitadíssimo:

«O Sete tem uma pistola!»

Logo o Sete, a pôr água na fervura, encolhendo ombros tristes:

«É do meu pai. O meu pai não me deixa mexer na pistola.»

Mas ele mesmo voltou ao tema:

«Onde é que tu a viste?»

«Num quarto», explicou-se o Dezoito.

«Ah», ciciava o Sete, dois ou três ouvimo-lo por estarmos mais próximo. «Ah. Tem piada, o meu pai costuma levá-la sempre.»

Assim, o pai do Sete exerce uma qualquer recôndita misteriosa profissão: qual seja, não sabemos. E é proprietário de uma pistola: viu-a o Dezoito, o metediço do Dezoito. Assim, trabalha-se com pistola, o pai do Sete tem uma, costuma levá-la consigo quando sai de Coimbra. Ou será exagero nosso? Pode comprar-se uma pistola, digamos, para afastar os ladrões; para a pessoa se defender alta noite de qualquer ataque; para a pessoa se acautelar contra ameaças, sobretudo se transporta coisas de valor. O pai do Sete seria por acaso ourives, joalheiro?

«Já sei, o teu pai tem uma ourivesaria», descobriu o Vinte e Dois.

«Uma ourivesaria?», admirou-se o Sete. «Nunca nos constou nada. Mas onde é, disseram-te onde é, é cá em Coimbra?»

«Era um supor», confessou o Vinte e Dois, desanimando por inteiro.

O pai do Sete, quando foi do exercício de Português, esteve fora quatro dias. Não se despediu do filho, a acreditar no que este relata: a porta bateu no trinco ainda de noite. O Sete ouviu a mãe dizer ao pai que se agasalhasse, não apanhasse frio, puxasse a gola da camurcine para cima.

«Está longe?», perguntámos ao Sete.

Não fazia ideia.

«Tem um julgamento, recebeu um papel para ser testemunha», gemia, inquieto com a visão do tribunal, das grades da penitenciária.

Há colegas que não gramam o Sete, têm-lhe um pó que só visto. Um deles, do Segundo Bê, encostou-se ao muro do campo de jogos e começou a dar-lhe pontapés.

«Não me chames isso!», bradava o Sete, cego de raiva (o outro chamara-lhe sacana, duas vezes). «Se me voltas a chamar isso digo ao senhor reitor!»

«Pois», devolvia-lhe o do Segundo Bê. «Pois claro, vais fazer queixa ao senhor reitor. E se calhar até acode por ti, não me admirava nada.»

Apurámos que um do Segundo Dê, vizinho do que batia no Sete, tinha o pai dentro há duas semanas.

«O pai deste sacana foi a casa do senhor com mais um e levaram-no. Tiraram-lhe livros, mexeram nas roupas todas. A mãe escreveu ao bispo de Leiria mas não se sabe nada. Está preso, pronto, é o que eles dizem.»

Terrível, esconsa profissão esta: com pistola, a levar pessoas dentro, a mexer nas coisas da casa... Coitado do Sete.

Será verdade, não teria o do Segundo Bê cozinhado aquilo assim sem mais?

Com certeza foram contar o mesmo à minha mãe. Ainda há tempos recebia tão bem o Sete, agora não o quer ver.

«Trazes para cá quem entenderes, pode vir a turma toda. Mas», avisou ela, «o teu amigo Sete não. E livra-te de ires lá a casa de hoje para o futuro!»

O Sete esconde-se do grupo, entra com a pasta muito direita na mão e desanda para a carteira sem nos cumprimentar. A gente é que tem de o puxar, fazer que não vimos.

«Ó pá, ó Sete, hoje vais à baliza!»

Envergonhado, abre a pasta:

«Trouxe joelheiras de pano que a minha tia coseu.»

A amizade manda: vou centrar bolas a meia altura para o Sete brilhar.

FERNANDO ASSIS PACHECO

Livros que estavam na Pide-D.G.S., ao monte. Reconhecem-se um Steinbeck em inglês («The Pearl»), um plano do «Metro» de Paris, literatura de alcova, etc., etc. Material todo «apreendido»? Algum comprado? Em todo o caso o cuidado em guardá-lo merece uma chapelada — realmente nada se perdia ali (e alguma coisa «transformava-se»)

LIVROS & AUTORES

«VISITADORAS» NA SELVA

Apareceram em Lisboa exemplares da 3.ª edição (já!) do último romance de Mário Vargas Llosa, «Pantaleón y las Visitadoras», que já vai em 150 mil exemplares. É um título de 1973 da Seix Barral, col. Biblioteca Breve. Quanto a «royalties», faça o leitor as contas — 132$00 no escaparate português cada exemplar... Percebe agora como se pode ser escritor profissional? Lá fora, queríamos dizer.

«Pantaleón» é a história (tragicómica) de um capitão da Intendência encarregado de montar à beira-selva no Perú uma unidade especial de «visitadoras» para o bem-estar dos expedicionários. O computador escolheu o seu nome e tudo parece encaminhar-se para o sucesso, mas no fim as soldadeiras tornam-se um problema tão bicudo que Pantaleón acaba desterrado...

OUTRO «BEST-SELLER»

«Portugal e o Futuro», de António de Spínola (Arcádia Editora), entrou também na 3.ª edição. Só agora algumas livrarias puderam satisfazer as longas listas de pedidos que tinham para o volume, já que as duas primeiras «fornadas», conforme apareceram, logo desapareceram. O livro segue a caminho de outros mercados.

NOTÍCIAS DE LESTE

Simultaneamente a Seara Nova e as Edições Maria da Fonte chamam a atenção para dois países do chamado Leste: a U.R.S.S. e a República Chinesa. Da Seara, na colecção de Leste a Oeste: «Duas ou Três Coisas» («Deux ou Trois Choses que je sais de l'Union Sovietique»), de Martine Monod. Da Maria da Fonte: «A Metade do Céu — O Movimento de Emancipação da Mulher na China», de Claudie Broyelle.

AS IMPORTAÇÕES

Visto e registado em livrarias de Lisboa: uma quantidade de traduções de Wilhelm Reich para francês (atenção que desaparecem num instante); a tradução, também para francês, de um texto polémico de Norman Mailer, que aparece como «Prisonnier du Sexe» («Réponse aux Femmes Libérées») nas Editions Robert Laffont; e «Teoria e Invenzione Futurista», («Manifesti, Scritti Politici, Romanzi, Parole in Libertà»), de Marinetti, com a chancela da Mondadori.

Numa livraria da Rua Nova da Trindade surgiu bom fornecimento de «Jackdaws». Temas (alguns) — a guerra peninsular, a peste em Londres, o aparecimento e desenvolvimento da escrita, a batalha de Trafalgar. Os «Jackdaws» são umas pastas sobre o comprido, contendo muito material fac-similado e algumas folhas explicativas de apoio. Em inglês, claro. Mas nada obsta a que um pai extremoso, bilingue, paciente e com vocação para animador cultural pegue numa pasta destas e comece a mostrar aos filhos como se fez a História.

LEITURAS DE NELLY COELHO

Nelly Novaes Coelho publicou nas Edições Quíron, de S. Paulo, o volume de ensaios «Escritores Portugueses», entretanto importado por livreiros portugueses (de Lisboa, que saibamos). Os escritores são seis, de Aquilino a Ruben A., e o livro vende-se a 165$00.

Registemos os títulos: «Aquilino Ribeiro, o Demiurgo Beirão»; «Pão Incerto, Romance Neo-Realista?» (sobre Assis Esperança); «A Consciência Histórica de uma Geração» (sobre Augusto Abelaira); «Fernando Namora, o Testemunho do Humano»; «O Delfim, uma Obra Aberta» (sobre José Cardoso Pires); e «Ruben A., a Polaridade Essencial de sua Cosmovisão».

FILOSOFIA NA DOM QUIXOTE

Lançamento das Publicações Dom Quixote: «A Filosofia Mdieval do Século I ao Século XV», vol. II da «História da Filosofia» dirigida por François Châtelet. Cinco autores reunidos: Anuar Abdel-Malek, Abdurraman Badawi, Benedykt Grynpas, Patrick Hochart e Jean Pépin.

Da mesma editora: o Novo Caderno Dom Quixote n.º 17, «Automóvel — Paraíso Perdido», com textos de Emma Rotschild, René Dumont e Georges Friedmann; e a 2.ª edição de «Estrutura da Economia Internacional», de Ramón Tamames (n.º 28 da col. Universidade Moderna), obra que fora divulgada há escasso ano e meio.

DE NOVO OS LIVROS ZERO

Saudemos o regresso dos Livros Zero, que se publicam no Porto ao cuidado de José Soares Martins. Regressaram com «História Literária como Desafio à Ciência Literária. Literatura Medieval e Teoria dos Géneros» (o ponto final no meio é de rigor), de Hans Robert Jauss. Oxalá não parem é os caderninhos pequenos, do mesmo editor, e se possível com a mesma intenção de actualidade que os tornou conhecidos.